

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**JOÃO VÍTOR SAMPAIO DE MOURA**



**POR UMA ESCUTA TRANSGRESSORA: DISCURSIVIDADES PRATICADAS POR  
MULHERES TRANSEXUAIS, POR MULHERES TRANSGÊNERAS E POR  
TRAVESTIS AO FALAREM SOBRE SI**

**UBERLÂNDIA-MG  
2022**

**JOÃO VÍTOR SAMPAIO DE MOURA**

**POR UMA ESCUTA TRANSGRESSORA: DISCURSIVIDADES PRATICADAS POR  
MULHERES TRANSEXUAIS, POR MULHERES TRANSGÊNERAS E POR  
TRAVESTIS AO FALAREM SOBRE SI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

**Área de concentração:** Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

**Linha de Pesquisa:** Linguagem, Ensino e Sociedade.

**Orientadora:** Profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti.

**UBERLÂNDIA-MG  
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

M929p Moura, João Vítor Sampaio de, 1996-  
2022 Por uma escuta transgressora [recurso eletrônico] : discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si / João Vítor Sampaio de Moura. - 2022.

Orientadora: Simone Tiemi Hashiguti.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.7021>

Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Hashiguti, Simone Tiemi, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

---

CDU: 801

Glória Aparecida  
Bibliotecária Documentalista - CRB-6/2047


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos  
 Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br


**ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO**

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico - PPGEL				
Data:	dezenove de dezembro de 2022.	Hora de início:	15:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12112ELI019				
Nome do Discente:	João Vítor Sampaio de Moura				
Título do Trabalho:	Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, Ensino e Sociedade				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Língua(gem) e/como acolhimento				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Cristiane Carvalho de Paula Brito - PPGEL/UFU; Danie Marcelo de Jesus - UFMT; Simone Tiemi Hashiguti - PPGEL - UFU orientadora do candidato.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Simone Tiemi Hashiguti, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Simone Tiemi Hashiguti, Professor(a) do Magistério Superior**, em 19/12/2022, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Carvalho de Paula Brito, Professor(a) do Magistério Superior**, em 19/12/2022, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Danie Marcelo de Jesus, Usuário Externo**, em 21/12/2022, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4145992** e o código CRC **87C89360**.

---

*A todas as pessoas transexuais, transgêneras e travestis.*

## **Agradecimentos**

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL-UFU), por todo conhecimento adquirido e aos professores pelos ensinamentos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti, pela orientação, por ter me apresentado tanta coisa e por todo apoio. Sempre serei grato a você!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida.

Ao grupo de pesquisa O Corpo e a Imagem no Discurso (CID), por todo conhecimento adquirido e por todos os textos compartilhados.

Às participantes de pesquisa, Brigitte, Dandara, Juliana, Linn, Lupita Gold e Sara, por terem aceitado participar da pesquisa e por toda dedicação.

Aos membros da banca de qualificação, Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito, Profa. Dra. Mariana Rafaela Batista Silva Peixoto e Profa. Dra. Flávia Andrea Rodrigues Benfatti, por todas as contribuições que me ajudaram a chegar na defesa.

Aos membros da banca de defesa, Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito, Prof. Dr. Daniel Marcelo de Jesus, Prof. Dr. Daniel Mazzaro Vilar de Almeida e Profa. Dra. Cláudia Marinha Wanderley, pelo aceite e possibilidade de interlocução e pela leitura cuidadosa.

A todos meus amigos do PPGEL-UFU, em especial Alessandra, Brenda, Isabella, Lorraine, Lucélia e Stefanne, por dividirem todo o conhecimento, por toda ajuda que dávamos uns aos outros, por todas as conversas, por todos desabafos e por toda amizade. Gratidão!

Ao meu marido, Jordão, por todo apoio, por todas as conversas e por todos os conselhos. Você foi uma figura essencial durante toda escrita. Eu te amo!

À toda minha família, pelo apoio emocional, principalmente à minha mãe, Severina, mulher, nordestina, mãe de cinco filhos, que sempre fez de tudo para que eu tivesse acesso à educação.

À minha amiga Ellen Caroline, por ter me ajudado a confeccionar a borboleta na capa.

A todas as pessoas que fizeram parte da minha vida, mas que infelizmente não estão mais entre nós, em especial ao meu avô, Seu Delho.

À Rosângela, que além de ter sido minha professora na licenciatura em Letras Português-Inglês, se tornou uma grande amiga. Obrigado por todos os conselhos e por todo apoio!

Ao Renato Dering, por todos os conselhos e por todo apoio.

*Às vezes recebemos sinais...*



Fonte: arquivo pessoal dos autores (2021)

*...de que estamos indo no caminho certo.*



Fonte: Monica Helms, bandeira do orgulho T (transexual, transgênero e travesti) (1999)



## Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar as discursividades produzidas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si, vinculando-se à área dos estudos em Linguística Aplicada que tem o corpo como tema. Quanto aos objetivos específicos, preocupou-se em: a) compreender, por meio de representações do/no discurso, como as participantes da pesquisa objetivam discursivamente seus corpos e como sentem e/ou mencionam que os têm objetivados pelo outro; b) investigar as estratégias discursivas das próprias participantes de construção da identificação como mulher transexual, como mulher transgênera e como travesti; c) identificar formas, estratégias e/ou discursos de resistência por elas praticados. Para isso, foram revisados trabalhos anteriores sobre o tema linguagem e mulher transexual, mulher transgênera e travesti, bem como a coleta e a análise, em âmbito discursivo, de alguns depoimentos. Além disso, cabe ressaltar que, neste trabalho, discute-se a questão do corpo como objeto de estudo na/pela linguagem; faz-se, para tanto, a diferenciação do corpo biológico e do corpo de linguagem, sendo que esse último é uma construção social que se forma a partir da performance. Por essa razão, discute-se a ideia de gênero e sexualidade, demonstrando que o gênero, enquanto construção social, é fruto de um processo histórico e político. Adiante, faz-se uma discussão acerca da análise do discurso franco-brasileira, em que se apontam algumas das características mais destacadas dessa escola, determinando sua relação com a Linguística Aplicada. Por fim, insere-se o presente trabalho dentro do contexto dos estudos decoloniais, sobretudo a sua variante feminista. Deve-se destacar, também, a importância da escuta transgressora como forma de se aproximar do universo das participantes, uma vez que se trata de uma abordagem política que procura inserir a análise do seu discurso em um contexto de resistência. O aparato teórico-metodológico se constitui pelos estudos em Linguística Aplicada (HASHIGUTI, 2008; PENNYCOOK, 2006; MOITA LOPES, 2006), pela Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1997), pelos estudos decoloniais (MIGNOLO, 2018; MALDONADO TORRES, 2016) e pelo feminismo decolonial (VÊRGES, 2019; CURIEL, 2019). O presente trabalho se serve da Proposta AREDA (Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos), que reúne a Análise do Discurso e a Psicanálise em uma proposta interdisciplinar. Assim, de acordo com essa, deve-se estar atento aos gestos interpretativos e ao desenvolvimento de um dispositivo analítico. A análise foi conduzida de modo que o aparato teórico-metodológico dialogasse com os preceitos da proposta AREDA (SERRANI-INFANTE, 1998), sobretudo no que diz respeito às regularidades enunciativas presentes nas falas das participantes. Por meio dessas regularidades, foi possível traçar representações dos temas que predominaram em suas falas. Como resultados, destacamos a presença de sentidos relativos à colonialidade do saber, do ser e do poder no que se refere a como seus corpos são muitas vezes nomeados/olhados e como, ao mesmo tempo, eles funcionam como as próprias formas possíveis de transgressão e de questionamento acerca das suas experiências de vida.

**Palavras-chave:** Corpo; Mulheres transexuais; Mulheres transgêneras; Travestis; Linguística Aplicada; Estudos decoloniais.

## Abstract

This research aimed to analyze the discursivities produced by transsexual women, transgender women and *travestis*<sup>1</sup> when talking about themselves, linking to the studies in Applied Linguistics that has the body as a theme. In terms of specific objectives, it was concerned to: a) understand, through representations of/in the discourse, how the research participants discursively objectify their bodies and how they feel and/or mention that they have them objectified by the other; b) investigate the participants' own discursive strategies of constructing identification as a transsexual woman, a transgender woman, and a *travesti*; c) identify ways, strategies and/or discourses of resistance practiced by them. For this, previous works on the topic of language and transsexual women, transgender women and *travestis* were reviewed, as well as the data collection and analysis, in the discursive scope, of some testimonials. Moreover, it should be noted that, in this paper, we discuss the issue of the body as an object of study in/by language; to this end, a distinction is made between the biological body and the body of language, with the last one being a social construction that is built on performance. For this reason, the idea of gender and sexuality is discussed, demonstrating that gender, as a social construction, is the result of a historical and political process. Further, we discuss Franco-Brazilian discourse analysis, in which some of the most prominent characteristics of this school are pointed out, determining its relationship with Applied Linguistics. Finally, the present work is placed within the context of decolonial studies, especially its feminist variant. We should also highlight the importance of transgressive listening as a way to get closer to the participants' universe, since it is a political approach that attempts to place the analysis of their discourse in a context of resistance. The theoretical-methodological apparatus is constituted by studies in Applied Linguistics (HASHIGUTI, 2008; PENNYCOOK, 2006; MOITA LOPES, 2006), Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1997), decolonial studies (MIGNOLO, 2018; MALDONADO TORRES, 2016) and decolonial feminism (VÈRGES, 2019; CURIEL, 2019). The present work makes use of the AREDA Proposal (Analysis of Discursive Resonances in Open Statements), which brings together Discourse Analysis and Psychoanalysis in an interdisciplinary proposal. Thus, in accordance with the proposal, we should be aware of the interpretative gestures and the development of an analytical device. The analysis was conducted in a way that the theoretical-methodological apparatus was in dialogue with the precepts of the AREDA proposal (SERRANI-INFANTE, 1998), in particular with regard to the enunciative regularities present in the participants' speeches. Through these regularities, it was possible to identify representations of the themes that predominated in their speeches. As results, we emphasize the presence of meanings regarding the coloniality of knowledge, being, and power in terms of how their bodies are often named/looked upon and how, at the same time, they act as the possible forms of transgression and inquiry about their life experiences.

**Keywords:** Body; Transsexual women; Transgender women; *Travestis*; Applied Linguistics; Decolonial studies.

---

<sup>1</sup> Due to our understanding that the Brazilian Portuguese term “travesti” comprises a local and important political movement of resistance with its own characteristics and voice, we have opted not to translate it to the English term “transvestite”.

## Convenção das transcrições dos depoimentos<sup>2</sup>

<b>SÍMBOLOS</b>	<b>ESPECIFICAÇÃO</b>
...	Pausa
,	Entoação contínua sinalizando que mais fala virá
.	Entoação descendente sinalizando o fim de um enunciado
?	Indica entoação crescente e nem sempre sinaliza uma pergunta
!	Indica forte ênfase
Ah,	Pausa Preenchida
{chaves}	Sons não verbais: risos, sons
MAIÚSCULA	Ênfase em palavras ou frases
//	Traz a pronúncia da palavra como ela ocorreu

---

<sup>2</sup> As convenções das transcrições foram adaptadas de Guilherme (2008), Kleiman e Signorini (2001) e Jefferson (2004).

## **Siglas**

LA – Linguística Aplicada

LAC – Linguística Aplicada Crítica

AD – Análise do Discurso

AREDA – Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CP – Condições de Produção

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

SD – Sequência Discursiva

FD – Formação Discursiva

### **Lista de tabelas**

Tabela 1: Dissertações e Teses encontradas .....	19
Tabela 2: Artigos encontrados .....	19

### **Lista de quadros**

Quadro 1: Representações e discursos nas falas das participantes .....	71
--	----

## Sumário

<b>Palavras introdutórias.....</b>	<b>12</b>
Alguns estudos sobre a temática.....	18
<b>Capítulo 1: Fundamentos teóricos .....</b>	<b>23</b>
Considerações iniciais do capítulo .....	24
1.1 A criticidade na Linguística Aplicada e um lugar epistêmico para este estudo .....	24
1.2 A linguagem como discurso .....	28
1.3 O corpo como objeto de estudos linguístico-aplicados e discursivos .....	32
1.4 Gênero e sexualidade performados na linguagem.....	36
1.5 Corpos generificados e minoritarizados e a demanda decolonial.....	39
Considerações finais do capítulo .....	44
<b>Capítulo 2: Procedimentos metodológicos .....</b>	<b>46</b>
Considerações iniciais do capítulo .....	47
2.1 A proposta AREDA.....	47
2.2 Depoimentos.....	48
2.3 Natureza da pesquisa .....	49
2.4 Procedimentos para a coleta de dados .....	50
2.5 Algumas informações acerca das participantes da pesquisa .....	51
Considerações finais do capítulo .....	52
<b>Capítulo 3: Gestos de análise.....</b>	<b>53</b>
Considerações iniciais do capítulo .....	54
3.1 O corpo como manifestação política e como campo de transformação .....	54
3.2 A educação e a formação profissional como discurso de empoderamento .....	59
3.3 O espaço público e a relação com o outro como a compreensão dos olhares alheios .....	62
3.4 Formas de se individualizar e de se coletivizar como um propósito a ser alcançado.....	67
Considerações finais do capítulo .....	70
<b>Palavras conclusivas .....</b>	<b>72</b>
Referências .....	76
<b>Apêndices.....</b>	<b>85</b>
Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.....	87
Apêndice 2: Orientações para participação da pesquisa.....	89
Apêndice 3: Transcrições dos depoimentos .....	90
LINN.....	90
DANDARA .....	91
SARA .....	94
JULIANA .....	101

BRIGITTE .....	106
LUPITA GOLD.....	108
Apêndice 4: Pré-seleção de representações das participantes .....	111

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

## **Palavras introdutórias**

“A diversidade não é uma certeza.”  
(Participante Sara, 2021)



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

Neste estudo, abordamos a relação entre linguagem e corpo, tomando mais especificamente o tema do corpo das mulheres transexuais<sup>3</sup>, do corpo das mulheres transgêneras<sup>4</sup> e do corpo das travestis<sup>5</sup>, tal como enunciado por elas mesmas ao falarem sobre si. Nesse sentido, buscamos escutar o que elas dizem sobre si e compreender como elas objetivam discursivamente seus corpos e a experiência de viver em sociedade como mulher transexual, como mulher transgênera ou como travesti. A motivação para este estudo vem da nossa indignação e inconformidade em relação às dificuldades de acesso desse grupo a vários setores da sociedade, às injustiças e às violências por ele sofridas e pela constatação de poucos estudos em nossa área que enfoquem esse tema, como vamos expor nas próximas linhas.

Seguindo uma perspectiva crítica em Linguística Aplicada e uma orientação discursiva de forma de análise do *corpus*, nosso **objetivo geral** foi o de analisar discursividades produzidas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si. Estabelecemos como **objetivos específicos**: 1) Compreender, por meio de representações do/no discurso, como as participantes da pesquisa objetivam discursivamente seus corpos e como sentem e/ou mencionam que os têm objetivados pelo outro; 2) Investigar as estratégias discursivas das próprias participantes de construção da identificação como mulher transexual, como mulher transgênera e como travesti; 3) Identificar formas, estratégias e/ou discursos de resistência por elas praticados.

---

<sup>3</sup> Segundo Sousa (2015, p. 5): “transexual é toda pessoa que, no momento em que não se identifica com o sexo de nascimento, busca a adequação do corpo, conforme o gênero com o qual possui identidade. Esta adequação pode se dar de várias formas, como vestir-se como sendo do sexo oposto, de modo a afirmar sua identidade e como a pessoa gostaria de ser reconhecido (a); transformar-se em momentos distintos, ou buscar intervenções cirúrgicas e estéticas para mudar o corpo e readequá-lo à identidade de gênero.”

<sup>4</sup> Segundo Freitas (2015), a pessoa que busca adequar o seu corpo ao gênero com o qual se identifica, possuindo assim comportamentos diversos do que é “determinado” pelos outros no nascimento.

<sup>5</sup> Segundo Freitas *apud* Kulick (2008, p. 21-22): “O termo ‘travesti’ deriva do verbo ‘transvestir’, que pode ter o sentido de vestir roupas do sexo oposto (ou *cross-dress*, em inglês)”. Porém, no Brasil, as identidades travestis ou travestilidades compreendem também um movimento político, que dessencializa o corpo e a tríade gênero-sexo-sexualidade, além de subverter as próprias normas gramaticais ao proporem o termo “travesti” como feminino. Sobre os termos “transexual” e “transgênero”, algumas pessoas fazem a distinção de ambos da seguinte forma: a pessoa transexual faz procedimentos cirúrgicos como a redesignação sexual, por exemplo, para se adequar ao gênero que se identifica, já a transgênera, não. Arán (2006), porém, esclarece que os órgãos reprodutivos, os quais são programados e fixados ao corpo orgânico (pênis, vagina ou ambos) não irão definir a identidade de gênero, muito menos nossa identidade afetivo-sexual. Nesse sentido, ser transexual não quer dizer que você precisa ter feito processos cirúrgicos, porque, como foi apontado, a genitália não define o gênero. Vale ressaltar que, como existem pessoas que se identificam ou como mulheres transexuais, ou como mulheres transgêneras, ou como travestis, usamos os três termos. Lembrando que ainda existem pessoas que se identificam apenas como mulheres trans, sem fazer distinção entre transexual e transgênero, mas não vamos usar esse termo, pois ele pode dar a entender que se refere ou só a transexual ou só a transgênero. Pode parecer difícil apontar as diferenças entre esses conceitos abordados, já que eles dizem respeito à autoidentificação. Dessa forma, acreditamos que o melhor caminho seja entender como cada pessoa se identifica.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

É fundamental entendermos que elas fazem parte de um grupo minoritarizado que, como outros, tem tido que lutar pelo direito de viver em sociedade. Segundo o Dossiê de 2020 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), as mulheres transexuais, as mulheres transgêneras e as travestis geralmente são expulsas de casa pelos pais nos primeiros anos da adolescência. Nesse contexto, além de sofrerem preconceito, acabam tendo menos acesso à educação, porque, segundo Bohm (2009), elas representam um grande desafio aos princípios heteronormativos que existem nas escolas. Há poucos casos de ingresso desses sujeitos em instituições de ensino, uma vez que a relação com o restante dos colegas é geralmente marcada por *bullying*, enquanto a com os docentes pode ser marcada pela recusa em aceitar o nome social na lista de chamada e pela proibição da utilização de roupas e acessórios considerados “femininos”.

Segundo a Antra, apenas 0,02% dessas pessoas estão em universidades, 72% não possuem o ensino médio e 56% possuem somente o ensino fundamental, o que ocasiona também a dificuldade em conseguir um emprego formal e a tendência a se tornarem trabalhadoras do sexo, além de sofrerem exploração sexual e serem vítimas de violência. Isso é evidenciado no relatório da Antra, o qual comprova que, no ano de 2020, a taxa de homicídios contra esse grupo aumentou cerca de 41%.

Estudos como o de Oliveira (2016) e o de Alves (2015) também apontam para uma gritante insuficiência de inclusão social desses indivíduos no mercado de trabalho e na produção acadêmica. Como explicita Macedo (2021), além da falta de oportunidades de educação e emprego, o Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais, transgêneras e travestis no mundo, pois estima-se que a cada 48h uma pessoa transexual, transgênera e travesti seja assassinada nas ruas. Por outro lado, é o país que mais consome pornografia deste grupo. Ainda na esteira das problematizações acerca das mulheres transexuais, mulheres transgêneras e travestis, Souza e Prado (2019) enfatizam a recorrência de violências e demais vilipêndios morais sofridos por esses indivíduos a partir do sentido de abjeção que lhes é atribuído em relação aos processos ocidentais de normalização e normatização corporais e de gênero, evidenciando manifestações de poder físico/prático contra a existência dessas pessoas.

Além disso, somando-se à alta mortalidade, à baixa escolaridade, à baixa inserção no mercado de trabalho e à alta taxa de evasão escolar, tem-se ainda o descaso do Estado em oferecer políticas públicas a esse grupo. Existem poucas ações governamentais que buscam

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

ajudar e apoiar essa população. O Programa “Transcidadania”<sup>6</sup>, cujo público-alvo são transexuais e travestis, é organizado pelo Município de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania e da Secretaria Municipal de Trabalho e Empreendedorismo, e foi uma das poucas iniciativas encontradas em nossa pesquisa. Um dos principais objetivos desse Programa é dar assistência a esse grupo em vulnerabilidade social, buscando melhorar o acesso à educação, à saúde e à empregabilidade, oferecendo acompanhamento psicológico, profissional, acesso a serviços de saúde dentre outros (BENEVIDES *et al.*, 2018) que são sistematizados pela Coordenadoria da Diversidade Sexual (CADS).

Cabe mencionar, ainda, programas como o Oportuniza Trans, uma ação inédita da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas para LGBT da Secretaria de Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos do Governo do Estado do Ceará. A partir do encontro, realizado em 16 de novembro de 2022, com empresários do estado, foram realizadas seleções de vagas de emprego para pessoas transexuais, transgêneras e travestis. Já a prefeitura de Porto Alegre, em janeiro de 2022, promoveu ação semelhante junto ao Sistema Nacional de Emprego (SINE), quando se destinou vagas de trabalho. Além destas iniciativas, destaca-se que uma em cada três universidades brasileiras oferecem cotas para pessoas transexuais, transgêneras e travestis. Apesar de essas iniciativas serem fundamentais, há muito ainda por fazer.

Grande parte da luta contra a violência e contra o descaso com as mulheres transexuais, mulheres transgêneras e travestis, bem como a busca em garantir os direitos delas, dá-se principalmente por meio de organizações não-governamentais, a exemplo da Rede Trans Brasil<sup>7</sup>, a qual objetiva levar saúde e qualidade de vida para esse grupo; da AMOTRANS-PE<sup>8</sup> (Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais de Pernambuco), que é financiada pelo Fundo Brasil e fomenta a luta das mulheres transexuais, transgêneras e travestis no estado de Pernambuco; da TransEmpregos<sup>9</sup>, criada em 2013, para que pessoas transexuais e travestis cadastrem seus currículos e possam acompanhar as vagas disponibilizadas por empresas que apoiam a diversidade; e da “ANTRA”<sup>10</sup>, já citada nas linhas anteriores, que busca suprir as

---

<sup>6</sup> Para mais informações, acesse

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos\\_humanos/lgbti/programas\\_e\\_projetos/index.php?p=150965](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbti/programas_e_projetos/index.php?p=150965)

<sup>7</sup> Para mais informações, acesse <http://redetransbrasil.org.br>

<sup>8</sup> Para mais informações, acesse <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/amotrans-pe-articulacao-e-movimento-para-travestis-e-transexuais-de-pernambuco>

<sup>9</sup> Para mais informações, acesse <https://www.transempregos.com.br>

<sup>10</sup> Para mais informações, acesse <https://antrabrasil.org/>

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

necessidades dessa população, levando o tema “Resistir para Existir, Existir para Reagir”, e buscando, assim, combater a transfobia<sup>11</sup>.

Além disso, vale destacar que muitas das iniciativas de luta por parte desse grupo ocorrem de forma isolada. Nesse sentido, Alves (2015) exorta a importância de iniciativas auto-organizadas por estes grupos, em vias de combater tais abusos enquanto agem pela preservação e promoção de suas identidades, julgando importante compreender a luta pela existência deste grupo impreterivelmente como uma guerra cultural.

Fora desse formato de organizações não-governamentais, as mulheres transexuais, mulheres transgêneras e travestis têm tido apoio em movimentos tais como os movimentos feministas<sup>12</sup> e transfeministas<sup>13</sup>, estes que se organizaram pela falta de visibilidade e exclusão de grupos do movimento feminista em si. Assim, a origem do transfeminismo se dá por influência, principalmente, do feminismo da diferença, feminismo negro e pelo feminismo pós-estruturalista (CARVALHO e ZAMPIÊR, 2018). Vale destacar que essa mescla teórico-ativista do “ser mulher” busca abrir espaços às várias possibilidades identificarias quando falar em “mulheres” (FREITAS & RIBEIRO, 2017). Sendo assim, conforme Alves (2012), as principais pautas do transfeminismo se encontram em questões de feminilidade, questionando a construção binária e heteronormativa dos gêneros, a qual requer das pessoas transexuais, transgêneras e travestis um lado ou outro, deslegitimando a identidade desses grupos, ou seja, que permaneçam no padrão da sociedade (homem ou mulher). Além disso, o movimento busca a ‘despatologização’ das identidades trans, as quais, até maio de 2019, configuravam-se como doença (previsto no CID e DSM); dentre outras pautas.

Nesse sentido, destaca-se que a população transexual, transgênera e travesti por muito tempo teve dificuldade em acessar o Sistema Único de Saúde (SUS), pois, segundo Simpson (2015), sofriam muito preconceito em relação ao surgimento da AIDS e, por isso, se automedicavam, o que gerava diversos problemas à saúde. Conforme Zucchi *et al.* (2019), as condições precárias de vida e a exposição à violência são vetores prejudiciais ao bem-estar

---

<sup>11</sup> Violência contra pessoas que se declaram transexuais, transgêneras ou travestis. Assim, conforme Podestá (2019), a transfobia são múltiplas violências contra travestis e transexuais. Sendo assim, a definição de transfobia envolve atos de preconceito, discriminação e intolerância a esse grupo.

<sup>12</sup> Feminismo é o movimento que busca o empoderamento feminino e a libertação de padrões patriarcais. Existem diversos segmentos de feminismo, como o feminismo negro, que é desenvolvido por mulheres negras que atuam tanto pelas causas feministas quanto pelas causas raciais; o feminismo radical, no qual há manifestações e total aversão ao patriarcado; o transfeminismo, desenvolvido por mulheres trans e travestis; dentre outros (CARVALHO, H.; ZAMPIÊR, L., 2018).

<sup>13</sup> Para mais informações, acesse <https://transfeminismo.com>

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

psicológico das mulheres transexuais, das mulheres transgêneras e das travestis, o que pode levá-las a quadros graves de depressão.

Como entendemos, na luta pela transformação de discursos sociais e por processos que resultem em maior inclusão social desses indivíduos, é importante o seu envolvimento em discussões e pesquisas científicas. Em nossa pesquisa para esta dissertação, também verificamos que são poucas mulheres transexuais, mulheres transgêneras e travestis que são autoras de produções científicas. Exemplos são o trabalho da ativista e pesquisadora Keila Simpson, primeira travesti a liderar uma das maiores redes que atua em defesa da população trans, a Antra, e os estudos de Chopelly Glaudystton, técnica de enfermagem, presidente da AMOTRANS-PE, conselheira nacional de combate à discriminação, conselheira estadual de saúde e secretária de mobilização e articulação da Antra. Ambas as autoras vêm escrevendo diversos artigos ligados à causa das transexuais, transgêneras e travestis, buscando defendê-las e denunciar a transfobia e o transfeminicídio<sup>14</sup> no Brasil, além de contribuir para a representação social desses grupos na esfera científica, bem como no fortalecimento da luta social travada em busca de um espaço na sociedade.

Há que se considerar, ainda, os trabalhos de Beatriz Bagagli acerca da crítica à teoria da autoginefilia de Ray Blanchard. De acordo com esta pesquisadora (BAGAGLI, 2021), para Blanchard há dois tipos de mulheres transexuais: as que sentem desejo por homens e, de outro lado, todas as demais, que vivem quase de acordo com uma perspectiva narcisista. Bagagli (2021) demonstra, em seu artigo, que esta não é a verdade: as narrativas de mulheres dão lastro ao seu trabalho que demonstra a existência, também, de mulheres transexuais que não se sentem atraídas apenas por homens. A mesma autora, em sua dissertação de Mestrado (2019), produziu uma análise contundente do discurso feminista que tematiza as mulheres transgêneras, percebendo várias vertentes de exclusão.

Deve-se mencionar, também, o trabalho de Preciado (2011) cujas pesquisas a respeito do sexo como política discutem as fronteiras entre as noções de corpo e de gênero. Para tal autora, vale apontar, tanto os órgãos quanto as práticas sexuais foram cooptados pelo capitalismo na tentativa de se produzir discursos a respeito destes que sejam capazes de normatizar as identidades sexuais. Assim, para Preciado (2011) o corpo não é um dado passivo,

---

<sup>14</sup> Assassinato de mulheres transexuais, mulheres transgêneras e travestis. O transfeminicídio também é conhecido como transfemicídio e travesticídio, ou seja, assassinato sistemático de mulheres trans e travestis. O transfeminicídio tem como característica uma política que disseminada, intencional e sistemática de eliminação da população trans e travesti no Brasil, causada puramente por ódio (BENTO, 2015).

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

mas um espaço em que disputam o poder a heteronormatividade e a multidão *queer*. O sexo é, então, afirma a autora, sexopolítica.

Pode-se mencionar, também, o trabalho de York *et al.* (2020), que pretende, por meio de um “pensamento travesti”, descolonizar a compreensão que se tem dos corpos travestis como aqueles que habitam um não lugar. Na verdade, afirmam as autoras, deve-se ter em mente que o corpo travesti é um espaço de ativismo, de embate contra a heteronormatividade e o seu desejo de regular os corpos. O pensamento travesti, dizem (YORK *et al.* 2020, p. 05), ganhou propriedade discursiva: “a partir do compor ou contrapor exposições anteriormente feitas a respeito delas [mulheres travestis e transgêneras], sobre elas e, agora, por e com elas”. Tal dimensão política, ver-se-á ao longo de nossa pesquisa, ganha muito espaço dentro do discurso das participantes.

Em texto confeccionado por Amara Moira (2015), tece-se uma reflexão acerca do contexto de exacerbado determinismo biológico e cientificismo que emerge da existência trans. A problematizar os estudos científicos que se debruçam sobre a disforia de gênero, Moira (2015) se questiona sobre o quão longe podem chegar estes experimentos e, mais ainda, o quão de fato estes estudos auxiliarão estes exames laboratoriais no que diz respeito ao direito fundamental destes indivíduos à existência e à subsistência.

### **Alguns estudos sobre a temática**

Nesta seção, traremos os resultados de um levantamento quantitativo sobre pesquisas na temática. Esse levantamento ocorreu em maio de 2021, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>15</sup>, banco de teses e dissertações produzidas pelas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, publicadas em sistema eletrônico, e associado ao Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica (OASISBR)<sup>16</sup>, órgão coordenado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)<sup>17</sup>. Nosso objetivo foi verificar se o tema tem tido atenção por parte da comunidade acadêmica, quantos e desde quando e se houve estudos realizados na nossa área. A “Tabela 1” mostra os resultados que obtivemos a partir buscas com

---

<sup>15</sup> Para mais informações, acesse <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

<sup>16</sup> Para mais informações, acesse <https://ibict.br/informacao-para-a-pesquisa/oasisbr>

<sup>17</sup> Para mais informações, acesse <https://www.ibict.br/>

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

as palavras-chave “Corpo Mulher Trans<sup>18</sup>” e “Corpo Travesti”, e sem limitação de períodos temporais de produção:

Tabela 1: Dissertações e Teses encontradas

<b>Palavras-chave</b>	<b>Quantidade de dissertações e teses</b>
<i>Corpo – Mulher Trans</i>	81
<i>Corpo - Travesti</i>	179

Fonte: elaborada pelos autores (2021)

Foi possível encontrar 260 teses e dissertações relacionadas às palavras-chave, nas quais 184 são dissertações e 76 são teses. Dentre esses trabalhos, destacamos três de maior relevância para esta pesquisa, quais sejam: “Espaço e as práticas do cuidado de si, na relação saúde/doença do corpo das travestis e mulheres transexuais em Curitiba e Ponta Grossa – Paraná”, de autoria de Ramon de Oliveira Bioco Braga (2020); “O gênero na vitrine”: sentidos do consumo estético e a produção de subjetividades de mulheres trans”, produzido por Roberta Alves dos Santos Silva (2017); e “Mulheres no plural: novas constituições identitárias e suas relações com o design: sobre mulheres transexuais e travestis”, de Caroline Apolinário Gomes (2017).

Em relação à publicação de artigos científicos por pesquisadores do Brasil, uma busca na plataforma SciELO<sup>19</sup> com as mesmas palavras-chave, retornou os seguintes dados:

Tabela 2: Artigos encontrados

<b>Palavras-chave</b>	<b>Quantidades de artigos</b>
<i>Corpo – Mulher Trans</i>	3
<i>Corpo - Travesti</i>	6

Fonte: elaborada pelos autores (2021)

Entre esses artigos, destacamos dois, que abordam o tema da cirurgia de redesignação sexual: “Vidas após a cirurgia de redesignação sexual: sentidos produzidos para gênero e

<sup>18</sup> A escolha por “Mulher Trans” foi para conseguirmos encontrar trabalhos que usam tanto o termo transexual, quanto os que usam o termo transgênero.

<sup>19</sup> Biblioteca Eletrônica Científica Online de publicações digitais e periódicos científicos de vários países e que possuem apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Informações disponíveis em: <https://www.scielo.org>

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

transexualidade”, de Pablo Cardozo Rocon *et al.* (2018); e “A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman”, produzido por Rubens da Silva Ferreira (2009).

No âmbito dos estudos da linguagem, dentro da nossa pesquisa no site BDTD, das 184 dissertações e 76 teses encontradas, apenas nove são sobre o assunto, das quais destacamos: “Nossos corpos não são mais os mesmos: narrativas de mulheres trans e travestis sobre o processo de envelhecimento” de autoria de Ana Paola de Souza Lima (2019); e “‘Meu corpo, minhas regras’: representações e identidades de gênero nos discursos de ativistas (trans)feministas” de Lorena Araújo de Oliveira Souza (2018). Já no site da SciELO, dos nove artigos encontrados com as palavras-chave, apenas um é do âmbito da linguagem, trazendo a temática: “Encontrando Bianca”: discursos sobre o corpo-travesti”, escrito por Nilson Fernandes Dinis e Renata Silva Pamplona (2014). Podemos concluir, portanto, que ainda há poucos estudos sobre linguagem que abordam a temática do corpo da mulher transexual, do corpo da mulher transgênera e do corpo da travesti no âmbito da linguagem. Dessa forma, nosso estudo pode contribuir com a ampliação dessa discussão.

Isso posto, visamos responder às seguintes questões de pesquisa:

- a) O que as mulheres transexuais, as mulheres transgêneras e as travestis enunciam ao falar sobre si e sobre sua experiência de viver em sociedade como mulheres transexuais, como mulheres transgêneras e como travestis?
- b) Como esses sujeitos discursivizam o tema do corpo relacionado à suas identificações como mulher transexual, mulher transgênera e travesti?

Para isso, convidamos pessoas desses grupos a falarem de si, de seus corpos, de suas identificações e de outros temas sobre os quais desejassem falar e que se relacionassem à sua vivência em sociedade. Analisamos discursivamente (PÊCHEUX, 1997) suas respostas, buscando verificar as regularidades discursivas, isto é, sentidos e discursos que se repetem em diferentes narrativas e que nos permitam compreender discursividades em funcionamento. Com a análise, queremos constituir uma escuta acadêmica às histórias delas, de forma que possibilite também nos transformarmos nesse processo. Desse modo, esperamos, com o estudo, poder contribuir cientificamente e socialmente, pela construção de conhecimento para o universo transexual, transgênero e travesti, bem como aprendermos com suas histórias e compreendermos melhor nossa sociedade e os desafios de convivência que ela nos coloca.

Cabe apontar, neste parágrafo, que o pesquisador se entende como homem, branco e gay. Assim, nesta pesquisa, abordamos o tema das mulheres transexuais, das mulheres



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

transgêneras e das travestis de outro lugar de fala (RIBEIRO, 2017). Apesar de nos solidarizarmos com suas dores, suas dificuldades e de, também, termos experienciado as nossas, de nosso lugar, não pretendemos, de forma alguma, falar por elas, nem tomá-las como meros objetos científicos. Nosso intuito é o de aprendermos e nos transformarmos com elas, pelo efeito de suas palavras em nós.

Em termos de organização, a dissertação está iniciada por um capítulo em que abordamos como a Linguística Aplicada Crítica (LAC), sobretudo aquela praticada por Pennycook (2006) e Moita Lopes (2006), propõe-se a transgredir alguns padrões de estudos na área para nos fazer repensar nossas práticas como sujeitos e como pesquisadores da área. Na sequência, discorremos sobre conceitos da Análise do Discurso, inicialmente concebida por Pêcheux (1988) e bastante praticada no Brasil, para situar teoricamente a perspectiva discursiva a partir da qual analisamos nosso *corpus* relacionando sentidos nos relatos e discursos. Depois, apresentamos a discussão sobre o corpo nos estudos da linguagem, trazendo importantes considerações acerca dos estudos de Hashiguti (2008) e de alguns outros autores primordiais, como Foucault (1998), Courtine (2011), Orlandi (2009) e Butler (2001). Por fim, retomamos formulações teóricas de autoras(es) que abordam a questão do gênero pelas perspectivas decolonial e do feminismo decolonial, o que nos ajuda a entender gênero e sexualidade, a forma que os vivenciamos hoje no mundo ocidental capitalista como categorias inventadas, reproduzidas e reforçadas na/pela colonialidade.

Na parte metodológica, segundo capítulo, apresentamos a proposta AREDA, idealizada por Serrani-Infante (1998, 2019). Além disso, caracterizamos nossa pesquisa como qualitativa, seguindo a perspectiva de Minayo (1993), descrevemos os procedimentos utilizados para chegarmos às nossas participantes e, finalmente, aos seus depoimentos. Ao final deste capítulo, apresentamos ainda alguns dados sobre elas antes de passarmos para as análises. Apontamos que muitos dos dados a respeito das participantes foram ocultados, não por vontade das participantes ou, ainda, do pesquisador, mas sim por exigência da comissão ética à qual o presente estudo foi submetido.

No capítulo “Gestos de análise”, então, identificamos regularidades enunciativas nos dizeres das participantes e, a partir disso, organizamos as seções seguintes pelos subtítulos que materializam as representações dessas regularidades, quais sejam: a) O corpo como manifestação política e como campo de transformação; b) A educação e a formação profissional como discurso de empoderamento; c) O espaço público e a relação com o outro como

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

compreensão dos olhares alheios; d) Formas de se individualizar e de se coletivizar como um propósito a ser alcançado.

Em cada uma dessas subseções, traremos ainda transcrições de alguns trechos relevantes e correspondentes ao tema, aprofundando e levantando outras discussões seguindo os temas que fundamentam nossa pesquisa. Por fim, nas “Palavras conclusivas”, apresentamos nossas visões acerca dos objetivos da pesquisa, de como as áreas do conhecimento puderam dialogar entre si e como nosso estudo pode contribuir para o campo da Linguística Aplicada e de outros que nos inspiraram para este estudo.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

# Capítulo 1

## Fundamentos teóricos

“Pedro de Lara:

– Você gostaria de fazer uma operação para virar realmente mulher?

Roberta Close:

– Eu já sou operada pela natureza, não preciso de operação.”

(Roberta Close, Show de Calouros, SBT, 1988)

## **Considerações iniciais do capítulo**

Nossa fundamentação teórica está organizada de maneira que as teorias apresentadas dialoguem entre si desde o início, sendo que, ao final, será possível estabelecermos relações entre todas elas. De início, explanamos e justificamos a localização de nosso estudo como sendo do âmbito da Linguística Aplicada Crítica (LAC), área que explicita a necessidade de abordarmos a linguagem na relação com a dimensão social e questões sobre as quais assumamos “posturas morais e críticas a fim de tentar melhorar e mudar um mundo estruturado na desigualdade” (PENNYCOOK, 1998, p. 39). Desse lugar, mobilizamos conceitos-chave para esta pesquisa, tais como o de transgressão (PENNYCOOK, 2006), que se faz fundamental para a constituição do que queríamos que fosse o nosso tipo de escuta para os dados.

Em seguida, abordamos o conceito de linguagem e processos de produção de sentidos na perspectiva da Análise do Discurso franco-brasileira, na qual nos pautamos para realizar a análise dos dados. Por fim, abordamos questões sobre o corpo e a linguagem, utilizando autores e autoras como Hashiguti, Foucault e Courtine. Nessa seção, explicitamos também nossa leitura sobre a questão de gênero e sexualidade e trazemos proposições importantes erigidas por autores e autoras decoloniais sobre esse tema e que nos permitam entender melhor como essas categorias foram inventadas para controle colonial dos corpos e como passaram a determinar vários sentidos a eles atribuídos. Os estudos decoloniais, trazidos para o nosso diálogo teórico, propõem subverter algumas práticas sociais e de pesquisa ao colocar em evidência sujeitos subalternos e grupos minorizados, ao mesmo tempo que possibilitam, também de maneira transgressiva, questionar nossas próprias práticas de pesquisa.

### **1.1 A criticidade na Linguística Aplicada e um lugar epistêmico para este estudo**

Nossa proposta, ao elencar a Linguística Aplicada (LA) enquanto campo do conhecimento que compõe a área maior que acolhe esta pesquisa, é apresentar como ela tem admitido um caráter indisciplinar, nos termos de Moita Lopes (2006), ao assumir estudos e *corpora* não tradicionais que, de alguma forma, rompem com alguns parâmetros e expectativas de investigação e com a possibilidade de mobilização de diversas teorias que deem condição para o entendimento mais aprofundado sobre os temas de pesquisa, o que justamente nos fundamenta neste estudo.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

Há que se destacar que tanto corpo como discurso estão próximos no campo da Linguística Aplicada. Deve-se ter em mente que tal questão diz respeito, sobretudo, aos avanços da Análise do Discurso, nos anos 1960, a partir das teorias de Michel Pêcheux. Para Ferreira (2013), as referências do pensador francês à questão do corpo são esparsas. Em um primeiro momento, no livro *Discurso: estrutura e acontecimento*, Michel Pêcheux informa que existe certa necessidade universal de se compreender o próprio corpo a partir de um ambiente semanticamente normatizado.

Moita Lopes (2006) defende o caráter indisciplinar da LA ao apontar para o fato de que ela é uma área de estudos que diz sobre a vida contemporânea dos indivíduos, repensando o seu sujeito de estudo. O autor estabelece uma maneira que ele chama de indisciplinar na produção de conhecimento, que se coaduna um mundo onde o conhecimento não passaria de porosidade, ou seja, sempre deixando passar algo despercebido e que, para um olhar cada vez mais aprofundado sobre os temas de pesquisa, os estudos não deveriam se restringir a estudos de apenas uma área. Os estudos, ele defende, devem transitar entre os conhecimentos de diferentes disciplinas, mas de maneira indisciplinada, para que possam responder aos temas de pesquisa.

Ainda dentro dos estudos em Linguística Aplicada, outras referências fundamentais são as conceituações sobre a área de estudos feitas por Pennycook (2006) e Moita Lopes (2006). O primeiro autor advoga favoravelmente pela constituição de uma vertente crítica dos estudos, o que ele chama de Linguística Aplicada Crítica (LAC). Tal vertente, segundo o autor, trataria de assuntos de relevância social e a partir de posicionamentos problematizadores sobre teorias e conceitos. Nesse sentido, para ele, a LAC é dinâmica no que se refere às questões da linguagem em múltiplos contextos, privilegiando tópicos fundamentais que não eram considerados na LA, tais como identidade, ética, desigualdade e minorias. Essa característica faria com que a LAC pudesse propor um novo conjunto de questões e interesses de pesquisa, com grandes contribuições teórico-sociais.

Outro aspecto a ser considerado, para Pennycook (2006), é o caráter transgressor dos estudos. Tal caráter refere-se às abordagens politicamente implicadas nas pesquisas, que exploram os processos de estabilização-em-trânsito<sup>20</sup>. Para o autor, os estudos aplicados exigem que estes sejam guiados por inúmeros transconceitos, sendo o modo geral de orientação das investigações correntes, ou seja, translocalização (inter-relação entre local e global),

---

<sup>20</sup> A ideia de estabilização-em-trânsito está relacionada à prática constante de desaprender, de se desfamiliarizar com teorias e pôr em prática uma perspectiva questionadora, decolonial, indisciplinar.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

transculturização (contatos culturais intensificados e em constante movimento e transformação), transtextualização (viagem de signos, textos e discursos), transsubjetificação (processos de subjetificação forjados em inúmeros encontros) e transformação (mudança constante de direção tanto na significação quanto na interpretação).

Além disso, a ideia de que se deve perseguir uma neutralidade nas pesquisas em Linguística Aplicada é negada por Pennycook (2006), pois ele defende que não se deve negar questões de cunho político, fechar os olhos para elas, sob a ameaça de uma perda de cientificidade da pesquisa devido a uma filiação ideológica particular. Somente dessa forma será possível construir uma Linguística Aplicada transgressiva: questionando pressuposições que assumimos como nossas, bem como as dos outros. É nessa perspectiva que também justificamos a escolha da expressão “escuta transgressora”, uma vez que é por meio dessas inspirações na LAC que pudemos reafirmar a ideia de transgressão, tanto de *corpora* pouco trabalhados como de referenciais teóricas transdisciplinares.

Outro importante apontamento de Pennycook (2006, p. 71) diz respeito à tomada de algumas categorias e conceitos que nos são próximas:

categorias compreendidas como naturais tais como homem, mulher, classe, raça, etnia, nação, identidade, consciência, emancipação, linguagem e poder devem ser compreendidas como contingentes, dinâmicas e produzidas no particular, em vez de serem entendidas como dotadas de um *status* ontológico anterior.

São justamente alguns desses mesmos pontos que nos propomos a questionar nesta pesquisa, como mulher e identidade. Esse mesmo movimento questionador é particularmente adotado pelos estudos decoloniais, como veremos nas linhas a seguir.

Moita Lopes (2006, p. 103), por sua vez, ainda chama a atenção para a necessidade de se mudar o sujeito da LA que, por muito tempo, foi criticado por ser branco, heterossexual, de classe média e do sexo masculino. Nesse sentido, é preciso problematizar a vida social a partir da linguagem, unindo teoria e prática e contemplando, ao mesmo tempo, as vozes silenciadas. Em outras palavras, a história desses sujeitos que tradicionalmente não estão incluídos nos escopos de pesquisa na área não pode ser apagada ou tida como semelhante às demais. Afinal, uma das preocupações atuais, segundo o autor, é justamente pensarmos outras sociabilidades, e um dos papéis da LA é o de compreendê-las a partir de outras perspectivas.

Para Rajagopalan (2006), há um esforço imenso de pesquisadores para conferir à LA um *status* de autonomia em relação à linguística teórica que a gerou. O autor defende que os

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

linguistas aplicados vêm se esforçando para aportar contribuições quanto ao estudo das identidades com a intenção de romper com a tradição de estudos ancilares em relação à linguística tradicional. Destaca-se o caráter transgressor da LA, uma vez que esta considera, em sua pesquisa, “vozes dos atores que vivenciam as práticas sociais e que nelas estão inseridas” (VIAN JR., 2016, p. 109). Assim, para que se compreenda a contribuição da LA para a questão dos estudos de gênero, deve-se considerar o conceito de representação. De acordo com Sousa (2018, p. 489):

Criamos representações o tempo inteiro no uso da linguagem. A identidade, nesse sentido, é uma forma de representar-se e de categorizar o mundo. As representações identitárias, no entanto, costumam ser associadas a marcas e idealizações dos indivíduos nas esferas sociais. Criam-se, dessa forma, características que passam a ser cristalizadas cultural e socialmente em nome das representações, das identidades.

Ora, uma vez que o escopo deste trabalho são as discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem de si, trata-se de avaliar as representações que tais sujeitos criam a respeito de si. É bem verdade que tais representações não são estáticas. Elas são performadas pelos indivíduos que retomam sentidos em circulação, atualizam-no, além de criar e atualizar novos sentidos. Cabe apontar, ainda, o que se compreende por representação social: “a forma de conhecimento popular e de senso comum elaborada e compartilhada socialmente e que contribui para construção de uma realidade específica a um grupo particular” (JODELET, 2001, p. 1307).

Seguimos as ideias de Moita Lopes (2006) também no sentido de compreender as disciplinas não como domínios estáticos, mas sobretudo dinâmicos do conhecimento. Sob essa perspectiva, nosso trabalho é de fazer dialogar áreas do conhecimento, porque elas podem, de fato, ser vistas como complementares. Entendemos, portanto, que realizamos nossa pesquisa no interior da LAC, não apenas por fazer visíveis sujeitos e vozes que por muito tempo não costumavam ser contemplados nas discussões acadêmicas, mas também pelo diálogo entre as diferentes referências teóricas que nos possibilitam entender e conceituar a linguagem, bem como a questão das identificações sociais de gênero.

No que se refere ao conceito de escuta transgressora mais propriamente dita, Gibin (2015), ao retomar Rosa (2007), numa perspectiva psicanalítica, indica que tal escuta permitiria que o sujeito fale de seu desejo, de seu desamparo e de sua violência. Trata-se de um processo de crítica às enunciações, por meio do qual se produz um saber sobre si. A etimologia da palavra

transgressão, segundo o autor, já permite idealizar algo que atravessa de uma parte a outra, que vai além, mas, também, que viola. Daí a importância de se pensar neste tipo de escuta como aquela que ultrapassa o que já se sabe através de pesquisas.

De nossa posição, entendemos a escuta transgressora que buscamos praticar neste estudo tanto de maneira política, isto é, de como nos posicionamos frente ao nosso tema de pesquisa, seguindo as definições da LAC, como nos *efeitos do próprio estudo em nós*, na transformação que ele em nós provoca como pesquisadores. Sob esse prisma, Hooks (1994), ao abordar sobre transgressão, defende que esta não pode ser entendida em termos diferentes de resistência e de empoderamento, já que se relaciona, necessariamente com o ato de educar para ir além das fronteiras e com o ato político de pensar e de repensar os valores estabelecidos. Assim, nossa concepção de escuta transgressora refere-se não apenas ao nosso desejo de constituir uma escuta aberta para o que viria nos depoimentos – já que eles foram formulados a partir de um convite, de nossa parte, de uma forma mais geral de falar, e não com perguntas em um questionário –, mas também a nossa abertura para nos transformarmos na pesquisa, nos deslocarmos de nossos lugares e conceitos acadêmicos que pudessem, de alguma maneira, enquadrar ou terminar por calar e invisibilizar novamente as participantes. Esta invisibilização, ou silenciamento de suas vozes nas pesquisas acadêmicas são reclamações que ouvimos informalmente de mulheres transexuais, de mulheres transgêneras e de travestis antes mesmo de iniciarmos o estudo e que mantivemos como orientação primordial para sua condução.

## **1.2 A linguagem como discurso**

Hashiguti (2008), ao discorrer sobre o tema do desentendimento entre línguas, informa que, na LA, sobretudo quando observamos interações entre falantes de múltiplas línguas, um conceito que ajuda na compreensão dos diferentes sentidos que são atribuídos às palavras, expressões e modos de dizer é o de Formação Discursiva. Esta, entendida como uma regionalização da memória discursiva, funciona como uma espécie de conjuntura específica que acaba por influenciar na própria enunciação do discurso, determinando o que é possível de se dizer, já que os sujeitos são entendidos como posições discursivas e não como indivíduos do código. Brito & Guilherme (2013), por sua vez, indicam que há que se conceber a linguagem a partir de sua dimensão política, social e simbólica, estimulada pelas pesquisas em LA, quando se considera a importância das relações de alteridade na construção da materialidade do discurso. Essas autoras têm seus estudos localizados na LA/LAC e têm trabalhado, em várias



pesquisas, com uma concepção discursiva de linguagem que traz uma possibilidade de dispositivo de análise, em que o dizer é relacionado a discursos, isto é, a efeitos de sentido e não a verdades universais ou a conteúdos de sentido.

Seguindo essa orientação, indicamos que a análise do discurso que praticamos está fundamentada na teoria de Michel Pêcheux, que, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, na França, em um contexto em que o Estruturalismo ganhava força no país, propôs uma teoria que considerava as relações entre sujeito, história, ideologia e língua (AMADO, 2018). Além disso, segundo Cohen (2018, p. 227), “se o privilégio do presente e da subjetividade caracteriza a modernidade [...], o pensamento de Pêcheux pode ser enquadrado numa modernidade, uma vez que ele fortemente argumenta em favor de um sujeito, mesmo dentro de um universo linguístico sistêmico”. Portanto, ainda que surja em um contexto do Estruturalismo, o pensamento de Pêcheux se volta ao sujeito.

Um dos conceitos importantes em Pêcheux (1988) é o de forma-sujeito, sujeito do saber ou sujeito histórico. Para o autor, trata-se da forma de existência do sujeito na História, que está mais ou menos determinada pelos acontecimentos históricos (por isso se fala em sujeito medieval e moderno, por exemplo). Graças à forma-sujeito, o sujeito do discurso se identifica a determinadas formações discursivas, outro importante conceito da teoria pecheutiana.

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ [...], mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). [...] Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada [...] determina o *que pode e deve ser dito*”. (PÊCHEUX, 1988, p. 160, itálicos do autor)

As posições ideológicas que estão em jogo seriam, portanto, sócio-historicamente determinadas, e essa determinação se daria por meio de palavras, expressões e proposições que são, na verdade, reproduzidas o tempo todo. Ainda sobre a questão do sujeito e do discurso, Morais (2015, p. 58) afirma, em uma perspectiva pecheutiana, que “todo discurso possui um sujeito na medida em que ele só se torna possível pela existência de uma forma-sujeito que materializa os dizeres representantes de um determinado campo do saber”. É essa materialização dos dizeres que nos interessa para a pesquisa, uma vez que, assim como a AREDA<sup>21</sup> propõe, é também na repetição que se instauram as regularidades.

---

<sup>21</sup> A explicação sobre as bases teórico-metodológicas da AREDA estão presentes na seção metodológica desta pesquisa.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

Para Orlandi (2017, p. 207), “os sujeitos, individuados, inscrevem-se em algumas, e não outras, formações discursivas, identificando-se assim com certos sentidos, determinados pela relação com a ideologia, que resultam em determinadas posições-sujeito”. Esse processo de inscrição e de identificação resulta em posições-sujeito semelhantes, mas é o processo de individuação que, mesmo que resistam a determinados sentidos em circulação, permite aos sujeitos que se posicionem. Em outras palavras, os mesmos mecanismos que promovem o assujeitamento são aqueles que também abrem espaço para a resistência.

Para Almeida (2019, p. 41),

Os sentidos são sempre divididos e partem em várias direções, sendo sempre determinados historicamente, assim como o são os sujeitos. Materialmente dividido desde a sua constituição, é sujeito *de* e sujeito *a*. O sujeito define o que diz, porém é determinado pela exterioridade, isto é, pelas condições de produção (sócio-históricas) [...].

Tais determinações ocorrem dentro de relações de poder, de divisões e de hierarquizações sociais que são praticadas sobre/nesses corpos. Em nosso estudo, entendemos que há vários sentidos que apontam para relações de preconceito e que circulam sobre o tema dos corpos das mulheres, das mulheres transexuais e das travestis e que tais sentidos, ao mesmo tempo em que fazem parte da discursivização em torno dessas identificações, abrem espaço também para manifestações de resistência a partir das quais são questionados os enquadramentos identitários, de forma que apreendemos que, ao falarem sobre si, as participantes desta pesquisa acessam discursos sobre elas mesmas, ao mesmo tempo em que dizem de si de outro lugar e tornam visível um outro discurso de si que geralmente é silenciado.

Seguimos, igualmente como Hashiguti (2008), a orientação teórico-metodológica pecheutiana (PÊCHEUX, 1997), a partir da qual entendemos que o dizer pode ser remetido para regiões de sentido socialmente compartilhadas e em funcionamento, os discursos. Os discursos são historicamente constituídos em práticas discursivas que relacionam língua, cultura, instituições, memória do dizer e acontecimentos. Por exemplo, o discurso político se constitui a partir das próprias práticas políticas em exercício pelas diferentes instituições, ao mesmo tempo em que tem certa consistência para sustentar os sentidos possíveis em seu interior, também é capaz de ceder à emergência e circulação de novos termos, novos sentidos, a partir de acontecimentos histórico-discursivos que causam uma mexida nas redes de sentido. Cada discurso pode ainda ter várias formações discursivas, e estas determinam como e o que pode ser dito/visto/interpretado. Nesse sentido, análises discursivas buscam compreender os sentidos sendo praticados por diferentes indivíduos acerca de um tema, estes entendidos como posições

discursivas na análise, que enunciam em relação à injunção aos discursos e não como sujeitos totalmente conscientes de seu dizer.

É também seguindo a perspectiva pecheutiana que Jean Jacques Courtine apresenta importantes contribuições sobre análises discursivas. Ao analisar o discurso comunista endereçado aos cristãos, Courtine (2009) explica como, na análise discursiva, é possível compreender como diferentes palavras, termos, elementos linguísticos dentro de um corpus repetem sentidos, ao longo do texto, por relações de memória. Essa repetição aponta para regularidades discursivas, que deixam visíveis a predominância de determinados discursos sendo praticados nos materiais de análise. Esse material de análise é que chamamos de *corpus* discursivo, que, na concepção do autor (2009, p. 54), é “um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das CP [condições de produção] do discurso”.

Outro conceito importante para nossa análise sob o viés de Courtine (2016, p. 20) é o de condições de produção, que ele define como algo que “regula, em AD, a relação entre a materialidade linguística de uma sequência discursiva e as condições históricas que determinam sua produção; ela funda, assim, os procedimentos de constituição de corpus discursivos”. Assim, porque estamos sujeitos a condições de produção sócio-histórico-ideológicas, tanto nosso gesto de análise como as falas das participantes desta pesquisa, nossos enunciados estão mais ou menos sobredeterminados pelo que pode e não pode ser dito. Nesse viés, incluímos o conceito de interdiscurso explicado por Orlandi (2009, p. 33) como “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido”. Para a autora, quando nascemos, as palavras já estão circulando no mundo, assim como os discursos. Assim, são eles que se materializam em nós, e não o contrário. Se os sentidos estão mais ou menos determinados também pelo interdiscurso, porque nele estão compreendidas frases já tomadas como “naturais”<sup>22</sup>, é por meio da análise do intradiscurso, em conjunto com o interdiscurso, que observaremos as regularidades enunciativas, como veremos na proposta AREDA na seção sobre Metodologias. Para Orlandi (2009, p. 32), “O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. Sem acesso aos modos como os sentidos nos constituem, lançamos mão da linguagem mais ou menos “às

---

<sup>22</sup> Acreditamos que não existem sentidos naturais, mas sobretudo perspectivados pela cultura, pelas relações de poder, pelos discursos que determinam o que pode e não pode ser dito, pelos silenciamentos e agenciamentos das políticas coloniais ainda vigentes.

cegas” e, por isso, é importante analisarmos as regularidades nos enunciados quando tratamos da proposta AREDA.

Por fim, podemos dizer que os estudos discursivos fundamentam nosso entendimento de materialidade linguística e de discurso como instância material da ideologia (entendida como a natureza do próprio sentido), e também nos orientam em nossas análises do material coletado. Essa materialidade pressupõe, na perspectiva da AD, que nenhum sentido é óbvio e transparente e, por isso, é preciso interpretá-lo em relação a outros sentidos já ditos para que possamos formular outras interpretações.

### **1.3 O corpo como objeto de estudos linguístico-aplicados e discursivos**

Com relação aos estudos que têm o corpo como objeto de pesquisa e/ou tema no âmbito da LA em diálogo com a Análise de Discurso, citamos os trabalhos de Hashiguti (2008), Pinto (2013); Lemes (2017); Paiva (2017) e Silva (2022), realizados no interior do Grupo de Pesquisa *O Corpo e a Imagem no Discurso* (CID), que tem focado justamente o corpo na relação com a linguagem. Esses quatro últimos estudos, por exemplo, abordam questões de gênero e sexualidade a partir da análise de diferentes materialidades, bem como trabalham com a noção de regularidades enunciativas. Pinto (2013), Lemes (2017) e Paiva (2017) investigaram como o corpo da mulher é objetivado discursivamente, tendo como materiais/recortes de pesquisa textos escritos e imagens, respectivamente: capas de revistas de carnaval no Brasil; campanhas publicitárias de produtos de limpeza; e redes sociais. Em todos esses estudos, fica denunciada a maneira opressora como o corpo da mulher é objetificado pelo olhar machista e ultrasexualizado que lhe é lançado. Já Silva (2022) enfocou, através da análise de depoimentos abertos e de *slogans* das edições da “Parada do Orgulho LGBT” de Uberlândia, as discursividades praticadas por sujeitos que se autoidentificam como sendo do movimento LGBTQ+. O autor se debruçou sobre o que considerou ser a pedagogia de resistência do próprio movimento. Já o trabalho de Hashiguti (2008) se localiza como sendo um dos primeiros, na relação epistêmica entre LA e Análise de Discurso, a se voltar para o corpo. Em sua pesquisa sobre o corpo de descendência japonesa significado pelo olhar a ele lançado no Brasil, ela indica que, no que diz respeito a identidades corporais, o corpo e suas marcas são entendidas como materializações significantes nos discursos, posicionando determinados sujeitos em seus pré-determinados lugares sociais, de ação e de fala, ou seja, a partir de processos de normalização (FOUCAULT, 1998), normatização e para exercício do poder. A autora argumenta que um

corpo, como materialidade do/no discurso, é uma espessura material, de opacidade, que pode ser percebido como “feio ou bonito, magro, gordo, normal ou estranho, dependendo do olhar da interpretação opticamente possível no discurso de cada sujeito”.

Para ela, a identificação social “é um processo que se relaciona à condição corpórea [do sujeito], ao fato de que ele é sujeito de/em uma corporalidade e que essa corporalidade é apreendida pelo olhar mesmo antes que ele fale” (HASHIGUTI, 2007, p. 02), ou seja, o que se vê de um corpo são sempre sentidos possíveis em discursos socialmente compartilhados, e esses sentidos, que são construções discursivas, constituem estereótipos e essencializações que têm sentido de verdade. Em seu estudo, Hashiguti (2008) analisou discursivamente imagens, textos escritos de diferentes gêneros, materiais de mídia e sua própria experiência como descendente de japoneses no Brasil. Suas teorizações, bem como a maneira de análise discursiva que empreendeu, fundamentam a pesquisa ora proposta, no sentido de que o estudo também se ocupará do tema do corpo e da linguagem, igualmente por um viés discursivo de análise.

Para Courtine (2011, p. 39), o corpo como objeto de investigação foi inventado no século XX, mas é sobretudo com Foucault, na obra “Vigiar e punir”, que o corpo vai tomar um estatuto teórico ao mostrar-nos como as tecnologias políticas regem o corpo social. A ideia de uma iconicidade<sup>23</sup> acompanha essa perspectiva sobre o corpo na medida que, segundo o autor, existe sempre uma referência, uma memória discursiva<sup>24</sup> ou um já-dito sobre a imagem: “toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e essa cultura visual supõe a existência, em um indivíduo, de uma memória visual, de uma memória de imagens em que toda imagem possui um eco. Há um ‘já-dito’ da imagem”. O conceito de memória visual, já-dito e de interdiscurso serão trabalhados na seção dedicada à Análise do Discurso em Pêcheux. Entretanto, podemos adiantar que eles estão atrelados à linguagem e às análises do discurso franco-brasileira. Assim, Courtine vai se inspirar nessas teorias para considerar a imagem e o corpo social.

É também de Courtine (2011) o conceito de intericonicidade, que significa uma constante remissão de uma imagem a outra, de modo que estejamos sempre operando sob uma referência que nos é prévia. É nessa perspectiva que o autor vai inserir a questão do corpo em seus estudos: há sempre um referente para o corpo que lhe antecede. Adicionalmente, à medida

---

<sup>23</sup> O corpo enquanto ícone ou manifestação pública de algo é retratado nas páginas iniciais de “Vigiar e punir”. A partir daí, Foucault nos explica como as punições sobre o corpo admitem progressivamente um caráter menos público e admitem um caráter mais privado e institucionalizado, o que não deixa de torná-lo um território de leituras e de categorizações de aparatos como a Medicina, a Biologia, a Psiquiatria.

<sup>24</sup> A memória discursiva é, para Orlandi (2009, p. 31), retomando as palavras de Pêcheux, “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”. Em outras palavras, é aquilo que nos remete a algo que, por algum motivo, já conhecemos, já está mais ou menos estabelecido em nossas memórias.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

que se toma o corpo como um objeto mecânico, cartesiano e autônomo, reforça-se também a vigilância sobre ele. Segundo o autor, uma transformação progressiva sobre as visibilidades do corpo é observada desde o século XVII. Nesse contexto, o corpo vai se tornando uma superfície de onde se deve e se pode ler signos e, a partir dessa leitura, pode-se tecer considerações mais ou menos positivas ou negativas a respeito dele, por vezes categorizantes, não raro patologizantes.

O corpo, para Hashiguti (2008), está atravessado por diferentes discursos, que podem ser também conflitantes, o que o torna opaco e, ao mesmo tempo, muito visível ao outro em seu gesto de interpretação, que, segundo a autora, sempre se dá em uma espacialidade. Veremos em nossas análises que o espaço público, por exemplo, é muito importante para nossas participantes da pesquisa, e é recorrente que se refiram a ele em suas falas. Além disso, o próprio caráter “duvidoso” que seus corpos assumem, como algumas delas descrevem, faz com que eles sejam os territórios preferidos do olhar público, que não deixa de observar, categorizar, nomear, hierarquizar suas vivências corpóreas.

Desta compreensão, afirma Ferreira (2013), é que aparecem, por exemplo, a ideia de que *se meu corpo é normal, também o mundo será normal*. Parte-se, então, de um desejo de ordenamento da realidade a partir da própria noção de corpo. Não se pode esquecer, de um processo de ilusão de controle, quando o que se pretende é a estabilização de um mundo organizado de forma lógica. Trata-se, então, de se pensar o corpo não enquanto corpo biológico ou orgânico, mas sim, enquanto corpo discursivo. Se se realiza esta operação, está-se propondo que se observe a construção do corpo enquanto materialidade produzida pelo discurso. Haveria que se apontar, então, que, para se produzir o real do corpo enquanto discurso, dever-se-ia considerar que:

Esse corpo que fala seria também o corpo que falta, donde a inclusão da noção de real do corpo, ao lado do real da língua e do real do sujeito. A exemplo do que singulariza o registro do real, o real do corpo seria o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste (FERREIRA, 2013, p. 78)

Assim, se o corpo tem sido, desde há muito, percebido como um lugar de observação do sujeito e não apenas a partir de seu caráter biológico, cabe que se realize uma breve história das abordagens desta compreensão de acordo com diferentes áreas de pesquisa.

Em um primeiro momento, então, vale ressaltar a importância do “salto” que Marcel Mauss (2005), antropólogo francês da virada do século XX, deu em direção à compreensão do

corpo para além de sua dimensão orgânica. A partir de estudos profundos acerca das técnicas corporais, sobretudo em um trabalho chamado “As técnicas do corpo”, de 1935, o autor se esforçou por produzir, pela observação das diferenças entre os movimentos dos indivíduos e suas relações com propósitos externos ao sujeito, uma compreensão de uma “imagem social do corpo, levando em conta a geografia, a cultura, a história de cada lugar” (FERREIRA, 2013, p. 79).

Outro avanço na compreensão do corpo a partir de outra visão que não a biológica, deve-se à teoria freudiana. De acordo Ferreira (2013, p. 79), para Freud, “a histeria não tem seus sintomas originados na realidade biológica do corpo, mas no sofrimento psíquico. O corpo emerge, assim, como lugar de inscrição do psíquico e do somático”. Assim, o famoso psicanalista deslocava a atenção do corpo biológico para um psíquico.

Mauss e Freud são contemporâneos. Enquanto um volta suas preocupações para o corpo social do indivíduo, o outro investiga seu corpo psicológico. Trata-se, é verdade, de duas abordagens distintas que contribuíram, cada qual à sua maneira, para o entendimento posterior do corpo enquanto linguagem.

A partir destes estudos, deve-se mencionar o trabalho de Paul Schilder, um importante psicanalista que produziu a obra seminal *A imagem do corpo*. Para o autor, o corpo pode ser visto a partir de três enfoques distintos, quais sejam: o do suporte fisiológico, o da estrutura libidinal e o da significação social. Posteriormente, afirma Ferreira (2013), em 1985, apareceu o conceito do “corpo-envelope”, que postulava que a pele do indivíduo suportava o “eu”. Nesse contexto, o corpo não seria mais que certo invólucro, não raro escamoteador do “eu”.

Daí aos trabalhos de Pêcheux é um passo. Quer dizer, há que se considerar a materialidade do discurso e a opacidade do corpo. Esta última se transforma justamente pelo “olhar” do sujeito que lhe atribui, então, sentido. Isso ocorre, pois “é a língua na sua relação com a história, atravessada pela ideologia e falada por sujeitos que são posições discursivas, e não indivíduos do cogito” (HASHIGUTI, 2008, p. 65).

Autores como Orlandi (2012) alertam para a questão da materialidade do discurso. Este não é, então, empírico ou transcendental, mas material. Logo, se se fala em um corpo de linguagem, deve-se opô-lo à ideia clássica e biologista de um corpo “natural”, que possa ser manejado, em oposição à alma ou ao princípio vital que habitaria sabe-se lá que paragens. Tanto é assim que o corpo em linguagem ocupa o espaço da opacidade, construindo-se tanto no olhar quanto pelo olhar que o discurso é capaz de possibilitar. Além disso, o corpo, pode-se mesmo

dizer, constrói-se na relação interpessoal, nas maneiras como o sujeito se discursiviza e é discursivizado em palavras, olhares, lugares e posições que lhe são dados a ocupar pelo outro.

Daí a importância da ideia de discursividade na relação com o corpo. Conforme Orlandi (2015), podemos entender que os sentidos se constituem pelos/nos discursos praticados, já que:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. (ORLANDI, 2015, p. 41).

Podemos, então, entender que o corpo, como elemento do/no discurso, significa na relação com a língua, na relação com os nomes que lhes são dados, nas maneiras como se constitui como objeto discursivo. Ele tem seus sentidos constituídos pelas/nas palavras que materializam discursividades que o atravessam e que sustentam os sentidos possíveis na história, isto é, que são possíveis em determinadas sociedades, culturas e suas respectivas estratégias de dominação, separação e controle dos corpos, nas diferentes formas de fazer alguns corpos visíveis e outros invisíveis.

#### **1.4 Gênero e sexualidade performados na linguagem**

Como estamos apontando para a construção discursiva das identidades, entendemos que o sujeito não reproduz formulações discursivas, mas que, uma vez que o sentido não está nas palavras, mas nas próprias formulações, estas são capazes de materialidade e construção. Logo, a discursividade é capaz de transformar o corpo.

É importante destacarmos, no escopo deste trabalho, ainda que brevemente, a construção do conceito de gênero. Sabe-se que, ainda nos dias atuais, impera uma visão biologizante do gênero, qual seja: a de que se nasce com a orientação sexual formada e que é dever das instituições sociais mantê-las a todo custo.

Segundo Louro (2004, p. 04):

E através das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser usado como distinto de *sex*. Visando "rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual", elas desejam acentuar, através da linguagem, "o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo" (Scott, 1995, p. 72).



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política. Ao dirigir o foco para o caráter "fundamentalmente social", não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.

Como diz Robert Connell (1995, p. 189), "no gênero, a prática social se dirige aos corpos". O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são "trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico".

Para a autora, não se trata de negar a biologia como participante no processo de constituição de gênero, uma vez que esta cria os corpos sexuados. Antes, porém, trata-se de reconhecer que a formação da identidade sexual se inscreve sobre tais corpos por meio das mais variadas práticas sociais, inclusive as discursivas, tema principal do presente trabalho. Nesse sentido, corpo e mente constroem, juntos, o gênero do indivíduo.

Esta visão bastante inovadora, surgiu em meados do século XX. Pode-se dizer que boa parte da contribuição teórica para este passo decisivo na compreensão do gênero se deve a Michel Foucault, que desenvolveu a teoria estruturalista que postulava que todo o conceito é, antes de tudo, um conceito histórico. Foucault dedicou-se a um projeto de profunda análise da sexualidade humana, que culminou em um conjunto de livros intitulados *História da sexualidade* (2008), em quatro volumes, que se dedicava à descrição dos discursos sobre a sexualidade e as suas transformações ao longo da história. Com isso, deixou claro, de uma vez por todas, que o gênero é construído a partir da performance social do indivíduo e dos grupos humanos.

Assim, segundo Louro (2008, p. 21):

No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino / feminino, heterossexual / homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver.

A dificuldade em se conviver com o cruzamento destas fronteiras sexuais é o que destaca nosso tempo. Surgem, assim, atitudes violentas e de intolerância, muitas vezes respaldadas pelo

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

discurso oficial de políticos, líderes religiosos, entre outros, que desconhecem, completamente, os avanços dos estudos de gênero.

Nesse sentido, trazemos a ideia de performatividade da linguagem, que é de grande importância para se compreender a discursividade praticada por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis. De acordo com Butler (2001):

a performatividade dever ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. [Portanto] [...] as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual. (BUTLER, 2001, p. 154).

Assim, não se trata de compreender a performatividade como um ato em si, mas, pelo contrário, como certa atualização daquilo que é dito. Além disso, a performatividade tem um caráter inovador, capaz de transformar a realidade, daí sua materialidade.

Nesse sentido, quando se afirma que “meninos não usam vestido”, não se está, apenas, produzindo alguma regra, mas, para além disso, está-se promovendo a inscrição no corpo das marcas heteronormativas do homem. Trata-se, assim, de algo material: cria-se o corpo sexuado. Vale afirmar que, para Butler (2001), não se pode dizer, tão só, que a performatividade serve para produzir corpos heteronormativos.

Felizmente, o caráter de materialidade da performance é capaz de produzir, também, os corpos que questionam esta heteronormatividade:

eis que surgem as/os travestis, as/os transexuais, os s com suas perucas, seu salto alto, suas próteses, seu silicone, seus hormônios e muita purpurina, rasgando o verbo e estufando o peito para mostrar a instabilidade dos corpos, a fluidez do sexo e o caráter nominal que transforma uma criança num ser dicotomizado em menina ou menino (SIERRA, 2011, p. 34).

Depreende-se daí que se pode compreender a ideia de gênero não como uma questão de identidade, mas sim como uma questão de performatividade. Por esta razão, a forma como o corpo do indivíduo experiencia o mundo aponta para a dimensão linguística da sua construção. O corpo, já se afirmou acima, é, também, linguagem. A performance narrativa dos indivíduos, aqui considerando-se as diferenças socioculturais, bem como a multiplicidade (tanto étnica, quanto de classe ou religiosa), é o que contribui, em última análise, para a construção dos sujeitos.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

É por isso que se pode dizer que não há, certamente, uma verdade sobre a questão do sexo, mas um significado construído por meio de um ordenamento performativo. Tal performance é uma sorte de jogo teatral. Logo, autores como Pardo (2011):

Nesse jogo de desempenhar e “des-empenhar” papéis, teatralizamos nossas relações com a escola, o trabalho, o amor, o erotismo e todos os campos do cotidiano. Criamos cascas, armaduras de sobrevivência às vezes duras de atravessar os afetos, os sentimentos. Criamos personagens por vezes distantes do que havíamos pensado e do que imaginávamos para nós. Desafiamos nossa finitude, nossa leveza e fragilidade para enfrentar o mundo que criamos com a nossa espécie. (PARDO, 2011, p. 47):

Ora, se para Pardo não raro desenvolvemos personalidades em desacordo com os nossos desejos ou com aquilo que pensamos, há que se compreender que, no caso das mulheres transexuais, mulheres transgêneras e travestis, o que acontece é o oposto: cria-se, desenvolve-se e se performatiza o papel que condiz ao desejo do sujeito. Deve-se destacar que isso não quer dizer que pensamos estas figuras como personagens. Ressalta-se a materialidade da performance, isto é, sua capacidade de produzir ordenamentos na própria realidade.

Uma vez que os sujeitos investigados nesta pesquisa subvertem o discurso heteronormativo de gênero e os reinventam, apontamos que eles o fazem pela performance. De acordo com Butler (2001), a heteronormatividade se dá da mesma forma, uma vez que todas as sociedades constituem uma série de normas regulatórias que tem de ser reiteradas frequentemente para que se materializem.

Essas normas regulatórias são performadas pelos membros da sociedade por várias gerações com o propósito de se constituir em uma realidade social. Por meio da performance e da linguagem, também é possível desafiar tais normas regulatórias e subvertê-las. Por isso, afirma Louro (2004, p. 45) “a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, ‘faz’ aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos”.

### **1.5 Corpos generificados e minoritarizados e a demanda decolonial**

Além das propostas de estudos transgressores de Pennycook (2006) e indisciplinares de Moita-Lopes (2006) na Linguística Aplicada, com as quais nosso estudo se identifica, e do cunho discursivo das análises, como apontado nas linhas anteriores, enfatizamos também a importância para a discussão, ora proposta, dos conceitos e do posicionamento crítico que

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

emergem do campo dos estudos decoloniais (QUIJANO, 1997; MIGNOLO, 2018; LUGONES, 2008 e LANDER, 2005).

Esse movimento surgiu como um terceiro elemento da modernidade, a qual, segundo Mignolo (2018), tem sua origem a partir da modernidade/colonialidade, ou seja, do século XVI. O “giro decolonial”, como é chamado, resultou da união de pensadores de várias áreas do saber e do sul global, nomeadamente de países tais como Colômbia, Peru e México, nos anos de 1990, para discutir os quadros interpretativos propostos pelas ciências, que mantinham, no lugar do subalterno e invisível, o sujeito (pós)colonizado. O conceito de colonialidade, cunhado por Aníbal Quijano (1997) e se referindo à continuidade da lógica de domínio europeu na colonização e da subjectivação dos povos colonizados até os dias atuais, que é praticada pelas mais diversas instâncias sociais, foi fundamental para o entendimento do movimento intelectual que se intitulou decolonial.

Outro conceito importante para os estudos decoloniais é o de *colonialidade do poder*. Para Quijano (2010),

o poder é o espaço e uma malha de relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas, basicamente, em função e em torno da disputa pelo controle dos seguintes meios de existência social: 1) o trabalho e os seus produtos; 2) dependente do anterior, a ‘natureza’ e os seus recursos de produção; 3) o sexo, os seus produtos e a reprodução da espécie; 4) a subjectividade e os seus produtos, materiais e intersubjectivos, incluindo o conhecimento; 5) a autoridade e os seus instrumentos, de coerção em particular, para assegurar a reprodução desse padrão de relações sociais e regular as suas mudanças. (QUIJANO, 2010, p. 76)

Isto posto, a *colonialidade do poder* nos alerta para o controle dos gêneros e da sexualidade que acontece há muito tempo. Segundo Walsh (2006), a decolonialidade como história e práxis existe há mais de 500 anos por meio de lutas, ações e resistências contra os padrões de poder. Como pensadora do movimento decolonial, a autora vem contribuindo para a teorização das questões relacionadas ao gênero como invenções coloniais para domínio dos corpos e identidades. Walsh (2006) assevera que a decolonialidade é uma luta contínua contra as colonialidades impostas aos grupos subalternos, ou seja, resistência ao lado obscuro da modernidade. Por sua vez, Ballestrin (2013, p. 59) enfatiza que a decolonialidade não deve ser confundida como uma mera descolonização, visto que “em termos históricos e temporais, indica uma superação do colonialismo; por seu turno, a ideia de decolonialidade (ou descolonialidade) procura transcender a colonialidade, a face obscura da modernidade, que permanece operando ainda nos dias de hoje em um padrão mundial de poder”. Para Vergès (2019), a colonização é

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

um evento ou período, enquanto o colonialismo é um processo ou movimento social cuja duração é observada ainda hoje nas formações sociais resultantes desse processo e nas suas consequências. Já Nelson Maldonado Torres (2016) aponta que são justamente características dos estudos decoloniais a resistência teórica, prática, política e epistemológica nos estudos, isto é, a ideia de decolonialidade enseja a emancipação da cultura e do intelecto das amarras da epistemologia eurocêntrica. A produção acadêmica e cultural pautada pelos estudos decoloniais, assevera Oliveira (2018), avança em torno da emergência dos que são considerados como povos ou grupos subalternos à cultura vigente, a supracitada episteme eurocêntrica.

É também de Maldonado Torres (2016) a consideração de que os estudos decoloniais são inerentemente transdisciplinares e etnográficos. Para o autor, essas características são o fundamento das pesquisas de cunho decolonial, pois elas devem questionar as verdades construídas pelas ciências modernas e que são responsáveis pela manutenção de categorias, de classes e de identificações coloniais com seus respectivos processos de exclusão e de violência. Ele aponta que os estudos decoloniais se realizam em espaços interdisciplinares, com orientação emancipatória ou decolonizadora, e de forma que pode ser reconhecida como transdisciplinar. O autor ressalta ainda que tais estudos devem manter sua primazia epistemológica em relação às ciências europeias, às disciplinas e aos métodos delas, pois seu objetivo é a emancipação também dos padrões de pensamento e da ciência eurocêntricos. Para ele, várias pesquisas que se intitulam de teor transdisciplinar não o são. Além disso, defende que os estudos também devem seguir uma perspectiva etnográfica, no sentido de que localizam melhor os objetos de estudos. Conforme explica, “o surgimento dos estudos étnicos [ocorre] a partir dos protestos da Frente de Liberação do Terceiro Mundo” (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 76) em determinadas Universidades dos EUA, e tem, portanto, uma relação radical com a resistência e com a emancipação, aspectos fundamentais a serem perscrutados.

Ainda acerca da decolonialidade, também percebemos que as leituras feministas têm ganhado espaço. Citamos aqui os trabalhos de Françoise Vergès, cientista política, ativista e especialista em estudos pós-coloniais, mais especificamente, nos estudos sobre feminismo decolonial; e de Ochy Curiel, teórica feminista que também discute o feminismo decolonial. Segundo Vergès (2019), o feminismo decolonial é um campo formulado de maneira recente na atualidade, e provoca as demais vertentes do movimento feminista. A autora se questiona até que ponto estes movimentos, já consolidados e calcificados, estariam se tornando, em sua ambivalência ou indiferença a questões raciais, em um movimento feminista paradoxalmente

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

branco e imperialista. Nesse sentido, Curiel (2019, p. 32) conceitua o feminismo decolonial da seguinte forma:

Particularmente, o feminismo decolonial, retomando boa parte dos postulados da opção decolonial e dos feminismos críticos, oferece uma nova perspectiva de análise para entender de forma mais completa as relações derivadas de raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica de forma imbricada. Essas propostas feitas fundamentalmente por feministas indígenas e de origem indígena, afros, populares, lésbicas feministas, entre outras, questionam as maneiras em que os feminismos hegemônico, branco, branco-mestiço e com seus privilégios de classe entenderam a subordinação de mulheres desde suas próprias experiências situadas em reproduções do racismo, o classicismo e o heterossexismo em suas teorias e nas classes políticas.

Ademais, a autora discorre que, no que tange à vivisseccção da hegemonia colonial à qual a proposta decolonial visa superar, identifica-se a geração de uma espécie de *colonialidade do saber*. A colonialidade do saber é um conceito importante para este estudo e que estará presente nas falas das participantes da pesquisa. Trata-se de um imaginário, que promove, na produção intelectual, uma subalternidade que contribui e perpetua a invisibilidade dos conhecimentos e dos conceitos tidos como marginalizados. Segundo argumenta, o feminismo decolonial emerge de um contexto em que, até mesmo mulheres na participação intelectual, estejam, agora, inseridas nessa relação de poder sobre o saber.

A *colonialidade do ser*, termo cunhado por Walter Dignolo, segundo Strega (2016, p. 35), relaciona o colonialismo à não existência do outro, “que passa a ser submetido a uma negação sistemática e a uma sobredeterminação constante de sua essência e do seu ser”. Assim, sentimentos de superioridade e inferioridade, bem como relações de poder que sistematizam essa dinâmica, seriam as responsáveis por, até a atualidade, manterem determinados grupos sociais em posições de subalternidade.

Vergès (2019) prossegue ao relembrar que, sobretudo a este ponto da trajetória do movimento, há muito mais em jogo do que a igualdade de gênero, havendo uma luta que envolve algo transcendente ao gênero. Nesse contexto, o movimento tende a ultrapassar o determinismo biológico que categoriza o termo “mulher” e qualifica o campo do feminismo decolonial como um cenário complexo, porém que se estrutura como um movimento de revoluções contínuas no cotidiano. Para Vergès (2019), dizer-se “feminista” pode-se apresentar difícil por vezes, especialmente diante das traições advindas da hegemonia do movimento. Argumenta ainda que, com o alcance dessa hegemonia, muito desse movimento tornou-se

pouco autêntico e, em termos mais coloquiais, “vendido” para a expansão constante do capitalismo igualmente hegemônico. Dessa forma, o feminismo ocidental e materialista, que, a propósito, padece de certa ilusão de completude e hegemonia, seria responsável por essa traição e pela perpetuação de opressões relacionadas à classe, à etnia e, mais para o foco do presente projeto, ao determinismo biológico que petrifica as identidades de gênero.

Para Curiel (2019), a expressividade das propostas decoloniais substancia o cenário para um maior desenvolvimento de abordagens reflexivas e, quanto mais, críticas no que diz respeito às narrativas para compreender a essência das determinadas condições históricas, econômicas, culturais, políticas e sociais que pautam a situação da civilização ocidental. Ademais, a autora argumenta que o agito fornecido por essas vertentes críticas é imprescindível para a autoavaliação do movimento, de modo que, em um aspecto de vigilância constante, possa-se melhor orientar as ações políticas, sociais, acadêmicas e metodológicas do movimento. Ou seja, há uma maior potencialidade para a estruturação de uma nova perspectiva acerca de uma gama de relações e de distribuições em esferas de caráter e expansão tanto global quanto regional. Assim, com a proposta de superar a centralização exacerbada no construto da modernidade ocidental e eurocêntrica apoiada tanto no capitalismo expansivo quanto no movimento colonial/imperialista, o feminismo decolonial se coloca contrário à contaminação destes elementos no movimento feminista “tradicional”, ou melhor, hegemônico, isto é, como Vergès (2019) denomina, “feminismo civilizatório”. Em suma, Vergès apresenta o fundamento para esta colocação:

Dizer-se feminista decolonial, defender os feminismos de política decolonial hoje não é apenas arrancar a palavra “feminismo” das mãos ávidas da oposição, carente de ideologias, mas também afirmar nossa fidelidade às lutas das mulheres do Sul global que nos precederam. É reconhecer seus sacrifícios, honrar suas vidas em toda a sua complexidade, os riscos que assumiram, as hesitações e as desmotivações que conheceram. É receber suas heranças. Também é reconhecer que a ofensiva contra as mulheres, atualmente justificada e reivindicada publicamente pelos dirigentes estatais, não é simplesmente a expressão de uma dominação masculinista descomplexificada, e sim uma manifestação da violência destruidora suscitada pelo capitalismo. O feminismo decolonial é a despatriarcalização das lutas revolucionárias. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência. (VERGÈS, 2019, p. 27)

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

Compreendemos que o tema do corpo da mulher transexual, do corpo da mulher transgênero e do corpo da travesti, quando olhado a partir de dados como os do Dossiê da Antra (2020) e dos outros estudos mencionados nas linhas anteriores, que apontam para os problemas de exclusão e de invisibilidade social desses indivíduos, faz visível esse quadro colonial de poder/saber/ser que se constitui como o *status quo* da convivência em sociedade, e a partir do qual funcionam como premissas da heteronormatividade, do binarismo e das determinações proibitivas quanto ao corpo e à sexualidade que destoam desse modelo. Sendo assim, é cabível que a nossa temática seja investigada também a partir do escopo teórico feminista decolonial.

O estudo ora proposto se pauta, portanto, na Análise de Discurso como orientação teórico-analítica sobre o funcionamento da linguagem; na Linguística Aplicada transgressora e indisciplinar, que nos mobiliza a abordar um tema de urgência social e respalda a investigação transdisciplinar; nos estudos decoloniais e em suas vertentes, a partir das quais poderemos abordar a emergência da categoria de gênero e de sexualidade na história ocidental e nas práticas opressoras e excludentes com relação a corpos que fogem da heteronormatividade. Além disso, nos pautaremos na proposta AREDA, que será abordada na seção seguinte. Além de possibilitar que nossas análises sejam conduzidas com base na linguagem, ela nos permite tecer relações com os campos do saber supracitados.

### **Considerações finais do capítulo**

Considerando o exposto sobre as teorias com que trabalhamos, é interessante notarmos que existe uma proposta interdisciplinar em todas elas. Os estudos sobre o corpo, por exemplo, estão atravessados pelas questões da linguagem, sobre iconicidades, embasados por vezes na filosofia foucaultiana e na teorização sobre as relações de poder. Na Análise do Discurso franco-brasileira, os conceitos de inter e intradiscursos são relevantes, pois nos auxiliam na compreensão dos modos como os sujeitos tomam a palavra, tentando se individuar e, ao mesmo tempo, remetendo-se a algo que lhes é prévio. Aqui novamente observamos o tema do poder e das hierarquias, juntamente ao da construção do sentido, que é a chave para analisarmos como a LAC toma a ideia de regularidades enunciativas. Aliás, é por meio da LAC que podemos voltar nossa atenção ainda mais fortemente ao nosso *corpus*, pois ela nos permite questionar temas não usualmente debatidos na academia, embasados nos Estudos da Linguagem. É graças a ela, também, que compreendemos as disciplinas como domínios dinâmicos e, por isso, nos lançamos a pesquisar novos campos do saber, como as perspectivas decoloniais e o feminismo



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

decolonial, que nos possibilitam entender a complexidade das identificações de sexo e de gênero no mundo ocidental.

Cabe explicitar que, apesar de entendermos que autores como Quijano (1997; 2010) propõem o “desprendimento” total das epistemologias do Norte Global, em nosso estudo, escolhemos manter todos os referenciais, do Sul e do Norte Globais, que nos possibilitassem compreender melhor o nosso tema em sua importância social e complexidade histórica, localizá-lo e justificá-lo no âmbito dos estudos da linguagem e analisar o *corpus* de pesquisa na relação aos funcionamentos discursivos (e não pessoais ou conteudistas).

Entendemos, como Grosfoguel (2008), que assumir uma posição favorável à decolonialidade não significa, apenas, não utilizar autores do Norte Global. Trata-se de questionar sua universalidade, fazer aparecer as diferenças. Nesse sentido, é importante situar que estamos falando de corpos transexuais, corpos transgêneros e corpos travestis, cujas vivências extrapolam domínios já conhecidos, pois se situam em territórios outros. Por isso, pensamos em abordar toda essa complexidade por meio da proposta AREDA, sob um viés metodológico que nos convida a pensar a linguagem e os efeitos de sentido de determinados grupos sociais que, ao enunciarem, colocam em evidência determinados temas que nos são caros.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

## **Capítulo 2**

### **Procedimentos metodológicos**

“Bem que eu te avisei!  
Vou mandar a real!  
Sabe a minha identidade?  
Nada a ver com genital!”  
(Linn da Quebrada, Pirigoza, 2017)

## **Considerações iniciais do capítulo**

Neste capítulo, discorreremos sobre como procedemos com nossos métodos de coleta de dados e de quais ferramentas nos dispusemos para isso. Em primeiro lugar, apresentamos a proposta AREDA, que norteia nosso olhar sobre o *corpus*. Em seguida, caracterizamos a natureza da nossa pesquisa em termos metodológicos e apresentamos os procedimentos necessários para a coleta de dados. Por fim, fazemos uma apresentação das participantes, informando alguns dados sobre elas antes de passarmos para as análises em si.

### **2.1 A proposta AREDA**

A proposta AREDA, (Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos) com a qual trabalhamos nesta pesquisa, foi elaborada por Serrani-Infante (1998, 2019) no interior dos estudos em Linguística Aplicada. Em termos teóricos, a proposta reúne a Análise do Discurso e a Psicanálise em uma perspectiva transdisciplinar. Apesar de ter sido pensada inicialmente para estudos sobre a aquisição de outras línguas (vide AMADO, 2018), a proposta tem se mostrado interessante também para o campo dos estudos da linguagem no geral.

Para Serrani-Infante (1998, p. 150), tomar a palavra implica tomar uma posição e, logo, incluir-se em processos identificatórios. Em suas palavras, “enunciar remete ao fato de que o que está em questão é produzir (e compreender/atribuir) efeitos de sentido”. Por causa disso, o enunciado é tão importante para nosso estudo, pois é por meio das escolhas, que não são totalmente conscientes, que se apreendem as tomadas de posição do sujeito.

Ao se inspirar na Análise do Discurso para se fundamentar, a proposta AREDA toma emprestado alguns conceitos que são essenciais para a condução da análise do material a que se propõe. Um deles é o de interdiscurso, definido por Orlandi (2009, p. 31) da seguinte maneira:

A memória [...] é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retoma sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra.

Orlandi (2009) ainda afirma que, além de analisar gestos interpretativos, o próprio investigador é responsável por um dispositivo analítico, que corresponde à seleção de teorias e de procedimentos que irão sustentar sua análise.

Um dos procedimentos comuns nesta proposta inclui o retorno a perguntas repetidas, mas elaboradas de maneiras diferentes, de modo que seja possível, por meio dessa estratégia, observar ressonâncias discursivas sobre um mesmo tema que acontecem nas formulações das respostas das participantes. Para Serrani-Infante (1998, p. 161) o termo corresponde à “vibração semântica mútua, que tende a construir, no intradiscurso, a realidade de um sentido”, sendo a noção de intradiscurso explicada por Orlandi (2009) como aquela que corresponde às maneiras como nos dispomos da linguagem e organizamos nossos enunciados levando em conta igualmente o interdiscurso. Outra definição de ressonância discursiva é trazida por Reis (2016, p. 88), para quem “As ressonâncias discursivas nos indicam, enfim, as *representações produtoras de efeitos de sentido*, que constituem o modo como o sujeito se coloca em seu fazer/ser e nas relações que aí ganham forma”. Esse modo como o sujeito se coloca nas relações nos interessa na medida em que revela, em partes, traços de uma cultura cis-heteronormativa e colonial, que pretendemos denunciar, de certa forma, ao analisar os depoimentos das participantes da pesquisa.

Por fim, munidos dos procedimentos metodológicos desta proposta e de nossas filiações teóricas transdisciplinares, é possível traçar um estudo que parta da linguagem como objeto de análise dentro da LA e que aborde o sujeito sob a ótica da AD e dos estudos decoloniais.

## **2.2 Depoimentos**

Apesar de a proposta AREDA recomendar o uso de perguntas para se observarem as ressonâncias discursivas, nossa abordagem com as participantes se deu de forma mais aberta, e não com perguntas estruturadas, pois nossa intenção era a de deixá-las mais à vontade. Algumas, inclusive, apenas aceitaram participar da pesquisa, porque não se tratava de responder perguntas prontas que as poderiam limitar, e por ser uma espécie de depoimento aberto, que é, também, narrativa. É sob essa perspectiva que reafirmamos e justificamos a escolha da expressão “escuta transgressora”, pois, da mesma forma que a proposta AREDA costuma prever em termos de método de coleta de dados, nossa escuta se pautou na da repetição de sentidos em diferentes formulações nos depoimentos obtidos, aberta ao que os sujeitos de pesquisa desejaram enunciar, contudo, buscando encontrar ressonâncias discursivas entre elas. Assim, pudemos conseguir mais participantes e, mais importante, pudemos fazê-las falar mais livremente, o que contribuiu para a riqueza do material coletado.

### **2.3 Natureza da pesquisa**

Nossa pesquisa é definida como qualitativa, do tipo estudo de caso. A esse respeito, Minayo (1993, p. 21-22) conceitua a pesquisa qualitativa como aquela que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Nesse sentido, diferente das análises quantitativas, que se baseiam em *corpus* mais amplos e, geralmente, numéricos, a nossa abordagem se preocupa com questões sociais e psicológicas, não importando tanto com a quantidade de dados a serem analisados. Isso, pois as pesquisas qualitativas resultam da necessidade de o pesquisador se debruçar sobre as inquietações que lhe envolvem.

Uma vez que o resultado desse tipo de pesquisa se dá por meio da interpretação que o pesquisador faz do seu *corpus*, a atenção à escolha teórica é ainda mais importante, sem se deixar, entretanto, afetar e enviesar os resultados de forma que inviabilize a pesquisa. Isso, porque as conclusões obtidas neste processo seriam questionáveis, já que a verdade científica fora comprometida. Desse modo, é precípuo que, mesmo sendo um desafio, haja uma postura moderada entre as partes que compõem uma pesquisa (teoria e análise). Dentro da abordagem qualitativa, a presente pesquisa se encaixa no tipo estudo de caso, pois tem como foco as discursividades praticadas por mulheres transexuais, mulheres transgêneras e por travestis ao falarem de si mesmas.

A análise de dados implicou o estudo sobre o universo discursivo do grupo social do qual cada participante faz parte. Isso se deu pelo levantamento de estudos já publicados sobre o assunto e a partir das próprias análises que foram realizadas com o corpus. Cabe mencionar que, por ser uma pesquisa qualitativa e de cunho discursivo, as respostas recebidas foram analisadas como exemplares de discursos e também como materiais de subjetividade ou individualidade. Nesse sentido, apenas uma participação já seria suficiente para fornecer pistas sobre como o tema mulher transexual, mulher transgênera ou travesti é discursivizado pelas próprias mulheres transexuais, mulheres transgêneras ou travestis, já que, na Análise do Discurso franco-brasileira, entende-se que o dizer sempre emerge de relações de memória socialmente construídas e que remetem o sentido para o que é possível de ser dito em determinado momento histórico e em determinadas condições de produção.

## **2.4 Procedimentos para a coleta de dados**

Para obtenção dos dados empíricos das discursividades transexuais e travestis, o pesquisador fez contato com comunidades presentes em redes sociais e/ou divulgadas na internet, formadas por mulheres transexuais, mulheres transgêneras e travestis. Nessas comunidades, solicitamos permissão para divulgar a pesquisa e o convite para participação. As pessoas interessadas puderam se manifestar por e-mail aos pesquisadores. Deixamos claro que a participação seria voluntária e que não haveria remuneração nem cobrança de quaisquer valores. Participaram da pesquisa as pessoas que assinaram e nos enviaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide Apêndice 2)<sup>25</sup>. Vale destacar que os participantes que o procuraram os pesquisadores voluntariamente para participar da pesquisa com a intenção de verificar que os dados enviados não eram falsos. Além disso, depois de contatar os interessados na pesquisa, os pesquisadores explicaram-lhes a natureza e o funcionamento de todo o trabalho, não havendo, se quer, a possibilidade de alguma participante dar depoimento falso.

Assim, durante o período compreendido entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022, realizamos buscas, em ambientes virtuais, por grupos de redes sociais com as palavras-chave: “Mulher Transexual”, “Mulher Transgênera”, “Mulher Trans” e “Travesti”. Uma vez encontradas essas comunidades, entramos em contato com elas, virtualmente ou por telefone. Para isso, contatamos os proprietários dessas comunidades. Em nosso contato, pedimos permissão para divulgar a pesquisa e para convidar os membros desses grupos a participarem voluntariamente, explicando ainda como poderiam manifestar seu interesse em participar. Solicitamos que a manifestação de interesse não fosse feita na própria postagem de divulgação da pesquisa, mas sim em uma conversa privada que ocorreu por essas próprias redes sociais ou através do endereço de e-mail que disponibilizamos no momento da divulgação. Poder-se-ia enviar as respostas ao pesquisador por e-mail, vale apontar, mas nenhuma das participantes desejou fazê-lo.

Assim, nosso *corpus* se compôs de 6 (seis) depoimentos, que se encontram transcritos no Apêndice 3. Todas as participantes são maiores de idade, e os nomes fictícios foram escolhidos por elas mesmas. Como orientações para participação, foi informado que a participante deveria escrever ou gravar um arquivo de áudio falando de si. Ela foi convidada a

---

<sup>25</sup> Os procedimentos adotados pelo estudo foram submetidos à Plataforma Brasil, ao que se recomenda na Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), em consonância a redação dada Associação Médica Mundial na Declaração de Helsinque de 1964 sobre o conjunto dos princípios éticos que regem a pesquisa com seres humanos. Aprovado dia 18 de outubro de 2021, com CAAE 51591621.5.0000.5152.

falar sobre sua experiência de viver em sociedade como uma mulher transexual, como uma mulher transgênera ou como uma travesti e de seu cotidiano, podendo focar atividades, relações pessoais, lugares, etc., dentre outras informações que desejasse e sobre as quais se sentisse confortável em falar. Foi solicitado também que ela informasse sua idade e região de origem e que contasse sua história para se identificar como mulher transexual, como mulher transgênera ou como travesti. Foi explicitado que, no caso de gravações de áudio, elas seriam transcritas para nossa análise.

A análise se configura da seguinte maneira: uma vez com o *corpus* constituído e pronto para análise, os pesquisadores realizam movimentos de descrição e de mobilização teórica que vão se refinando conforme alguns sentidos foram se mostrando mais regulares entre os diferentes materiais de análise. Por exemplo, pode ser que, no nosso estudo, sejam frequentes menções a situações de exclusão social. Na análise discursiva, não basta, então, identificar que esse subtema é mencionado no *corpus*, é necessário descrever como, com quais palavras e combinações de palavras, com quais tempos verbais, com quais estruturas gramaticais, se em voz passiva ou ativa, entre outros. O estudo das formulações linguísticas é que vai permitir identificar discursos e formações discursivas. São, portanto, várias camadas de análise da materialidade linguística e na relação com a fundamentação teórica que vão possibilitar a compreensão de discursos em funcionamento no *corpus*. Afinal, a proposta AREDA prevê esse tipo de análise, que parte da materialidade, fundamental para nosso estudo, mas também dialoga com as teorias que subjazem os dizeres de nossas participantes.

## **2.5 Algumas informações acerca das participantes da pesquisa**

Apresentamos agora um breve perfil de cada uma das seis participantes desta pesquisa. Como mencionado, nomes fictícios foram escolhidos por elas mesmas e remetem, como compreendemos, a outras pessoas transexuais, transgêneras e travestis com maior visibilidade pública que já (re)conhecem ou a pessoas que gostariam de homenagear.

**Linn:** 18 anos. Natural de Tucuruí, no Pará, mas reside em Marabá, no mesmo estado. A escolha do nome se deu pela afinidade da participante por toda história de luta da cantora Linn da Quebrada.

**Dandara:** 20 anos. Natural do Paraná, mas reside em Minas Gerais. A escolha do nome foi uma homenagem a Dandara dos Santos, travesti que foi espancada e executada a tiros no estado do Ceará.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

**Sara:** 27 anos. Natural de Catalão, Goiás, e reside em Uberlândia, Minas Gerais. A escolha do nome foi somente uma afinidade por ele.

**Juliana:** 32 anos. Natural de Monte Azul, Minas Gerais. Até o momento da entrevista, residia na mesma cidade. A escolha do nome foi uma homenagem a uma amiga transexual, que a inspirou muito durante toda a vida, uma pessoa que a inspira por tudo que já passou, por todo processo de “transformação e formação”, segundo a participante.

**Brigitte:** 37 anos. Natural de Santa Vitória, mas reside em São Simão (ela não fornece detalhes sobre o estado onde ficam esses municípios). A escolha do nome foi uma homenagem a uma mulher transexual que a participante gostava quando era adolescente, uma pessoa em que ela se inspirava.

**Lupita Gold:** 43 anos. Reside na cidade de Paranaiguara, Goiás. A escolha do nome foi uma homenagem à primeira pessoa transgênera que apoiou a participante em todo processo de transição, de autoconhecimento sobre si e sobre a vida.

### **Considerações finais do capítulo**

A proposta AREDA se mostrou ideal para trabalharmos com um *corpus* complexo como o que consta nesta pesquisa. Por considerar as regularidades enunciativas, ao mesmo tempo que coloca a questão do discurso no viés pecheutiano como um conceito importante, a proposta atende às nossas expectativas de condução da análise. Assim, ao aliarmos um estudo qualitativo às problemáticas levantadas e acessadas graças às discursividades das participantes, podemos ter um maior cuidado com os nossos dados, voltando um olhar atento às regularidades e às teorias que foram trabalhadas nas sessões teóricas.

Procuramos trabalhar com participantes de diferentes idades e vindas de diferentes regiões do Brasil. Sabemos, no entanto, que, por estarmos em um país tão diverso, multifacetado e multicultural, algumas questões não são apreendidas em suas merecidas dimensões. Cabem, portanto, outras análises, sob outras perspectivas, que possam englobar outros eixos das complexas faces que uma pesquisa qualitativa coloca em evidência.



## Capítulo 3

### Gestos de análise

“... E eu jamais pedirei a qualquer um de vocês por respeito.  
Eu vou exigí-lo!  
Você não irá me dizer que me aceita!  
Você não irá me dizer que me tolera!  
Você não tem esse poder!  
Eu retiro de você!  
Você irá me respeitar por quem eu sou!”<sup>26</sup>

(Dominique Jackson, Prêmio Nacional de Igualdade no  
23º Jantar Nacional Anual da *Human Rights Campaign*,  
2019, tradução nossa)

---

<sup>26</sup> Do original: “... And I will never ever ask any of you for respect. I will demand it! You will not tell me that you accept me! You will not tell me that you tolerate me! That is not your power! I take that from you! You will respect me for who I am!”

## **Considerações iniciais do capítulo**

Nossa análise discursiva toma o enunciado como unidade de análise, sendo que o objetivo de nossa interpretação é passar do estado da significação para chegarmos à identificação de quais representações são identificadas nos enunciados das participantes. Para isso, valemo-nos das regularidades enunciativas presentes nos dizeres das participantes, identificados graças aos depoimentos abertos recolhidos, inspirados na proposta AREDA. É preciso se atentar, ainda, ao fato de que nessa metodologia, é importante observar como o discurso foi constituído, ou seja, quais palavras, combinações, tempos e estruturas gramaticais foram usados pelas participantes.

Apresentamos, então, as seis análises: de Linn, de Dandara, de Sara, de Juliana, de Brigitte e de Lupita Gold. Para cada uma delas, demonstramos como as representações identificadas se manifestam em seus dizeres, trazendo transcrições de momentos em que abordam determinados assuntos. Nas transcrições, destacamos, em negrito, os trechos que serão importantes para a análise, de modo que fique mais fácil a leitura tanto da análise em si, como dos trechos, que estão organizados em Sequências Discursivas (SDs). Ao final de cada SD, identificamos, entre parênteses, a participante que proferiu determinadas sequências. É, portanto, a partir das regularidades que compreendemos as significações e as conexões com outros debates de diferentes áreas do conhecimento que compõem esta pesquisa.

As representações identificadas nos dizeres das participantes e que serão analisadas em seguida são: a) O corpo como manifestação política e como campo de transformação; b) A educação e a formação profissional como discurso de empoderamento; c) O espaço público e a relação com o outro como compreensão dos olhares alheios; d) Formas de se individualizar e de se coletivizar como um propósito a ser alcançado.

### **3.1 O corpo como manifestação política e como campo de transformação**

Todas as participantes trazem considerações a respeito das relações que travam com seus corpos transexuais, transgêneros e travestis. Em seus dizeres, ressoou o sentido de que seus corpos eram manifestações tanto políticas como campos de transformação de si, de contestação de normas (ou mesmo, a depender do ponto de vista, de aceitação delas, quando o que se almeja é um corpo feminino) e de estranhamento ao olhar do outro. Em algumas falas, será possível perceber um viés mais político em relação ao corpo, enquanto, em outras, o que predomina é a

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

forma como a participante se apresenta frente ao mundo e às transformações pelas quais o seu corpo passou.

Seguem, portanto, as transcrições relativas a essas ressonâncias:

**SD1:** Considero a permissão para **afloiar a minha travestilidade** ainda muito recente, perto de 16/17 anos como minha **pré-transformação** onde estava me preparando de vez, pra tudo que ia enfrentar enquanto pessoa não cisgênera. (Linn)

**SD2:** “a gente vem **quebrar o estereótipo** do que quer ser uma mulher padrão, do que do que que você tinha como uma forma de nascer, mulher e... e transexualidade, ela vem para dizer que **não se nasce mulher ou se nasce homem**... ali com 12, 13 anos que eu fui afetada por essas **mudanças físicas**, hormonais e clássicas da puberdade, eu comecei a entender que é o feminino, não era só um ponto de admiração de flerte, mas era um ponto de identificação e de território afetivo...**eu tinha nascido ali na minha imaginação homem**, eu ia morrer homem, então não havia possibilidade de ser uma mulher, então entre um conflito muito grande comigo mesmo ali por volta dos meus 16 anos que eu já tinha passado ali por grande parte da puberdade e com isso vem os pelos, vem o engrossamento da voz, a gente começa a ficar com corpo mais largo e aquilo me incomodava muito” ...eu vou começando a ficar um pouco **andrógina**, usando uma calça mais apertada, começo a flertar com uma certa maquiagem, de um lápis no olho...eu gostava quando as **pessoas me confundiam na rua** ou em outro lugar com uma menina, né? Então as pessoas me chamavam ei moça aí né? Chegava mais perto e via que eu era um menino, então eu **gostava desse... de brincar com isso**, né?... eu vou começando **cada vez mais me afeminar**... “. (Sara)

**SD3:** eu me identifico enquanto uma **travesti preta** e... eu costumo dizer que eu gosto muito das **práticas e desobediências de gênero** né? Eu uso, eu uso a identidade de travesti também como uma **marcação política**...tenho feito do meu corpo um **espaço de experimentação** [...] uma forma de se fazer política... eu sempre, eu me acho um **corpo estranho**, eu me acho, eu me acho que eu me fiz a partir do erro daquilo que as pessoas veem como um erro daquilo que **as pessoas veem como estranho**, como um objeto e acho que eu me pensei e me construí a partir disso sabe? Acho que pensar, pensar que eu sou **uma falha desse sistema** é uma coisa que me empodera...através do questionamento acho que as pessoas sempre olham para mim se questionando será que é homem, será que é uma mulher, será que é o que, sabe? Eu gosto disso, eu gosto de que as pessoas me olhem e me vejam que é **uma outra possibilidade de corpo**, sabe? (Dandara).

**SD4:** Eu me vi é... uma criança é... um menino gay até os meus 11 anos, 12 anos e depois dessa idade, eu comecei a vestir, né... E aí passei por /todos os procedimento/ de transição quando me formei no ensino médio em 2007... por mais que eu me reconheça como uma mulher trans, mas eu também tenho a consciência que meu físico... meu físico, ele é um físico masculino. Então tinha um corpo meio que **quadrado**, não tinha tantas curvas e aí atualmente eu consegui fazer cirurgia, né? Final de 2020 e consegui externar, ou seja, eu falo que a minha cirurgia não é nem uma cirurgia estética, que foram cirurgias necessárias e de **reafirmação da mulher** que eu sou né? (Juliana)

**SD5:** Minha transição foi muito rápida, eu em um ano eu já /tava/ bem feminina só meu cabelo que era curto, mas eu... minha transição foi muito rápida mesmo, **fiquei feminina** muito rápido, comecei me vestir já também, porque uma coisa eu sempre tive na minha cabeça, se eu fosse

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

me assumir eu ia virar mulher... há cinco anos, eu descobri que eu queria virar mulher trans. Entrei na fila... do SUS, já tem cinco anos que eu faço o acompanhamento por médicos e psicólogo, minha cirurgia já foi liberada era para me ter operado em fevereiro do ano passado, mas devido a pandemia, a minha... foi adiada a minha cirurgia. (Brigitte)

**SD6:** aos meus 14 anos, fui vendo que a minha mente, o meu corpo, os meus desejos foi diferenciando para um lado onde que eu tive... observava e ficava com medo, e assim foi aumentando os meus desejos desejo por homens...eu **me sinto uma mulher quando eu coloco um salto 15 no meu pé**, é... a forma de **me vestir**, ela me realiza, os meus hormônios e **minha prótese**. Tá mas o meu corpo quando eu me /maqueio/, põe o meu salto, saio pra noite toda afeminada para mim é a melhor coisa. (Lupita Gold)

Assim, quando Brigitte afirma que “fiquei feminina”, o que se percebe é uma estabilização (ainda que temporária) do gênero, proporcionada pela materialidade do discurso. Não se pode esquecer de que é possível destacar esta dimensão material como a capacidade de se produzir realidade pela palavra, conforme pretende a LA. O que não se pode deixar de mencionar, também, é a afirmação de Dandara (SD3): “travesti preta”, quando se aponta para o fato da complexidade étnica que corresponde à realidade brasileira. Trata-se, é certo, em tal afirmação, de uma sorte de reivindicação de um *status* de resistência, uma vez que se está, não esqueçamos, em um contexto de afirmação de desafios às normas.

Linn considera que a relação com seu corpo passa por uma transformação que ocorreu com seus 17 anos de idade, quando permite aflorar sua travestilidade. Reforça, ainda, que sua preparação envolveu certa coragem para enfrentar a sociedade enquanto pessoa não cisgênera, reconhecendo, desde jovem, a existência de uma hierarquia de manifestações das identidades sexuais (SD1). Sara, por sua vez, aborda a questão do corpo com o termo “transexualidade”, diferente de Linn. De modo semelhante, Sara menciona a questão da idade (“12, 13 anos”) e a puberdade, ao mesmo tempo que reflete sobre as identificações que já possuía com o “feminino” (SD2). A questão do corpo, para ela, perpassa mudanças físicas, como emagrecimento, mudança no tom de voz e uso de maquiagem (SD3), por exemplo. Nesse percurso, ela ainda menciona o período em que era percebida como pessoa andrógina, que ora era confundida na rua como menina, ora como menino. O mesmo é relatado por Dandara, que também afirma gostar desse lugar da dúvida, desse estranhamento do outro sobre o corpo dela, pois ela prefere pensar que ele é uma “possibilidade”, um “espaço de experimentação” (SD3). Esse jogo de visibilidades, que coloca em evidência o que é público e oculta, de certo modo, o que é privado é abordado por Courtine (2011, p. 64) como uma das experiências relativas à civilidade: “a conduta do sujeito na vida social se encontra cada vez mais estreitamente regulada por uma equivalência entre uma pessoa exterior e visível e um ser interior e escondido”. Para

os corpos transexuais, transgêneros e travestis, esse jogo pode ser ainda mais desafiador, visto que são esses corpos os mais violentados e inviabilizados no espaço público<sup>27</sup>.

O modo como evidenciam esses processos de identificação e como seus corpos atravessam esse processo é apreensível também pelas palavras e expressões que usam em suas falas. Dandara, por exemplo, é bastante assertiva ao caracterizar suas identidades ao utilizar o pronome pessoal com reflexivo (“eu me identifico”), o verbo gostar para descrever uma prática social (“eu gosto muito das práticas de desobediência”) e o verbo usar para se reafirmar no espaço político (“uso a identidade de travesti também como uma afirmação política”). A sua agência está pautada em um senso de indivíduo, mas que também é social e capaz de transformar o mundo. Já Sara, se analisarmos esses usos da noção do eu e do coletivo na questão política, traça um caminho de coletividade, pois utiliza “a gente” (“a gente vem quebrar o estereótipo do que quer ser uma mulher padrão”) para se referir ao seu grupo social e a si mesma. Este “quebrar o estereótipo” precisa ser problematizado, uma vez que, é certo, há a contestação da normatividade na medida que se pretende desconstruir o corpo masculino, mas, por outro lado, existe a “mulher” no horizonte. Isto é: pretende-se, então, desconstruir o corpo masculino, mas construir um feminino que é aquele que responde ao olhar masculino e machista. Flerta-se o tempo todo, é curioso dizer, com a normatividade.

Linn, por sua vez, apresenta uma fala ainda mais ponderada, pois utiliza “considero” (“Considero a permissão para aflorar a minha travestilidade ainda muito recente”) para refletir sobre suas travestilidades. Portanto, percebemos que as maneiras como se colocam e retratam suas identificações, manifestações políticas e transformações por meio da língua são resultados de processos que são muito singulares para cada uma.

Adicionalmente, é importante pensarmos que as mesmas normas que regulam ou validam a existência de determinados corpos são as que também abrem espaço para resistência e existência de corpos outros, como afirma Louro (2004, p. 44): “Ainda que as normas retirem sempre, de forma compulsória, a heterossexualidade, paradoxalmente, elas também dão espaço para a produção dos corpos que a elas não se ajustam. Esses são constituídos como sujeitos ‘abjetos’ – aqueles que escapam da norma”. É justamente nesse território que os corpos transexuais, transgêneros e travestis devem navegar e encontrar maneiras mais “vivíveis”, como postula Butler (2016) – não unicamente atrelados às heterossexualidades, mas a qualquer norma que os constitua.

---

<sup>27</sup> Conforme apresentado em “Palavras introdutórias”, os dados da ANTRA nos revelam que a taxa de homicídios contra travestis e transexuais aumentou cerca de 41% em 2020.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

Se, de acordo com o conceito de *colonialidade do poder*, existe um controle sobre as formas como experienciamos nossas sexualidades e nossos gêneros, controle que tem se interposto na história de maneira significativa e contínua, o que as participantes relatam é que esse controle, de fato, não acabou. Ao se constituírem como sujeitos abjetos e, ao mesmo tempo, buscarem formas de vida possíveis, buscam também se transformar e, em alguns casos, fazer dessa transformação um ato político, pois sabem que aquele território que entendem como corpo ultrapassa algumas fronteiras e chegam ao outro (o “individual” afetando o coletivo).

Nesse sentido, é interessante notarmos que, enquanto Linn trata das questões do seu corpo como uma transformação “sua”, ou seja, que diz respeito sobretudo a algo particular, Sara, além de trazer essa abordagem, ainda questiona a representação do seu corpo no espaço público. Curiosamente, segundo Le Breton (2011), a percepção do corpo enquanto uma estrutura individualista, de que um indivíduo tinha posse, representa um momento relevante na antropologia do corpo. Ao mesmo tempo, não podemos negar que o corpo é também um efeito de construções sociais e culturais que, portanto, adquire significações graças ao compartilhamento de um sistema de referências. É por isso que, para Sara, por exemplo, esse sistema de referências se torna dúbio no momento em que as pessoas começam a estranhá-lo nos espaços públicos. O mesmo ocorre com Juliana (SD4), ao relatar que possuía um corpo “quadrado”, ou seja, incompatível com as referências normativas de como deveria ser um corpo “feminino”. Para isso, realizou cirurgias estéticas, de “reafirmção da mulher” que ela é. Tornar-se “feminina” é integrar esse sistema de representações, como relata Brigitte (SD5), que afirma que teve uma transição muito rápida.

Em contrapartida, para Linn, a tomada de posse do seu corpo, ou seja, a percepção individual que tem sobre ele é resultado dessa “descoberta” do corpo como atributo do sujeito, sobre o qual é capaz de imprimir modificações. Nesse viés de modificações, Lupita Gold também reforça que é quando coloca um salto, se veste e coloca sua prótese que se sente mulher (SD6), ou seja, é na ideia de uma performance consciente de suas atitudes que os códigos de feminilidade se tornam mais perceptíveis nela.

Em todo caso, é preciso, segundo Wanderley (2019, p. 137) “encarar o corpo como uma necessidade material para a produção de sentidos”. Ainda de acordo com a autora, o sujeito, ao mesmo tempo que precisa interpretar os códigos ao seu redor, necessita do corpo para fazê-lo, pois os próprios meios que o capacitam para essa interpretação estão no corpo. Assim, sujeitos à língua e à história, conforme Orlandi (2009), sofremos os efeitos do simbólico para nos

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

constituirmos, de modo que somente nos submetendo à língua e à história nos constituímos e produzimos sentido.

Se o corpo representa essa necessidade material na produção de sentidos, poderíamos relacioná-lo à *colonialidade do ser*, uma vez que a própria existência perpassa o corpo. Em outras palavras, a existência de corpos historicamente invisibilizados precisa ser pensada em conjunto, pois os sentidos atribuídos a diferentes corpos possíveis não são os mesmos. Os brancos, “masculinos”, heterossexuais e cisgêneros foram (e ainda são) os mais visibilizados e privilegiados. São eles, aliás, que produzem sentidos a respeito dos próprios corpos e os dos outros, daqueles que fogem às regras. É a partir dessa nomeação, dessa categorização de corpos, que Foucault (2008) observa em *História da Sexualidade I*, por exemplo, que alguns sujeitos vão se perceber como corpos anômalos, abjetos.

Esse tipo de pensamento dialoga com o que Dandara traz em sua fala, pois ela demonstra estar mais inteirada sobre algumas discussões acerca do corpo. Para ela, seu corpo é um “corpo estranho” (SD3) e, apesar disso, ela deseja se construir a partir desse espaço de “estranheza”. Além disso, é a partir de seu entendimento enquanto “falha” do sistema que ela se empodera, ou seja, é relacionando língua e história que ela se constitui, produz sentidos sobre seu corpo e sua existência enquanto travesti.

### **3.2 A educação e a formação profissional como discurso de empoderamento**

A educação ocupa um papel relevante na vida e, sobretudo, nos processos de identificação das participantes. Ainda que apresentem percursos educacionais distintos, esse tipo de formação, assim como a profissional em termos restritos ao trabalho, é constante em seus dizeres.

**SD7:** estava e ainda estou à procura de emprego fixo de meio período, pois **eu estou cursando ensino médio, a fim de me estruturar e de criar novas experiências enquanto travesti...** ... Recentemente consegui alterar meu nome dentro do meio escolar e considero isso um marco muito importante. (Linn)

**SD8:** Então **eu entro na universidade** e até a terapia ela me ajuda a escolher também de fato a psicologia, porque eu sou psicóloga então eu tive uma influência grande dá... desse processo analítico que me faz de alguma forma me apaixonar pelo campo da Psicologia mais ainda... **começo a me interessar** cada vez mais pela temática da transexualidade e eu **vou me incluindo** nos movimentos, ali dá universidade mesmo, vou participando de roda de conversas, debates sobre o tema então é ai que eu vou né entendendo com os meus pares né? (Sara)

**SD9:** a universidade foi um espaço onde eu aprendi muitas coisas... entrar na Universidade para mim foi, uma coisa muito, nossa! foi muito bom assim porque **eu consegui** ver outras perspectivas de mundo para além daquelas que eu já tinha que eram poucas assim. **Eu tive acesso** a muitas questões que também me ajudaram muito a pensar, né?... **eu quero muito também ser uma referência dentro do espaço acadêmico**, acho que é uma ambição assim que eu tenho sabe? é um desejo que eu tenho, mas quero tá propondo novas ideias sabe? tá propondo novas formas de fazer pesquisa e também **novas formas de se pensar** né? o que são as **epistemologias travestis**, né?”, “. (Dandara)

**SD10:** quando foi em 2011 que eu terminei minha faculdade de pedagogia... **terminei minha faculdade agora sou dona do meu nariz**, vou fazer o que eu quiser da minha vida, mas não foi por aí... ingressei na rede estadual de Minas Gerais como professora de geografia, por que o curso de pedagogia ele me autorizava da aula de geografia...E já ingressei em 2012, fiz pós-graduação em pedagogia empresarial, hospitalar e carcerária...aí 2013, eu comecei fazer o curso de geografia, licenciatura em geografia que para me dar suporte, né para tá atuando enquanto professora. Em 2014, eu passei no concurso, concurso público da Prefeitura Municipal de Gameleiras e nesse concurso, passei para o cargo de supervisor escolar mediante a faculdade de pedagogia que eu já tinha né...E aí eu trabalho tanto no sindicato, quanto professora de geografia e aí fico nessa correria, né trabalhando em dois municípios entre Gameleiras e Monte Azul...atualmente eu faço o curso de direito, estou indo agora, né, em 2021 a concluir o 6º período. (Juliana)

**SD11:** Serviço, meu serviço também, graças a Deus, nunca tive problema nos meus serviços, não passei por constrangimento nada e quando tinha um **bolo** eu sempre sabia sair, é... só que depois que eu fiz essa mudança de nome e gênero eu considero que ficou melhor, porque o povo parou de me olhar, mais assim, porque me chamava pelo meu nome aí eu masculino, eu chegava bem feminina e seios grandes, né cabelão...todas as empresas que eu trabalhei nunca tive problema com preconceito, o povo sempre me tratou muito meus líderes, encarregado... (Brigitte)

**SD12:** Durante o dia eu trabalho, né? Mas, me visto normal, né? não deixo minhas expressões feminina, né? E eu... tenho... muito o lado delicado, né? Essa parte eu gosto muito, se eu pudesse ficaria mais afeminado, só que a minha falta de tempo de trabalho, eu não, não, não tenho muito esse tempo, mas realmente quando eu saio eu gosto de me afeminar bastante...terminei o segundo grau completo, onde fiz algumas formações para professor, eu amei a experiência, gostei muito só que nessa experiência eu resolvi não... não seguir carreira. Foi para o outro lado, fiz uma formação em cabeleireiro, onde tenho especialização e eu... trabalhei como cabeleireiro mais ou menos uns dois a três anos. Apesar que eu sou até hoje como... sou cabeleireiro tem várias... várias situações dentro. E trabalho. Mas não, nesse intervalo hoje eu sou cuidador de idoso, **estudei, me formei**, estou nessa área de cuidador de idoso, onde trabalho, às vezes... Já me prostitui, já trabalhei na noite, né? E... foi um... período aonde que eu trabalhei, me ajudou muito, foi uma das minhas coisas que me **ajudou bastante crescer** e ver que realmente o lado do trabalho noturno não é um trabalho tão bom como as pessoas pensam, mas, é bom que me ajudou bastante na minha formação de /alguma coisas. (Lupita Gold)

Podemos perceber que a questão do trabalho e da educação diz respeito às sociabilidades das participantes. Linn, por exemplo, afirma que, a partir do emprego, ela conseguirá “criar novas experiências enquanto travesti” (SD6). Sara e Dandara mencionam o papel da



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

universidade como transformadora de suas vidas. Para a primeira, o espaço acadêmico serviu para que ela se inteirasse sobre as discussões acerca das transexualidades por meio de discussões sobre o tema. Para a segunda, além do conhecimento sobre o tema, existe uma expectativa profissional de estar incluída no espaço acadêmico como referência em pesquisas. Nesse sentido, podemos pensar a *colonialidade do saber* (CURIEL, 2019), uma espécie de subalternidade de conhecimentos tidos como marginalizados. Trata-se, assim, de abrir brechas no saber acadêmico para o ingresso de tal subalternidade, com o propósito de democratizar o conhecimento. É por meio do acesso ao trabalho e ao estudo, como trazem as participantes, que pode ocorrer essa virada no conhecimento, à medida que os grupos subalternos tomam o poder de também produzir conhecimento e trabalho. Deve-se apontar, então, que, para Lupita Gold, por exemplo, quando “controla” suas expressões “femininas”, o que está fazendo, fique claro, é um ato performativo. Este “ficar efeminado”, mencionado por Lupita Gold, diz respeito à performance.

Ao se produzirem e se entenderem como sujeitos com poder, as participantes demonstram um sentido bastante marcante sobre suas unicidades ao repetirem o pronome pessoal “eu”. Dandara, por exemplo, faz combinações interessantes e importantes: “eu aprendi”, “eu consegui”, “eu tive acesso”, “eu quero” (SD8). Sua fala é a de um sujeito agente, que atua sobre o mundo e ainda deseja fazer mais por ele, transformar a si mesmo e aos outros propondo debates por meio de sua educação e futura formação profissional. De forma semelhante, Juliana se diz “dona do seu nariz” quando termina sua faculdade (SD9) e, a partir daí, entra em uma cadeia de formações profissionais, atuando em diferentes áreas. A respeito do preconceito em ambientes de trabalho, Brigitte relata ter sido respeitada sempre, pois quando havia algum “bolo”, sempre sabia sair dele (SD11). Lupita, por fim, afirma que o trabalho foi o que a “ajudou bastante crescer” (SD12).

Sara, por sua vez, traz uma fala menos incisiva: “eu entro na universidade”, “eu começo a me interessar”, “vou me incluindo” (SD7). É como se observássemos gradualmente suas movimentações acadêmicas. Linn busca trabalho ao mesmo tempo que precisa “se estruturar” e ser reconhecida no ambiente escolar. Trata-se de batalhas travadas por todas, em contexto escolar e laboral, que estão diretamente relacionados, para Vergès (2019), à perpetuação de estruturas de opressão que envolvem classe, etnia e gênero.

Para Moita Lopes (2008, p. 86), é preciso que se pense “como podemos criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à

margem”. Trata-se de um movimento que deve ser empreendido tanto por nós, sujeitos que fazem pesquisa, como por aqueles que estão à margem dessa produção de conhecimento. O grande desafio se configura, portanto, nas formas pelas quais faremos com que essas vivências marginais figurem as pesquisas acadêmicas e cheguem a esses mesmos sujeitos.

Esse constante empenho relatado pelas participantes em se fazerem presentes nas diferentes esferas sociais de forma a serem ouvidas e minimamente reconhecidas como pessoas está relacionado ao conceito de *colonialidade do ser*. Trata-se de perceber que as relações de superioridade e de inferioridade, assim como os graus de relevância do “outro”, não se minaram com o fim da colonização. Por isso, sair da margem de uma vida econômica, política e social é um trabalho constante que, conforme vimos nessa representação, perpassa buscas por bases na educação e na formação profissional.

Segundo Vergès (2019), o feminismo decolonial propõe o desenvolvimento de ferramentas próprias para a transmissão do conhecimento. É nesse sentido que Dandara, por exemplo, concebe a questão das “epistemologias travestis” (SD9), como “novas formas de se pensar”, de modo que, assim como Foucault (1997) também defendia, possamos imaginar outras formas de vida. As rodas de conversas e debates de que participa Sara ainda podem estar um pouco restritas ao espaço acadêmico e, por isso, na perspectiva decolonial, é preciso repensar espaços de transmissão do saber, além dos sujeitos que o estão transmitindo. A perpetuação da transmissão de conhecimento por meio de uma rede eurocentrada, branca e cisgênero não pode ser o único caminho para a educação e para a formação profissional, e é isso que as participantes – umas de forma mais engajada, e outras de forma mais tímida – manifestam em suas falas.

### **3.3 O espaço público e a relação com o outro como a compreensão dos olhares alheios**

O sentido do espaço público para as participantes, muitas vezes, cruzava-se com questões sobre o corpo e sobre a atuação profissional. Nesse sentido, a presença do outro é também importante, pois é fundadora de uma percepção do estranho, do desafio, da consciência de uma vivência em uma sociedade cis-normativa. A dificuldade de transitar nesses espaços e, ainda, de estabelecer relações são problemas que perpassam muito mais o outro e as instituições, como a família e a universidade.

**SD13:** eu tentava me adequar, porém de forma a flexibilizar pelo menos o mínimo dos meus trejeitos... logo quanto eu pudesse e **com um pouco mais de estrutura começaria a trazer o assunto para dentro de casa** e fora dela também, com todas que me rodeavam e tinha contato comigo... Amigas, pessoas com as quais resido, colegas e outras que tem contato comigo aos pouquinhos foram sendo introduzidos a mim. E ainda estão sendo, parece um processo que... não tem fim, mas sempre digo a mim mesma para ter paciência e tentar me e tentar levar de... da maneira mais rápida possível, brigas, discussões, constrangimento fizeram e fazem parte, mas sinto que aos pouquinhos vai se exaurindo, bem aos pouquinhos mesmo... minha história compreende 18 anos e meio de experiências vivendo numa sociedade hetero-binário (Linn)

**SD14:** eu **acho** que eu tive uma infância muito tranquila em relação a isso, embora as questões de gênero e sexualidade elas já estavam ali sendo impostas de alguma forma, porque quando a gente cresce, a gente se constitui como sujeito essas categorias elas nos... de alguma forma, elas nos são apresentadas e são apresentados de uma forma muito fixa e rígida... quando eu me direcionava para as coisas do feminino **havia uma certa repressão familiar clássica**, né do tipo ah, isso é **de menina** não pode então eu gostava muito das bonecas da minha irmã, eu gosto de brincar de Barbie, mas eu também gostava das **coisas de menino**... ..Prestes eu a ter a festa de formatura, ela me aparece com o vestido, né? Então ali naquele momento quando ela me entrega esse vestido depois de inúmeros pés guerras, eu entendo que ela me reconhece quando Sara enquanto filha tá. Ali naquele momento foi muito importante para mim, receber esse vestido dela de formatura porque ali eu nasci enquanto Sara, ali eu me senti filha, é porque há uma forma dos pais é resistir a identidade trans dos seus filhos justamente /pelo dificuldade/ de fazer o luto dessa identidade antiga, porque é um luto, né?... e até aqui numa terminada aula específica de um professor meu, ele pergunta para a gente né? Quero saber o nome de vocês então escrevam em papezinhos e deixa em cima da carteira e se apresenta aí para mim como vocês querem ser apresentados e ele fala desse jeito e daí eu decido me posicionar diante da sala, diante desse professor como Sara, como mulher (Sara)

**SD15:** eu era uma das, eu acho que a única travesti que eu conhecia do meu curso, e acho que talvez da universidade porque eu realmente não conhecia outras assim, e... eu até me sentia muito sozinha, né? Porque **eu ficava me questionando muito, se eu sou a única travesti que /tô/ naquele espaço, onde que estão as outras sabe?** Onde que, o que elas estão fazendo? qual que é a perspectiva de vida que elas têm sabe? Então essas questões assim sempre fizeram muito parte da minha vida”, “eu até me sentia muito sozinha nos espaços que eu estava transitando” , ...Eu acho que essa necessidade de pertencimento, essa necessidade de caber pra... corpos como meu às vezes é muito, às vezes é tudo isso que a gente quer sabe? eu acho que eu tenho questionado isso, sabe porque eu não quero me sentir pertencida, e eu não quero caber, na minha cabeça não faz muito sentido usar hormônios assim, porque isso é uma afirmação de que eu quero caber, de que eu quero pertencer a alguma coisa...eu quero muito também ser uma referência dentro do espaço acadêmico, acho que é uma ambição assim que eu tenho sabe? é um desejo que eu tenho, mas quero tá propondo novas ideias sabe? tá propondo novas formas de fazer pesquisa e também novas formas de se pensar né?. (Dandara)

**SD16:** Eu tinha ainda o meu conflito em Monte Azul, eu tinha um **guarda-roupa praticamente com vestes femininas** e vivia em Gameleiras, onde eu trabalhava com esse procedimento de **guarda-roupa masculino, feminino**...em maio deste ano de 2021, eu fui intimada a comparecer no tribunal do júri, **na Comarca de Monte Azul e já tinha feito a minha cirurgia quando foi sorteada lá no plenário e me chamaram pelo meu nome civil masculino**, foi quando todos que estavam ali presentes sentiram aquela questão de desconforto, não sei se o

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

termo mais cabível, mas uma sensação de extremo desconforto...peguei a sentença, fui no cartório onde não teve, né, tantos constrangimentos o rapaz, entendeu que era meu direito e fez uma nova certidão de nascimento que foi onde eu realmente nasci como mulher trans. (Juliana)

**SD17:** dos meus avós foi bem natural. Não tive nenhum problema, minha vó sempre me apoiou, meu vô também me apoiou nunca me falou nada, tive... um pouco de resistência do lado da minha mãe, no começo ela não aceitava, tinha muito medo dos outros fazer mal para mim, que eu assumi numa época que o preconceito era muito grande ainda, não que não ainda exista, mas hoje é bem menos, na minha época havia muita agressão, morte... no começo sempre tem né? Aquele /preconceitozinho/ em barzinho, lanchonete, mas era uma coisa que eu sabia tirar de letra, né? Porque eu já entrei sabendo que não seria fácil, graças a Deus nunca passei pelo... apanhar na rua isso não, graças a Deus! (Brigitte)

**SD18:** Então como moro no interior, minha vida foi uma vida muito aberta muito meio de sociedade, cidade pequena, né? Hipócrita, uma sociedade onde aceita mas não aceita... nesse intervalo entre meus 14 16 anos, eu virei uma pessoa evangélica onde eu frequentei até os meus 18 anos, mas nunca perdi o desejo por homens, nunca namorei mulher nenhuma, né?... Então, não acho que eu tive preconceito, não acho que sou discriminado, sou uma pessoa muito feliz em tudo. Em relação a minha vida foi tudo tão maravilhoso (Lupita Gold)

Linn e Sara abordam a questão do outro primeiramente no ambiente familiar. Para falar de si mesma e de como foi negociando sua aparência com a família, Linn fala sobre uma tentativa em se adequar e de uma constante atenção aos seus trejeitos (SD13). Ainda assim, afirma que, com mais “estrutura”, começaria a discutir o assunto em casa e fora também com possíveis colegas. Sara, por sua vez, diz que “acha” que teve uma infância tranquila em relação às questões de gênero que estava aflorando ali naquela época, mas, em outro momento de sua fala, afirma ter experienciado “repressão familiar” na questão do que entendiam como feminino e masculino (SD12). Em ambos os casos, observamos marcações de dúvida, com os verbos “achar” (Linn) e com o “começar” no futuro do pretérito (Sara). A infância é um período que, para Foucault (2008), representa, para a sexualidade do século XIX, um importante período para que se entenda o excessivo olhar sobre as práticas, observações, atividades, comportamentos e sonhos das crianças. Esse período é vivido no ambiente familiar, onde se inauguram, por vezes, relações com o outro e o entendimento sobre si, antes mesmo de haver uma socialização mais intensa no espaço público. Assim, essas marcações de tempo (infância) e espaço (família) podem representar alguns dos primeiros constrangimentos para pessoas transexuais, transgêneras e travestis.

Não se pode deixar de apontar, também, que a expectativa de se tornar uma pessoa heteronormativa por meio do ingresso na Igreja Evangélica, de fato, assumiu um destaque importante na trajetória de Lupita Gold. Ora, pode-se mesmo dizer que há certo apagamento do

desejo considerado “desviante” dentro da Igreja. Não se trata, então, de uma instituição com vias a desenvolver certa espiritualidade, mas sim de um aparelho ideológico cujo propósito é o silenciamento dos corpos e das vontades.

O binarismo de gênero é outro conceito importante mencionado por Sara (SD14) e Juliana (SD16) ao tratarem de suas relações com a família. Nesse viés, haveria “coisas de menino” e “coisas de menina”, guarda-roupas “feminino” e “masculino”, expressões utilizadas principalmente para tratar de jogos, brincadeiras, brinquedos, objetos relativos às maneiras como vivenciamos nossas infâncias (“quando eu me direcionava para as coisas do feminino havia uma certa repressão familiar clássica, né do tipo ah, isso é de menina não pode então eu gostava muito das bonecas da minha irmã, eu gosto de brincar de Barbie, mas eu também gostava das coisas de menino”). Para Louro (2004, p. 42), trata-se um "pensamento que elege e fixa uma ideia, uma identidade ou um sujeito como fundante ou como central, determinando, a partir desse lugar, a posição do ‘outro’, o seu oposto subordinado”. Opera-se, assim, em uma relação lógica para se fixarem identidades e ideias: se não x, logo y. Portanto, o lugar da menina e o lugar do menino são colocados em oposição, deixando a posição do outro bastante clara ao localizar também seu subordinado ou oposto. O lugar do masculino seria, pois, o do padrão, assim como o é na língua, ao passo que o feminino vai se colocar à oposição disso, marcado de forma diferente (como é também um marcador da língua). Tais cisões não cabem nas vivências transexuais, transgêneras e travestis, e é nesse obstáculo que se faz mais evidente essa representação do estranhamento no olhar do outro que, muitas vezes, começa no ambiente familiar.

Dandara não trata de sua relação com a família, mas sobretudo com o espaço público em uma perspectiva mais atual, sem remontar ao passado como as demais (SD15). A maneira como trata do espaço público se relaciona à Universidade, às suas experiências nesse espaço como algo solitário, pois não conhecia outras travestis como ela no curso. É interessante notar que a fala de Dandara está marcada por indagações, questionamentos e provocações (“eu ficava me questionando muito, se eu sou a única travesti que /tô/ naquele espaço, onde que estão as outras sabe? Onde que, o que elas estão fazendo? qual que é a perspectiva de vida que elas têm sabe?”). Walsh (2006) tem teorizado que os gêneros em si funcionam como domínios, ferramentas por meio das quais é possível controlar corpos e identidades, o que a autora compreende no conceito de *colonialidade do poder*. A fala de Dandara, nesse ponto, dialoga com o referido conceito, pois, se as travestis não estão presentes no espaço acadêmico, existiram

diversos mecanismos que inviabilizaram a presença delas ali, e esses mecanismos estão, na verdade, pautados também na relação gênero, corpo e identidade.

O modo crítico de se posicionar acerca dessa representação sobre o espaço público nos revela também o posicionamento de Dandara sobre o assunto. É preciso, na perspectiva dela, questionarmos por quais motivos travestis não estão transitando no espaço universitário, por exemplo, e, além disso, perguntar-nos quais são suas expectativas de vivências, se não almejam passar por uma educação formal. Na perspectiva de Curiel (2019), as mulheres (e sobretudo mulheres transexuais, transgêneras e travestis, neste estudo), precisam estar produzindo saber, ou seja, precisam ter o poder sobre o saber, pois uma das propostas do feminismo decolonial é precisamente dar lugar aos feminismos “subalternos”<sup>28</sup>, uma vez que os hegemônicos<sup>29</sup> empreenderam estudos e lutas sobre questões que não contemplavam experiências como a cis-heteronormatividade. Nesse sentido, a fala de Dandara evidencia o conceito de *colonialidade do saber* – a urgência de uma participação intelectual feminina e também subalterna, suleada<sup>30</sup>, acompanhada de uma insurgência de posicionamentos que rompam o determinismo biológico e questione relações de poder.

Além de ocuparem espaços de saber, é preciso, ainda, posicionar-se enquanto sujeitos de poder e de reconhecimento. Juliana relata um episódio de falta de reconhecimento do seu gênero em uma ocasião pública (SD16), que envolvia seu comparecimento a um tribunal, algo que estava relacionado a seu trabalho. Nas SD17 e SD18, percebemos que a ideia de instituições aparece novamente, como a família e a Igreja. Nessa perspectiva, sabemos que as instituições funcionam como aparelhos ideológicos e, segundo Foucault (2008), operam como mecanismos de constituição do sujeito, meios de subjetivação que determinam mais ou menos o que ele pode ou não pode ser em diferentes circunstâncias sociais. Se considerarmos a *colonialidade do ser*, perceberemos que a própria existência desses sujeitos está colocada em xeque, pois não são reconhecidas como as demais. As participantes percebem, então, no decorrer de suas narrativas e de suas experiências de vida, que suas agências estão mais ou menos sobredeterminadas por essas características das instituições das quais fazem parte: o desafio de se contar para a família, as dificuldades de se reafirmarem nos ambientes de trabalho, nos escolares e nos acadêmicos.

---

<sup>28</sup> Escolhemos “subalternos” em referência a Spivak (1988), cuja perspectiva relaciona o termo à recusa epistemológica em se aplicarem métodos já estabelecidos e se utilizarem categorias já privilegiadas em análises (HASHIGUTI, 2007). Trata-se de escolhas políticas importantes também para o movimento decolonial.

<sup>29</sup> Para reforçar o conceito, trazemos Lugones (2020, p. 47): “Apagando toda história, inclusive a oral, da relação entre as mulheres brancas e não brancas, o feminismo hegemônico branco igualou mulher branca e mulher”.

<sup>30</sup> Ou seja, uma participação intelectual empreendida por grupos subalternos com origem no Sul Global.

### 3.4 Formas de se individualizar e de se coletivizar como um propósito a ser alcançado

Perceber-se como sujeito e, ao mesmo tempo, reconhecer uma ideia de coletividade em sua unicidade é uma questão importante para as participantes. Ao mesmo tempo que sabiam que suas trajetórias eram únicas, traziam, em suas falas, o compromisso coletivo tanto em relação ao seu grupo minoritarizado – de mulheres transexuais, transgêneras e travestis – como em relação à sociedade. Sobre esse último ponto, sob a perspectiva do coletivo, é interessante notar que ora as participantes mostram ter esperança de transformar o coletivo, ora denunciam as injustiças, os preconceitos e, mais especificamente, as transfobias.

Em termos mais específicos, nessa representação buscamos evidenciar os usos de “eu” *versus* os usos de “a gente” que as participantes faziam para tocar em assuntos relacionados às suas experiências dissidentes, tanto de forma individual, como coletiva. Seguido desses pronomes, preocupamo-nos em identificar quais termos (adjetivos, pronomes, verbos) os acompanhavam e de quais modos isso acontecia.

**SD19:** ... desde pequena, já **me compreendi** enquanto LGBTQIA+...nunca **me senti** encaixado no gênero imposto a mim pela sociedade...Linn tem um papel muito importante na minha vida é... por isso essas pessoas transvestidas e artistas, tem um lugar muito mais do que especial em **meu ser**...por muitas que morreram atrás e as que estão morrendo aí até hoje. **Estamos e vamos tornar** o mundo um lugar possível para nós. (Linn)

**SD20:** **eu me identifico** enquanto uma travesti preta...**eu me acho** um corpo estranho, eu me acho, eu me acho que eu me fiz a partir do erro daquilo que as pessoas veem como um erro daquilo que as pessoas veem como estranho...a prostituição não é o... a **nossa única opção**, a **nossa única possibilidade** de vida, eu acho que **a gente não pode ter medo** de invadir esses espaços. (Dandara)

**SD21:** é isso aqui, é isso que **eu quero seguir**, é esse caminho, é essa pessoa, é assim que **eu quero que as pessoas me vejam** e que eu mesma me veja...de uma certa forma **eu fui me distanciando** desse lugar do masculino violento...**Eu comecei** a encontrar no universo feminino uma forma de conseguir expressar e conseguir ser...**vou conseguindo** entender que a transexualidade é um caminho possível. (Sara)

**SD22:** **eu prefiro me definir como** mulher trans... **me considero** uma pessoa diferenciada...**eu sou muito munida** de conhecimento e de postura...**Eu sou uma pessoa** muito tranquila com relação ao que eu sou e, onde estou e onde eu quero chegar...**me considero uma pessoa** diferenciada...**a vida de uma pessoa trans** se resume em três... três destinos ou ela vai para prostituição ou ela vai para área da beleza e acaba que /muita das vezes/ na criminalidade, né e isso é muito triste...é possível **a gente escolher fugir** dessa regra, fugir da vida noturna, fugir da prostituição. (Juliana)

**SD23: eu falo que eu sou muito** abençoada por eu não, **eu não sofri** muito, eu não sofri com preconceito, eu não sofri com agressão sempre fui a bem aceita nos lugares...se **a gente for viver** discutindo e brigando com pessoas preconceituosas a gente não vive. **Eu acho que** a melhor coisa é ignorar no meu ponto de vista, né? E graças a Deus eu sou feliz comigo mesma. (Brigitte)

**SD24: sempre tive um desejo** mais afeminado e com esse desejo mais afeminado eu me virei um travesti. Mas, **eu sou mais um travesti** no período da noite, onde que eu saio, aonde que eu vou para uma boate...**a gente consegue se levantar** contra, quando você é bem visto você é bem tratado...**eu sou uma pessoa** muito tranquila, então a vida me ensinou muita coisa...o que é ser uma trans, uma travesti e uma transexual, uma tudo, porque **a gente só sente bem** quando a gente faz e tá realizando. Tudo aquilo que **a gente faz para** se sentir bem, **a gente só pode** falar realmente que está bem quando você está bem (Lupita Gold).

Linn utiliza com frequência os pronomes reflexivos para retratar questões relacionadas ao que ela entende como seu, como particular (“me compreendi”, “me senti”). Usa, ainda, o pronome possessivo “minha” para falar de sua vida. Para tratar da coletividade, ela utiliza a primeira pessoa do plural, nós, seguido de um verbo no infinitivo, de modo a se incluir num compromisso de mudar o mundo, tornando-o um lugar melhor para si e para seu grupo de mulheres transexuais, transgêneras e travestis. (SD19).

Dandara faz uso dos mesmos recursos: pronomes reflexivos para tratar de si (“eu me identifico”, “eu me acho”), com a diferença de que ela se coloca com o pronome “eu” também para se individualizar. Para se coletivizar, ela apresenta duas formas: uma com o possessivo “nossa”, para tratar das possibilidades de vida de pessoas transexuais, transgêneras e travestis, e outra com o “a gente”, seguido também de um verbo flexionado (SD20). Tanto em SD19 como em SD20 observamos que o coletivo está seguido de um ideal de luta, de resistência, e os verbos e expressões verbais escolhidos pelas participantes trazem essa carga de enfrentamento ao problema social retratado pelas participantes.

Curiosamente, a fala de Sara está marcada por outras construções verbais quando se refere a si mesma, sobretudo pelo gerúndio (“vou conseguindo entender”) e combinado com pronomes reflexivos (“fui me distanciando”). A percepção de si passa por uma ideia de processo, de uma “evolução” para que ela conseguisse se expressar e enxergar a transexualidade como um caminho possível (SD21). A ideia do coletivo, por sua vez, não está presente no sentido de um “nós” ou “a gente”, conforme observamos anteriormente, mas pelos ideais de um “masculino violento” e de um “universo feminino”, por exemplo, que fazem parte de uma coletividade, de um aspecto social que lhe escapa. Para a AD, esse processo de individuação é importante para que o sujeito consiga não só se posicionar, mas também resistir a determinados



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

sentidos (ORLANDI, 2007). Esses sentidos são os que circulam no senso comum e, a respeito deles, é preciso avaliar seus preceitos e ordens nas experiências de vida de cada participante.

Cabe ainda apontar que, para Bagagli (2019) a ideia de se “tornar algo”, de “completude”, precisa ser questionada, uma vez que se percebeu que os corpos nunca estão prontos, isto é, estão sempre em um processo de devir. Tal processo se dá pela performatividade. Criam-se os corpos pelos atos performativos. Juliana apresenta uma fala bastante afirmativa, utilizando verbos de ligação para se referir a si mesma (“eu sou”) (SD22). Ao tratar do coletivo, ela utiliza da mesma carga afirmativa, assertiva, ao descrever características da vida de uma pessoa transexual, transgênera e travesti e ainda sugere que é possível fugir desses caminhos pré-estabelecidos, como a vida noturna, a prostituição e a criminalidade, conforme coloca. Trata-se de uma fala de resistência também, mas que não recai necessariamente sobre si, e sim sobre as outras, sobre o coletivo, pois a participante se entende como “diferenciada” e “munida de conhecimento”, em suas palavras.

A forma como Brigitte se coletiviza é interessante e um pouco diferente das demais participantes, pois ela expressa sua opinião sobre um comportamento social por meio do pronome pessoal “eu” (“eu acho que a melhor coisa é ignorar”) ao se referir às pessoas preconceituosas (SD23). Essa é uma das maneiras, segundo aponta, que conseguiu encontrar para ser feliz consigo mesma e não sofrer muito. Por fim, Lupita Gold se coletiviza utilizando os pronomes “você” e “a gente” (SD24) acompanhados de verbos. Para caracterizar as formas como pessoas transexuais, transgêneras e travestis podem ser visibilizadas e tratadas, utiliza adjetivos (“bem visto”, “bem tratado”) enquanto demarca sua agência como travesti por meio de verbos de ação (“eu saio”, “eu vou para uma boate”).

A *colonialidade do ser*, então, se faz presente nas formas como as participantes mostram que a luta pela sobrevivência pessoal e coletiva não acabou, ainda que, progressivamente, tenhamos conquistado alguns poucos direitos nas questões LGBTQIA+. Parece-nos, então, que a incessante tentativa de se colocar um “eu” e um “nós” no discurso são reflexos de um apagamento histórico, de uma invisibilidade sistemática de sujeitos transexuais, transgêneros e travestis que, ao não serem reconhecidas e reconhecidos, lutam para que algo de suas existências se fixe na sociedade que as ignora. Para Streva (2016, p. 47), é preciso “desnaturalizar a ainda existente colonialidade do ser – que inferioriza, estigmatiza, invisibiliza e extermina” a população de mulheres transexuais, transgêneras e travestis no Brasil. Assim, os mecanismos transfóbicos encontram espaço para operarem na dinâmica da *colonialidade do ser* ao qualificar como mais ou menos dignas certas formas de vida.

## **Considerações finais do capítulo**

A organização das análises como representações baseadas nas regularidades enunciativas nos auxiliou a relacionar os conteúdos das falas das participantes com as teorias com que trabalhamos na condução da pesquisa. Assim, considerações sobre o corpo, o sujeito, o outro, a língua, a educação e o trabalho foram alguns desses temas que se misturaram nessa escuta transgressiva, uma escuta que se deu tanto do lado acadêmico, por meio das leituras, como do lado “prático”, por meio das análises das narrativas.

É possível perceber desde já que o teor das discussões que elas movimentam foi bastante enriquecedor, pois propiciou questionamentos sobre as teorias que escolhemos utilizar. Além disso, analisar a maneira como se colocam, como enunciam, foi bastante relevante para não só nos mantermos alinhados com a proposta AREDA, mas também identificarmos pontos de aproximação com o que a LAC e os estudos decoloniais, por exemplo, têm defendido.

Embora tenhamos focado nas constâncias, encapsuladas pelas representações, é preciso considerar que existem também problemáticas que ainda não foram contempladas nas análises, como a referência que algumas fazem ao trabalho sexual, à prostituição e à rejeição ao corpo (anorexia, como relata Sara, e falta de identificação). No entanto, para fins metodológicos, escolhemos nos atentar às repetições, pois elas nos dão chaves para desvendar inclusive outros temas que perpassam as falas das participantes. O que não for amplamente contemplado nessas seleções pode se tornar, então, inspiração para próximas pesquisas e análises.

Não se pode esquecer, por fim, que as participantes desta pesquisa não são meras figurantes, mas protagonistas. Que cada uma tem a sua história e individualidade. Não se pode vê-las dentro de um conjunto, apenas. Assim, Sara é aquela para quem a mãe deu um vestido de formatura que contribuiu para o seu “renascimento”; Dandara é quem se sentia sozinha em seu curso universitário uma vez que era a única travesti; ou, então, Linn, a que comemora a vitória de alterar seu nome dentro do meio escolar; Juliana é a que diz “ser dona do próprio nariz”, porque após a faculdade está trabalhando como professora; Brigitte é a que não esquece o apoio dos próprios avós; e, por fim, Lupita Gold, a que colocou um salto pela primeira vez aos 15 anos e mudou para sempre.

A partir das análises das SDs em sua totalidade, elaboramos um quadro reunindo as representações e os discursos que perpassam os depoimentos das participantes.

**Quadro 1: Representações e discursos nas falas das participantes**

<b>Representação</b>	<b>Discursos</b>
O corpo como manifestação política e como campo de transformação	Discurso dualista entre o “masculino” e o “feminino”
A educação e a formação profissional como discurso de empoderamento	Discurso de empoderamento e de ação a partir da conquista de certa independência
O espaço público e a relação com o outro como compreensão dos olhares alheios	Discurso da família e de outras instituições julgamentos sobre os corpos transexuais, transgêneros e travestis
Formas de se individualizar e de se coletivizar como um propósito a ser alcançado	Discurso da percepção de si como alguém que conquistou algo

Fonte: elaborado pelos autores a partir das análises dos depoimentos abertos (2022)

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

## Palavras conclusivas



(Laerte Coutinho, Muriel Total, 2012)

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

A pesquisa, em termos de referencial teórico, de metodologias escolhidas e de análise propriamente dita, foi conduzida de forma satisfatória, pois entendemos que conseguimos fazer diálogos entre as várias áreas do conhecimento e torná-la interdisciplinar. Chegar a uma definição do *corpus* foi a parte mais desafiadora, pois envolvia o recrutamento e a aceitação das participantes, que precisaram falar sobre partes talvez delicadas de suas vidas. Nesse sentido, a ideia de conduzir a proposta AREDA em forma de depoimentos mais abertos nos auxiliou a aumentar o material de análise, pois alguns desses depoimentos foram bastante longos e, assim, pudemos também enriquecer nosso material de análise.

Com relação às escolhas teórico-metodológicas, entendemos que, ao mesmo tempo que precisamos ter um rigor de análise, tivemos que ter o cuidado de incluir pensamentos e questionamentos das teorias e dos teóricos em alguns excertos das falas das participantes que consideramos relevantes ou que, de alguma forma, dizem respeito a conceitos importantes para os estudos de gênero e sexualidade e decoloniais.

A Análise do Discurso franco-brasileira nos aproxima igualmente dos nossos objetivos ao nos oferecer uma dimensão do sentido que relaciona língua, cultura e memória para chegarmos às formações discursivas. Em diálogo com a proposta AREDA, os sentidos se tornam caminhos para identificarmos regularidades enunciadas por sujeitos mais ou menos conscientes de seus dizeres. Apenas podemos falar sobre gênero e sexualidade e, mais especificamente, sobre transexualidades, transgeneridades e travestilidades nas condições sócio-histórico-ideológicas a que estamos submetidos e interpretados. Por isso, é importante localizarmos não só nossas participantes, mas nós mesmos como pesquisadores e pesquisadoras.

Em relação aos objetivos almejados, destacamos que a análise feita dos depoimentos de mulheres transexuais, mulheres transgêneras e travestis foi conduzida incluindo os focos levantados nos objetivos específicos, como a questão do corpo, a constituição da linguagem em paralelo aos processos de identificação e as interrelações com os estudos decoloniais, sobretudo com os conceitos de *colonialidade do saber, do poder e do ser*.

Assim, como o **objetivo geral**, e também a primeira das questões de pesquisa do presente trabalho, foi o de analisar as discursividades produzidas por mulheres transexuais, mulheres transgêneras e por travestis quando falam de si, chegamos à conclusão de que, para os falantes, o corpo de fato é construído pelo próprio discurso: a pessoa “relata” qual é o seu corpo e este, de fato, se transforma, por meio de performances muito específicas, naquilo que

se relatou. Quanto à segunda questão da pesquisa, é interessante destacar que todas as falantes apontaram para a ideia de construção do corpo, isto é, para a certeza de que o corpo não é algo “pronto” ou “acabado”, tampouco natural. Além disso, há que se destacar o caráter transgressor da escuta realizada. A escuta transgressora da qual se fala tem raízes, pode-se dizer, na Psicanálise. Trata-se de ouvir a outra, as violências a que a sociedade submete os indivíduos e os embates com as noções de corpo e gênero pré-estabelecidas pelo *establishment*.

Acredito poder afirmar que, ao início da pesquisa, eu não pensava senão em conduzir os diálogos pela proposta AREDA. Certamente que o fiz, mas não havia incluído em minha análise algumas questões específicas (a performatividade, por exemplo) nos depoimentos que, após conversa com os membros da banca de qualificação, pareceu-me de suma importância para se compreender como se dava a construção dos corpos das participantes. Ademais, antes de ouvi-las, não pensava na riqueza conceitual das suas formulações e na forma como contribuíram para enriquecer este trabalho. O pesquisador, viu-se, acaba influenciado pela própria pesquisa, o que ocasiona uma grande transformação em sua subjetividade e na forma como compreende o outro.

Quanto aos **objetivos específicos**, o primeiro deles, relembramos, dizia respeito a se compreender, por meio de representações do/no discurso, como as participantes da pesquisa objetivam discursivamente seus corpos e como sentem e/ou mencionam que os têm objetivados pelo outro. Em resposta a tal objetivo, viu-se que as participantes têm consciência de que a construção dos seus corpos se dá socialmente, por suas atividades, lutas, conquistas ou derrotas. A agência na construção do próprio corpo é uma característica marcante nos discursos das participantes, o que se pode atribuir, em parte, a noção de performatividade como ferramenta em tal processo.

Quanto às estratégias discursivas das participantes na representação do seu próprio corpo, que constitui o segundo dos objetivos específicos, percebeu-se claramente que existe uma forma ideal do corpo como um espaço de emancipação política, como reflexo de tal emancipação. Uma vez que se trata de um campo de transformação, o corpo é o espaço em que as participantes travam as suas batalhas e enfrentam os medos e preconceitos.

Vale ressaltar que uma das estratégias discursivas mais recorrentes adotadas pelas participantes é a do discurso do empoderamento, quando se mostra que a construção do próprio corpo de acordo com a vontade do sujeito é sim transgressora, uma vez que se trata de combater os preconceitos e o julgamento da sociedade. O corpo é, então, luta.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

Por fim, o terceiro dos objetivos específicos complementa o anterior, uma vez que se consegue perceber com clareza que, quando se elege o corpo como um espaço de disputa, os desafios são muito grandes e que as estratégias empregadas pelas participantes para conquistar seu espaço passam, necessariamente, pelo discurso de resistência.

O corpo de que tratamos nesta investigação se apresenta em um território de conflitos, pois não é absorvido pelo sistema cisnormativo da sociedade. O papel da linguagem, então, é de tentar subverter algo que as próprias performances desses corpos já têm feito – questionar, retorcer os sentidos e repensar as estruturas rígidas das normas gramaticais e sociais. Além disso, destaca-se o poder da performatividade como forma de se criar os corpos. Desse modo, as áreas escolhidas para tratarmos nosso *corpus* (Linguística Aplicada, da Análise do Discurso e os Estudos Decoloniais) precisam dialogar entre si, e é papel do pesquisador e da pesquisadora promover e incentivar tais conexões semelhantes ou, ainda, propor outras ainda mais improváveis.

A respeito dessas representações, destacamos que as quatro levantadas, a saber: a) O corpo como manifestação política e como campo de transformação; b) A educação e a formação profissional como discurso de empoderamento”; c) O espaço público e a relação com o outro como compreensão dos olhares alheios; e d) Formas de se individualizar e de se coletivizar como um propósito a ser alcançado, podem ser ainda expandidas, caso observemos a necessidade de contemplarmos mais temas à medida que as análises das demais participantes forem conduzidas. Por ora, percebemos que, conforme trabalhamos cada representação, pudemos observar como as *colonialidades do saber, do ser e do poder* estão representadas nos depoimentos das participantes, de que formas elas aparecem e os possíveis motivos. Além disso, ao lançarmos esse olhar mais amplo sobre as representações em aliança com os tipos de colonialidade, identificamos quais discursos percorrem as representações, o que está representado no Quadro 1. Trata-se de um modo não engessado de se trabalhar o *corpus*, o que confirma nossas tendências e expectativas sobre a transdisciplinaridade e a transgressão.

Para concluir, destaco que a presente jornada não chegou ao fim. Pretendo dar continuidade à mesma temática na pesquisa de doutorado, já encaminhada, e prosseguir com meu processo trans-formativo e de escuta transgressora.

## Referências

- ALMEIDA, A. **Autoria e movimentos de sentidos nas gramáticas brasileiras contemporâneas do português**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- ALVES, H. **Introdução ao transfeminismo**. **Transfeminismo**. Outubro, 2012. Disponível em: <https://transfeminismo.com/introducao-ao-transfeminismo/>. Acesso em 20 jun. 2021.
- ALVES, H. O que é e porque precisamos do transfeminismo. In: (ORG.), L. S. **A quem pertence o corpo da mulher? Reportagens e ensaios**. [S.l.]: Reporter Brasil, 2015.
- AMADO, G. T. R. **Ead – Entre A Ferramenta E A Língua Perfeita: Um Estudo Discursivo Sobre Aprendizagem De Língua Inglesa Como Língua Estrangeira A Distância**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2018. 132 f.
- ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020. Antra, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/assassinatos/>. Acesso em 15 ago. 2021.
- ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Direitos e Política. Antra, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.org/category/direitos-e-politica/>. Acesso em 15 ago. 2021.
- ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Dossiê da Antra sobre assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>. Acesso em 18 ago. 2021.
- ARÁN, M. **A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero**. *Ágora*, Rio de Janeiro – RJ. v. 9, n. 1, p. 49-63, jan/jun, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100004>
- Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais (AMOTRANSPE), 2021. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/amotrans-pe-articulacao-e-movimento-para-travestis-e-transexuais-de-pernambuco/>. Acesso em 24 ago. 2021.
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.org/>. Acesso em 24 ago. 2021.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>
- BENEVIDES, C. *et al.* Políticas públicas para inserção social de travestis e transexuais: uma análise do programa “transcidadania”. **Revice** - v. 3 n. 1 (2018): Democracia e (des)governo II: análises do Brasil contemporâneo. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revice/article/view/5091>. Acesso em 18 ago. 2021.



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

BENTO, B. BRASIL: **PAÍS DO TRANSFEMINICÍDIO**. Clam, 2015. Disponível em: <[http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/transfeminicidio\\_berenice\\_bento.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/transfeminicidio_berenice_bento.pdf)>. Acesso em 20 ago. 2021.

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), 2021. Disponível em: <<https://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em 18 de ago. 2021.

BAGAGLI, B. **Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pela significação da mulher no feminismo**. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2019.

BAGAGLI, B. Uma crítica à compreensão parafilica da sexualidade de mulheres transexuais: os problemas com a teoria da “autoginefilia” de Ray Blanchard. **Albuquerque: revista de história**, vol. 13, n. 26, jul. - dez. de 2021. DOI: <https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.12103>

BOHM, A.M. **Os “monstros” e a escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/29931>>. Acesso em 31 ago. 2021.

BRAGA, R. O. B. **Espaço e as práticas do cuidado de si, na relação saúde/doença do corpo das travestis e mulheres transexuais em Curitiba e Ponta Grossa, Paraná**. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

BRITO, C. C. P.; GUILHERME, M. F. F. Linguística Aplicada e Análise do Discurso: possíveis entrelaçamentos para a constituição de uma epistemologia. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 17-40, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

BUTLER, J. Corpos que ainda importam. In: COLLING, L. (Org.) **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788523220037.0002>

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 152-172.

CARVALHO, H. S. B, ZAMPIÊR, L. S. (2018). O transfeminismo e o recorte de classe. CS Online - **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, (23). DOI: <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2017.17471>. Acesso em 14 ago. 2021.

COHEN, M. A. A. de M. A questão do sujeito e algumas articulações possíveis: análise do discurso e psicanálise. In: Lara, CLÁUCIA M. P.; MACHADO, Ida Lúcia. **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Lucerna/Nova Fronteira, 2018, v.1, p. 219-229.

Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/cnpq/pt-br>>. Acesso em 18 de ago. 2021.

COURTINE, J. J. **Análise do Discurso**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução de Bacharéis em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

COURTINE, J. J. **Déchiffrer le corps**. Penser avec Foucault. Éditions Jérôme Million: Grenoble, 2011.

COURTINE, J. J. **Que objeto para a análise de discurso?** In: CONEIN, Bernard et al. (orgs). *Materialidades discursivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

CURIEL, O.; SILVA-REIS, D. Pensar a tradução e o feminismo negro: entrevista com Ochy Curiel. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 241–245, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.46711. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/46711>>. Acesso em 24 jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.46711>

DALTOÉ, A. S. *Et al.* A contemporaneidade dos estudos de Pêcheux: ressonâncias e atualizações em solo brasileiro. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 125-131, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-1901doap-0000>

DINIS, N. F; POMPLONA, R. S. “Encontrando Bianca”: discursos sobre o corpo-travesti. **Pro-Posições**.v. 25, n. 2 (74), p. 217-23. maio/ago de 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/3fgHdwyztbT47rzqsgWPSpF/?format=pdf>>. Acesso em 15 ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072014000200012>

FERREIRA, R. S. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 35-45, maio/ago. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ci/a/XBXQ4g3Xyh8PpKRw6gfZ5Wy/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 15 ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652009000200003>

FERREIRA, M. C. O corpo como materialidade discursiva”. **REDISCO**. Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697/2242>>. Acesso em 01 out. 2022.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 178 p. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

FOUCAULT, M. “Friendship as a way of life”. **Ethics: Subjectivity and Truth**, ed. Paul Rabinow, *Essential Works of Foucault 1954-1984, Volume I*. New York: The Free Press, 1997, pp. 135-140.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 295 p. Organização: Roberto Machado.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

FREITAS, P. *apud* KULICK. **Há diferenças entre travestis e transexuais femininas?** Breve conceituação dos termos. Faculdade cearense, 2015. Disponível em: <<https://ww2.faculdadescearenses.edu.br/revista2/edicoes/vol9-2015.1/artigo6.pdf>>. Acesso em 14 ago. 2021.

FREITAS, P. **Há diferenças entre travestis e transexuais femininas?** Breve conceituação dos termos. Faculdade cearense, 2015. Disponível em: <<https://ww2.faculdadescearenses.edu.br/revista2/edicoes/vol9-2015.1/artigo6.pdf>>. Acesso em 18 ago. 2021.

FREITAS, T. T., RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais). Horizontes Antropológicos [online] pp. 361-366. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000200015>>. Acesso em 18 de ago. 2021.

GOMES, C. A. **Mulheres no plural:** novas constituições identitárias e suas relações com o design: sobre mulheres transexuais e travestis. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.

GIBIN, B. A. **(Re)significando a violência: a escuta como produção de saber.** Dissertação de mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 80, 2008, consultado a 05 janeiro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/697>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.697>

GUILHERME, M. F. F. **Competência oral-enunciativa em língua-estrangeira (inglês).** Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 2008, 311p.

HASHIGUTI, S. O corpo como materialidade do discurso. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras.** São Carlos, 2009, pp. 161-168.

HASHIGUTI, S. **Corpo de memória.** Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas-SP, 2008.

HASHIGUTI, S. Reflexões sobre o desentendimento entre línguas. **Revista Horizontes De Linguística Aplicada**, 7(2), 2008, pp. 110–117. DOI: <https://doi.org/10.26512/rhla.v7i2.659>

HOOKS, B. **Teaching to transgress: education as the practice of freedom.** New York: Routledge. (1994)

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), 2021. Disponível em: <<https://www.ibict.br/>>. Acesso em 18 de ago. 2021.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

- JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: G. H. Lerner. **Conversation Analysis**. Studies from the first generation. Amsterdam: John Benjamin, 2004. p. 13-31. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.125.02jef>.
- JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- KLEIMAN, A. Histórico da proposta de (auto)formação: confrontos e ajustes de Perspectivas. In: KLEIMAN, Angela; SIGNORINI, Inês (Orgs.). **O ensino e a formação do Professor: alfabetização de jovens e adultos**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas**, Buenos Aires: Clacso, 2005. (Colección Sur Sur).
- LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- LEMES, F. **Ainda o machismo: um estudo discursivo sobre a mulher em campanhas publicitárias**. 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.440>.
- LIMA, A. P. S. **Nossos corpos não são mais os mesmos: narrativas de mulheres trans e travestis sobre o processo de envelhecimento**. 2019. 145 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2019.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, G. L. “Gênero e sexualidade: pedagogias contemporânea”. In: **Pró-posições**. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> Acesso em 23 out. 2022.
- LUGONES, M. Colonialidade e gênero. **Tabula Rasa**. Bogotá. Nº 9: 73-101, jul-dez, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>
- LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais / organização e apresentação Heoisa Buarque de Holanda; autoras Adrana Varejão [et al.]**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.340>
- MACEDO, N. 90% da população trans no Brasil tem prostituição como fonte de renda. Edição do Brasil. Disponível em: <<http://edicaodobrasil.com.br/2021/05/28/90-da-populacao-trans-no-brasil-tem-prostituicao-como-fonte-de-renda/>>. Acesso em 18 ago. 2021.
- MALDONADO-TORRES, N. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Revista Sociedade e Estado – Volume 31**, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100005>
- MAUSS, M. As técnicas do corpo. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MIGNOLO, W. D.; WALSH, C. E. **On decoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1215/9780822371779>

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOIRA, A. De Onde Vêm Nossas Disforias? **Transfeminismo**, 2015. Disponível em: <<https://transfeminismo.com/de-onde-vem-nossas-disforias/>>. Acesso em 14 nov. 2022.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MORAIS, A. R. A. de. **O pensamento inatingível: discurso, cognição e metáforas emergentes**. 2015. 249f. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: UFMG, 2015.

OLIVEIRA, A. S. **Corpos com história: pensando o movimento travesti e transexual através da trajetória de Marcelly Malta**. Revista de Historia Ilros, 2017. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=bilros&page=article&op=view&path%5B%5D=2912>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

OLIVEIRA, M. **Como O Mercado De Trabalho Lida e Trata Pessoas Trans E Travestis, Transfeminismo**, 2016. Disponível em: <<https://transfeminismo.com/como-o-mercado-de-trabalho-lida-e-trata-pessoas-trans-e-travestis/>> Acesso em 15 ago. 2021.

OLIVEIRA, W. G. **OS POVOS BANTUS E A DECOLONIEDADE: Matutando as possibilidades e conquistas a partir da literatura afro para a implementação do Artigo 26 - A da LDBEN no chão da escola**, Revista do Núcleo Sankofa, vol.1, n. 1, p. 14-28, 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

ORLANDI, E. P. **Discurso em análise: Sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. P. **Eu, tu, ele: discurso e real da história**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PAIVA, T. I. **O feminino na rede: o corpo da/pela mulher no espaço digital**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2016.

PARDO, A. L. P. (Org.) **A Teatralidade do Humano**. Ed. SESC-SP: São Paulo, 2011.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

PENNYCOOK, A. Uma lingüística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

PENNYCOOK, A. Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 21-46.

PINTO, D. C. **Corpo, discursos e carnaval: imagens do corpo feminino no desfile de escolas de samba do carnaval carioca**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. DOI: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2013.138>.

PRECIADO, P. Multidão queer: notas para uma política dos anormais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, janeiro-abril/2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>

PODESTÁ, L. L. de. (2019). Ensaio sobre o conceito de transfobia. **Revista Periódicus**, 1(11), 363–380. Recuperado de [//periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/27873](http://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/27873). Acesso em 15 ago 2021.

Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica (oasisbr), 20221. Disponível em: <<https://www.gov.br/ibictinformacao-para-a-pesquisa/oasisbr>>. Acess em 18 ago. 2021.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina** Anuario Mariateguiano (Lima: Amauta) 1997, vol. IX, nº 9, 1997.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica (oasisbr), 20221. Disponível em: <<https://www.gov.br/ibictinformacao-para-a-pesquisa/oasisbr>>. Acesso em 18 ago. 2021.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: LOPES, L. P. M. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 149-168.

Rede Trans Brasil, 2021. Disponível em: <<http://redetransbrasil.org.br>>. Acesso em 24 ago. 2021.

REIS, V. S. **Recusas e deslocamentos subjetivos de duas professoras de inglês em contexto encarcerado**. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 32, n.3, p. 80-104, nov. 2016. DOI: <https://doi.org/10.14393/LL65-v32n3a2016-6>

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCON, P. C; SODRÉ, F.; RODRIGUES, A. *et al.* **Vidas após a cirurgia de redesignação sexual**: sentidos produzidos para gênero e transexualidade. Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso, 2018. Disponível em:



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

<<https://www.scielo.br/j/csc/a/4sX9R9TRSNk4hzdC8dwrsQb/?lang=pt&format=pdf>>.  
Acesso em 15 jun. 2021.

ROSA, M. D. Uma escuta psicanalítica de jovens na periferia – a construção de laços fraternos e amorosos. In S. Altoé. (Org.). **A lei e as leis: direito e psicanálise** (pp. 183-193). Rio de Janeiro: Revinter, 2007.  
SciELO, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.org/>>. Acesso em 18 de ago. 2021.

SERRANI-INFANTE, S. Abordagem Transdisciplinar da Enunciação em Segunda Língua: A Proposta AREDA. IN: SIGNORI, I., CAVAICANTI, M. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SERRANI-INFANTE, S. (2019). Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 13(1). Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45011>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000100004>

SIERRA, J. C. Gênero, performatividade e a experiência trans. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**. Nº: 21-22 Ano: 13, 2011.

SILVA, R. A. dos Santos. **"O gênero na vitrine"**: sentidos do consumo estético e a produção de subjetividades de mulheres trans. 2017. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

SILVA, S. T. A. **A que(m) atendem as categorizações identitárias?: um estudo sobre o pensamento de vida LGBT+**. 2022. 220 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.319>.

SIMPSON, K. **Transexualidade e travestilidade na Saúde**. Ministério da Saúde. Movimento Social: relatos de vivências e lutas contra o preconceito e pelo direito à saúde. Brasília – DF, 2015.

SOUZA, L. A. O. **“Meu corpo, minhas regras”**: representações e identidades de gênero nos discursos de ativistas (trans)feministas. 2018. 307 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SOUZA, M; PRADO, M. O. Violências, mulheres travestis, mulheres trans: problematizando binarismos, hierarquias e naturalizações, **Rev. Polis e Psique**, 2019; 9(2): 45 – 66. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.83831>

SOUZA, E. Linguística Aplicada aos Estudos de identidade e representação feminina em VideoGames. **ANAIS ELETRÔNICOS DO IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA**. 2018. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10032/2/LinguisticaAplicadaVideogames.pdf>>. Acesso em 02 out. 2022.

SPIVAK, G. Can the subaltern speak? In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (org.). **Marxism and the interpretation of culture**. Chicago: University of Illinois Press, 1988, p. 271-313.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

STREVA, J. Colonialidade do ser e corporalidade: o racismo brasileiro por uma lente descolonial. **Revista Antropolítica**, n. 40, Niterói, p. 20-53, 1. sem. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41776/23769>>. Acesso em 14 out. 2022.

Transcidadania. Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos\\_humanos/lgbti/programas\\_e\\_projetos/index.php?p=150965](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbti/programas_e_projetos/index.php?p=150965)>. Acesso em 24 ago. 2021.

Transempregos, 2021. Disponível em: <<https://www.transempregos.com.br>> Acesso em 24 jul. 2021.

Transfeminismo, 2021. Disponível em: <<https://transfeminismo.com/>>. Acesso em 24 de ago. 2021.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

VIAN JR., O. A construção do conhecimento na linguística aplicada em seu início no Brasil. In JORDÃO, C. M. (Org.) **A linguística aplicada no Brasil: rumos e passagens**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 85-120.

WALSH, C. E.; MIGNOLO, W.; LINERA, A. G. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006. p. 87.

WANDERLEY, C. M. Dos corpos que interpretam à interpretação dos corpos: uma posição inicial. IN: HASHIGUTI, S. (Org.) **O corpo e a imagem no discurso: gêneros híbridos**. Uberlândia: EDUFU, 2019, p. 133-150.

YORK, S. W., OLIVEIRA, M. R. G., & BENEVIDES, B. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, 28(3), e75614. 2020. DOI: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n375614>>. Acesso em 18 de nov. 2022.

ZUCCHI, E. M.; BARROS, C. R. S.; ROBBA, B. *et al.* Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. **SciELO**, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csp/2019.v35n3/e00064618/#>>. Acesso em 15 ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00064618>



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

## **Apêndices**

## **Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Olá! Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa intitulada “Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis em narrativas de si”, coordenada pela pesquisadora Dra. Simone Tiemi Hashiguti edesenvolvida em conjunto com o pesquisador João Vítor Sampaio de Moura. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que será entregue em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora *Dra. Simone Tiemi Hashiguti*. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador João Vítor Sampaio de Moura, por e-mail, e logo após a autorização, serão enviadas as orientações para participação na pesquisa.

Nesta pesquisa, nós estamos buscando compreender, a partir da análise de narrativas de si, o que as mulheres transexuais, as mulheres transgêneras e as travestis falam sobre si e sobre suas experiências em viver na sociedade. Se você aceitar participar, você será convidada a falar a respeito de si mesma em sua identificação como mulher transexual, como mulher transgêneras ou como travesti. Isso poderá ser feito de forma escrita, ou também em formato de fala gravada em arquivo de áudio. Não haverá questionário, o intuito é deixar você confortável para que você possa falar sobre aspectos da sua vida sobre os quais se sinta à vontade. Também há a garantia expressa de liberdade de você, como pessoa participante, não ter que falar sobre questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento. Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo, preservando assim, a privacidade da participante. Mesmo no caso de publicações do estudo, você não será identificada de forma alguma.

Na sua participação, você poderá escolher entre gravar seu depoimento em arquivo de áudio, formato MP3 para envio por e-mail para nós, pesquisadores, ou escrever um texto. Tanto a gravação quanto a escrita serão feitas por você sozinha, sem a presença ou intervenção dos pesquisadores. Você poderá gravar e regravar quantas vezes quiser e reescrever seu texto quantas vezes quiser antes de chegar à versão final para envio do arquivo para nós. Você poderá usar o tempo que quiser em sua gravação. Esclarecemos que, no caso de resposta em formato de gravação de arquivo de áudio, a gravação será transcrita por nós para que procedamos à análise. Esclarecemos também que o equipamento de gravação ou para escrita do texto, bem como o equipamento para envio de sua resposta para nós é de sua responsabilidade, não havendo, por parte dos pesquisadores ou da universidade, o fornecimento de qualquer equipamento ou acesso a equipamento.

Vale salientar que os arquivos digitais com os depoimentos de todos os participantes serão apagados/destruídos após as devidas transcrições. Em nenhum momento você será identificada. As transcrições ficarão sob guarda e responsabilidade dos pesquisadores, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, segundo a resolução 510/16 (capítulo VI, Art.28; IV). Após esse tempo, serão descartadas. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Os pesquisadores têm o compromisso de divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Os riscos relacionados com a participação da pessoa participante são: ser identificada em alguma publicação do estudo ou sentir algum desconforto ao discorrer sobre determinadas questões durante a elaboração de seu depoimento. Contudo, os pesquisadores tomarão todos os cuidados para não divulgar as identidades reais das participantes em nenhum momento e será explicitado que, se a pessoa não quiser mais participar, mesmo depois de aceitar o convite, ela poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso II). O benefício da pessoa participante será de refletir sobre si mesma e sobre o tema da mulher transexual, mulher transgênera ou travesti, podendo expressar, para outras pessoas, pensamentos, emoções e experiências.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar da pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa, acesse a cartilha no link: [https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha\\_Direitos\\_Eticos\\_2020.pdf](https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf). Contudo, nos comprometemos a tomar todas as medidas para que isso não ocorra.

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores, via e-mail, (simone.hashiguti@ufu.br/mourajvs@ufu.br). Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: [https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha\\_Direitos\\_Eticos\\_2020.pdf](https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf).

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131 ou pelo e-mail **cep@propp.ufu.br**. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora responsável  
Simone Tiemi Hashiguti

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador participante  
João Vítor Sampaio de Moura

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da participante da pesquisa

## **Apêndice 2: Orientações para participação da pesquisa**

### **ORIENTAÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA**

Prezada participante,

Para participar desta pesquisa, pedimos que você escreva um texto ou grave um arquivo de áudio em que fale de si.

No texto escrito ou no áudio gravado, pedimos, primeiramente, que você diga sua idade e região de origem e de residência atual.

Depois, pedimos que você discorra sobre sua experiência de viver em sociedade como uma mulher transexual, como uma mulher transgênera ou como uma travesti. Você pode falar sobre seu cotidiano, enfocando atividades, relações pessoais, lugares etc., dentre outras informações que desejar e sobre as quais se sinta confortável em falar. Você também pode falar sobre seu corpo. Pedimos também que você nos conte sua história para se identificar como mulher transexual, como mulher transgênera ou como travesti.

No caso de escolher escrever um texto, não há número mínimo nem máximo de páginas a serem escritas. No caso de gravar um arquivo de áudio, não há tempo mínimo de gravação e o máximo é de 30 minutos. Pedimos que o áudio seja salvo em formato MP3 para envio a nós.

Para produzir o texto escrito ou a gravação de áudio, você terá que utilizar seus próprios equipamentos. Para envio a nós, você necessitará de seu próprio acesso à internet.

O envio da sua resposta deverá ser feito para o seguinte email: [mourajvs@ufu.br](mailto:mourajvs@ufu.br) até o dia 01/02/2022.

### **Apêndice 3: Transcrições dos depoimentos**

#### **LINN (04min20s)**

Olá me chamo Linn, sou natural de Tucuruí no Pará, mas eu atualmente resido em Marabá no Estado do Pará também, com minha irmã, mãe e dog. E minha História compreende 18 anos e meio de experiências vivendo numa sociedade hétero-binária. An... desde pequena, já me compreendi enquanto LGBTQIA+ e... é compreendo a minha infância e pré-adolescência também como parte extremamente adaptativa da minha vida. Antes eu tentava me adequar, porém de forma a flexibilizar pelo menos o mínimo dos meus trejeitos. É... o meio que eu frequentava. Logo, entendi o significado dos termos CIS e TRANS e... demais termos, é... e nunca me senti encaixado no gênero imposto a mim pela sociedade. Então decidi que logo quanto eu pudesse e com um pouco mais de estrutura começaria a trazer o assunto para dentro de casa e fora dela também, com todas que me rodeavam e tinha contato comigo. É... Considero a permissão para aflorar a minha travestilidade ainda muito recente, perto de 16/17 anos como minha pré-transformação, onde estava me preparando de vez pra tudo que ia enfrentar enquanto pessoa não cisgênera. Estava e ainda estou à procura de emprego fixo de meio período, pois eu estou cursando Ensino Médio, afim de me estruturar e de criar novas experiências enquanto travesti. Amigas, pessoas com as quais resido, colegas e outras que tem contato comigo aos pouquinhos foram sendo introduzidos a mim. E ainda estão sendo, parece um processo que... não tem fim, mas sempre digo a mim mesma para ter paciência e tentar me e tentar levar de... da maneira mais rápida possível. Brigas, discussões, constrangimento fizeram e fazem parte, mas sinto que aos pouquinhos vai se exaurindo, bem aos pouquinho mesmo é... o pensamento de levar com leveza fez e faz parte da minha vida em todas as áreas, é... em todos os ambientes que frequento. A ansiedade é forte, mas minhas irmãs, verdadeiras referências como F. Godoy, Arca, Urias Alina Durso, Linn da Quebrada, Jup do Bairro, Amelie Sandra é... muitas outras me inspiram a viver e sobreviver a cada dia, levando com leveza mesmo que nem sempre seja possível. Linn tem um papel muito importante na minha vida é... por isso essas pessoas transvestidas e artistas, tem um lugar muito mais do que especial em meu ser. Recentemente consegui alterar meu nome dentro do meio escolar e considero isso um marco muito importante na minha história e que me deixa apreensiva. É... que me deixa apreensiva de qualquer forma, mas foi a decisão mais que certa para mim, por muitas que morreram atrás e as que estão morrendo aí até hoje. Estamos e vamos tornar o mundo um lugar possível para nós.

**DANDARA (11min33s)**

Então, meu nome é... Dandara dos Santos eu tenho 20 anos, eu sou natural de Castro no Paraná, mas atualmente eu moro em Camanducaia em Minas Gerais. É... eu me identifico enquanto uma travesti preta e... eu costumo dizer que eu gosto muito das práticas e desobediências de gênero né? Eu uso, eu uso a identidade de travesti também como uma marcação política, né? Sobretudo política, mas uma marcação de gênero na qual eu me identifico muito também, mas eu também penso muito nas práticas e desobediência de gênero que tem feito muito sentido para mim nesses últimos dias, é... eu acho que me identificar enquanto uma travesti, enquanto um corpo travesti que eu venho construindo é uma experiência muito singular assim, é uma experiência muito profunda, porque... eu tenho feito do meu corpo um espaço de experimentação, hum... onde eu posso materializar tudo aquilo que eu pretendo ser, tudo aquilo que eu quero sentir, todas as experiências que eu quero passar. Eu tenho usado o meu corpo para isso assim e também uma forma de se fazer política, né? Eu acho que é muito, a gente assim mesmo involuntariamente a gente faz política com um corpo mesmo que ainda não me afirmasse travesti nos espaços que eu /tô/, o meu corpo afirmaria isso. Então eu acho que para mim isso tem feito muito sentido assim. E atualmente eu curso Letras na Universidade Estadual de Ponta Grossa, mas eu acho que eu vou trancar o curso que eu quero começar psicologia. E a universidade foi um espaço onde eu aprendi muitas coisas assim também, acho que entrar numa... ..eu não gosto muito de romantizar isso porque... não sei, eu acho que não faz muito sentido romantizar mais, entrar na universidade para mim foi, uma coisa muito, nossa! Foi muito bom assim porque eu consegui ver outras perspectivas de mundo para além daquelas que eu já tinha, que eram poucas assim. Eu tive acesso a muitas questões que também me ajudaram muito a pensar, né?, no que eu sou hoje assim, então foi muito importante para mim estar na universidade, principalmente numa universidade que é no Paraná, né?, que é no Sul, onde uma região extremamente conservadora, assim, é..., eu era uma das, eu acho que a única travesti que eu conhecia do meu curso, e acho que talvez da universidade porque eu realmente não conhecia outras, assim, e... eu até me sentia muito sozinha, né? Porque eu ficava me questionando muito, se eu sou a única travesti que /tô/ naquele espaço, onde que estão as outras sabe? Onde que, o que elas estão fazendo? Qual que é a perspectiva de vida que elas têm, sabe? Então essas questões assim sempre fizeram muito parte da minha vida porque eu sempre me senti muito sozinha nos espaços que eu estava transitando, é.... Faz quase dois anos que eu /tô/ nesse processo de tratamento hormonal assim. E tem sido um processo muito exaustivo, né? Eu acho

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

que essa necessidade de pertencimento, essa necessidade de caber pra... corpos como meu, às vezes é muito, às vezes é tudo isso que a gente quer, sabe? Eu acho que eu tenho questionado isso, sabe porque eu não quero me sentir pertencida, e eu não quero caber, na minha cabeça não faz muito sentido usar hormônios, assim, porque isso é uma afirmação de que eu quero caber, de que eu quero pertencer a alguma coisa, e..., mas são questões que ainda /tô/ pensando muito sobre isso e é isso eu acho que também pensa aqui, né? Nem um tratamento hormonal faz, faz uma pessoa mais, ou menos trans, eu acho que isso, essa construção daquilo que a gente é é muito particular e é muito singular também. Atualmente eu /tô/ namorando, me relacionando com um homem trans, então a gente, a gente é um casal trans centrado. Eu não costumo também romantizar casais trans centrados porque eu acho que as pessoas também veem assim duas pessoas trans se relacionando como se fosse a coisa mais maravilhosa e perfeita do mundo, eu acho que qualquer relação né? Que a gente tenha é... importante sempre tá com o pé no chão que eu acho que nem uma relação isenta de ser violenta. Então eu não romantizo muito isso, mas acho que para mim para vários processos e várias inseguranças que eu sentia foi muito bom, me ajudou assim em muitas questões, muitas, muitas questões e inseguranças até porque pra gente que... pra nós pessoas trans é muito difícil, né? Afetividade, o amor acho que são coisas que... agora a gente tem buscado outras possibilidades né? De relação e de como se relacionar com outras pessoas também, eu acho que isso tem sido muito importante para mim. Acho que conhecendo as novas possibilidades de pessoas né? Para se relacionar tanto sexualmente, quanto afetivamente acho que... tem sido importante porque é como se eu tivesse hackeando sabe como se eu tivesse pensando é eu, acho que é isso, né? Pensando em outras possibilidades assim para além dessas que a cisgeneridade vem trazer para mim e falar que é essa e acabou. Então acho que também é importante assim, eu acho que... eu, enquanto uma travesti acho que eu tenho feito muito isso, que é pensar em possibilidades de sobrevivência, sabe? Para além dessas que a cisgeneridade vem trazendo acho que é sempre, meio que sempre uma batalha, entre não aderir assim essas possibilidades da cisgeneridade porque muitas das vezes elas são violentas, né? Eu acho que tem muito isso também. Nossa eu tenho muitos planos para o futuro, eu penso muito, eu quero muito ser uma intelectual assim como por exemplo, a Ana Flor, a Maria Clara Araújo, eu quero muito também ser uma referência dentro do espaço acadêmico, acho que é uma ambição assim que eu tenho, sabe? É um desejo que eu tenho, mas quero tá propondo novas ideias, sabe? Tá propondo novas formas de fazer pesquisa e também novas formas de se pensar, né? O que são as epistemologias travestis, né? Então acho que talvez isso, não sei se agora faz muito sentido para mim, eu não sei, se mais para frente vai fazer, mas

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

eu quero muito assim sabe ser uma referência, uma referência dentro do espaço acadêmico para as pessoas. E... também que outras travestis possam ver em uma possibilidade de elas terem acesso, delas acreditarem, delas pensarem perspectivas de futuro para a vida delas e pensar que a prostituição não é o... a nossa única opção, a nossa única possibilidade de vida, eu acho que a gente não pode ter medo de invadir esses espaços. Eu sei que para nós travestis, isso é muito difícil, né? Tá num espaço é muito complicado, é muito exaustivo, porque é uma..., é uma..., acaba sendo um... um... uma competição, sabe? Acaba sendo uma coisa assim, então eu sei que não é fácil, mas eu quero que a gente pense sabe o quanto isso é importante, quanto é importante a gente roubar sabe? Saquear tudo aquilo que é nosso por direito e que as pessoas, que a cisgeneridade, que a branquitude sempre nos roubaram assim então eu acredito muito nisso assim que o que eu /tô/ fazendo agora, né? Todas as movimentações, todas as articulações que eu /tô/ fazendo agora vai ajudar muito as outras travestis no futuro assim, eu acredito muito assim como as travestis antigas me fizeram ter acesso a tudo o que eu tenho hoje, é tudo, todas as conquistas que eu tenho hoje. Assim, espero que com toda minha movimentação, com toda a movimentação das minhas amigas e das travestis e hoje possa ajudar é outras travestis e outras gerações assim e conviver em sociedade para mim é... uma experiência assim muito boa sabe, eu sempre, eu sempre, eu me acho um corpo estranho, eu me acho, eu me acho que eu me fiz a partir do erro daquilo que as pessoas veem como um erro daquilo que as pessoas veem como estranho, como um objeto e acho que eu me pensei e me construir a partir disso sabe? Acho que pensar, pensar que eu sou uma falha desse sistema é uma coisa que me empodera, pensar que... um corpo estranho como meu me empodera, porque eu sei que é um corpo estranho. Não é um estranho no sentido ruim, é um estranho num sentido... não sei se é bom, mas no sentido político assim é.... eu sempre penso muito nessas questões assim tem de como, de como meu corpo ele reflete na sociedade, não só através das violências, mas, através do questionamento acho que as pessoas sempre olham para mim se questionando será que é homem, será que é uma mulher, será que é o que, sabe? Eu gosto disso, eu gosto de que as pessoas me olhem e me vejam que é uma outra possibilidade de corpo sabe? Uma outra possibilidade de existência para além do homem e da mulher eu acho que homem e mulher é uma possibilidade muito ultrapassada para nós que somos pessoas trans, para nós que somos travestis. Então eu acho que a gente tem que pensar em novas possibilidades de existência, novas formas de se expressar sabe? De ser assim e eu acho que é isso que eu venho fazendo.



**SARA (29min05seg)**

É... eu tenho 27 anos, eu residio atualmente em Uberlândia, mas eu nasci em Catalão, porém eu vim para cá, para Minas Gerais, quando eu tinha volta de um ano, que foi assim quando os meus pais se separaram e eu vim, né, com a minha mãe para Uberlândia. Então assim eu sou de Goiás. Mas eu sou culturalmente mineira. Então, começo a falar um pouco da minha experiência, né de viver em sociedade enquanto uma mulher transexual. É... antes de tudo eu me considero como uma mulher transexual. Eu também reconheço o termo travesti como uma possível identificação dentro do campo que engloba diversas possibilidades, mas o termo mulher transexual, principalmente pela... pelo significante mulher ele é muito importante, eu acho que isso demarca uma posição específica social de estar inserido neste registro do feminino, do que a mulher e por ser transexual, a gente vem quebrar o estereótipo do que que ser uma mulher padrão, do que do que que você tinha como uma forma de nascer, mulher e... e transexualidade, ela vem para dizer que não se nasce mulher ou se nasce homem, né? Mas a gente se constrói, a gente se identifica e a gente banca esse desejo de ser o que a gente é e se identificar com aquilo que realmente nos toca e nos atravessa enquanto sujeitos. E primeiramente, né? começando a falar da minha história de como que eu me identifiquei enquanto uma mulher trans. É... não foi sempre assim, eu acho que eu tive uma infância muito tranquila em relação a isso, embora às questões de gênero e sexualidade elas já estavam ali sendo impostas de alguma forma, porque quando a gente cresce, a gente se constitui como sujeito, essas categorias elas nos... de alguma forma, elas nos são apresentadas e são apresentadas de uma forma muito fixa e rígida, principalmente na época em que eu nasci nos anos 90, então... a gente acaba recebendo o que que é essa classificação de homem e de mulher, de uma forma muito encaixadinha, de uma forma muito preto no branco, né? Uma coisa mastigada ali, simplória e fixa, a gente sabe que não é assim e na minha infância eu gostava de coisas de menino e de meninas, então eu era uma criança muito livre muito liberta embora quando eu me direcionava para as coisas do feminino havia uma certa repressão familiar clássica, né do tipo ah, isso é de menina não pode. Então, eu gostava muito das bonecas da minha irmã, eu gostava de brincar de barbie, mas eu também gostava das coisas de menino, eu gostava de brincar de imitar filmes de ação de luta, gostava do ser o Tarzan, de fingir que eu era o Jackie Chan, mas eu também gostava de fingir que eu era uma daquelas dançarinas de programa de auditório, então ali na minha infância eu flertava com os dois mundos, né? O masculino e o feminino. Isso passou a ser uma questão para mim pensar, nossa! É... algo no feminino me toca e me chama mais atenção do que no masculino foi

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

a medida que eu fui crescendo. Então, essa infância, né? Onde eu brincava de diversas coisas eu tinha por volta de 5, 6 anos, 7 anos e quando começou a questão do feminino a se mostrar para mim como uma... um possível caminho isso foi ali depois dos 10 anos a partir dos 12 anos mais ou menos que isso começou a ficar realmente como uma questão a se lidar principalmente na adolescência. Então quando eu chego na puberdade e começo a entender e a ressignificar aqui de fato, né, no meu trajeto, histórico de vida havia uma diferença grande entre os outros meninos e eu não sabia identificar o que que era, mas tinha um certo desencaixe da posição de ser homem. Eu acho que passa muito pela questão que, né? É uma questão até mesmo de análise de terapia que eu trabalhei isso, né, nas minhas sessões individuais com um outro psicanalista que é na figura do homem, ela foi se mostrando na vida, na minha trajetória pela via da violência, isso me incomodava muito, e me assustava. Então acaba que era uma associação, quase que é irrevogável, né? Ser homem a ser violento e estar na posição masculina é ser agressiva ser violento. É esse corpo que se manifesta realmente de uma forma mais agressiva e bruta, e... uma personalidade mais incisiva, dominadora, esse clássico padrão macho alfa ridículo que a gente tem hoje e que vem desde muitos séculos aí. Isso me incomodava porque para mim não era assim, não era, não era por aí que eu gostaria de me importar, embora na minha família, nas minhas relações que foram tecidas na escola sempre tinha esse traço do masculino violento como uma coisa que de fato define o que era o seu homem. Eu era muito diferente disso né? Principalmente porque era sensível era uma criança muito comunicativa, então era extrovertida, eu gostava de tá bem com as pessoas e não gostava de deixar ninguém mal. É... algumas brincadeiras ali de criança que eu lembro por parte dos meninos, meus amigos tinham muito a ver com ameaça, com chantagem, com ah eu vou quebrar sua cara, se você não me dá o dinheiro do lanche, isso me incomodava, então... de uma certa forma eu fui me distanciando desse lugar do masculino violento, para pensar em uma outra forma de me situar enquanto o menino, mas é para além dessa diferença desse incômodo com a questão do masculino. Eu comecei encontrar no universo feminino uma forma de... consegui expressar e consegui ser, conseguir de fato ou estar ali no... de uma forma que fosse confortável para mim, e... eu sempre me inspirei muito em mulheres fortes, né? Porque eu nunca fui uma pessoa apassiva na vida, passiva então acho que desde criança, eu gosto desse traço da resistência e as mulheres da minha família que eu tive como inspiração e sempre foram muito resistentes, principalmente diante desses homens então eu entendo o jogo feminino em mim com uma resistência a esse masculino que procura sufocar. Ah... então foi por aí que eu fui construindo, mas enfim, naquela... né? Isso é uma visão agora com 27 anos, mas naquele momento da

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

adolescência e eu ali com 12, 13 anos que eu fui afetada por essas mudanças físicas, hormonais e clássicas da puberdade, eu comecei a entender que é o feminino, não era só um ponto de admiração de flerte, mas era um ponto de identificação e de território afetivo, meu. Então, foi aí que eu comecei a entender que, eu era diferente dos meninos, eu tinha mais amigas mulheres, me sentia mais à vontade com elas, eu gostava da estética do feminino, eu fui de fato me identificando cada vez mais e até que eu chego num determinado momento ali da minha vida e demorou um tempo desses 13 anos até eu começar a minha transição que foi com 19 anos, mas eu passei por muitas transformações e não é fácil a gente simplesmente falar: olha eu vou ser uma mulher até porque eu me identificava muito com o lado do feminino. Porém, eu tinha nascido ali na minha imaginação homem, eu ia morrer homem, então não havia possibilidade de ser uma mulher, então entre um conflito muito grande comigo mesmo ali por volta dos meus 16 anos que eu já tinha passado ali por grande parte da puberdade e com isso vem os pelos, vem o engrossamento da voz, a gente começa a ficar com corpo mais largo e aquilo me incomodava muito e eu me achava assim, eu era um pouco gordinho na época, eu era bem mais baixo do que eu sou hoje, eu tenho 1,70 naquela época que eu tinha 1,60 mais ou menos e pesava quase 70 kg, então eu era bem cheio e isso me deixava com aspecto mais bruto mesmo, né do homenzinho, cabelo curtinho ali, fortinho e eu não gostava daquilo. Então chega os meus 16 anos, eu entro num quadro de emagrecimento assim e foi quase que um quadro anoréxico que eu emagreci mais ou menos 25 Kg em 3 meses, então se eu simplesmente minguei né? Fui definhando aquela identidade masculina, por que aquilo pra mim estava de uma certa forma insuportável, porque eu não me reconhecia enquanto menino, eu gostava da estética, da identidade, do mundo da mulher, eu não pude fazer nada com aquilo então, eu fui sofrendo, eu fui de uma certa forma fazendo um luto daquela identidade masculina e... ali né rapidamente eu emagreci, as pessoas pensavam que eu estava doente, né? Chegaram a perguntar se eu /tava/ usando drogas, eu /tava/ é... com HIV então assim, as especulações que as pessoas né, vão fazer quando aparece uma pessoa que tinha quase 70kg e vai para os 46, 45 kg então assim... é, realmente foi... um período bem tenso, nessa época, uma época também que eu falo para minha mãe que eu tinha que resolver a questão da minha sexualidade, eu começo a assumir para as pessoas que eu gostava de homens, então naquele momento eu era gay. Eu falo isso para minha mãe: mãe, sou gay! Ela surta, assim, ela não aceita no primeiro momento, é que ficou um pouco confuso para ela, porque eu sempre fui uma pessoa, na adolescência era de fato, mas retraída então diferentemente da minha infância, eu era muito extrovertida, na adolescência eu fui me retraindo cada vez mais, principalmente por essa questão identitária e sexual. Então... as pessoas

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

começam a perceber essas mudanças, eu vou começando a ficar um pouco andrógina, usando uma calça mais apertada, começo a flertar com uma certa maquiagem, de um lápis no olho. Isso incomoda dentro de casa assim meus familiares de certa forma incomodados, mas ali eu /tava/ construindo uma ponte possível entre o masculino e o feminino e eu gostava quando as pessoas me confundiam na rua ou em outro lugar com uma menina, né? Então as pessoas me chamavam ei moça aí né? Chegava mais perto e via que eu era um menino, então eu gostava desse... de brincar com isso, né? Que a androginia que é você tirar a pessoa do seu lugar de certeza, do que é e fazer esse balanço de sentido, então isso me davam certo prazer, porém né eu fui entendendo que o prazer não era somente balançar o outro, mas era poder ocupar para o outro lugar de ser uma mulher. E eu entro /no terapia/, pra resolver a questão primeiramente do emagrecimento que /tava/ né gritante assim, eu não havia falado ainda com as pessoas sobre essa questão do gênero e é na terapia que eu começo a falar sobre isso, é poder pôr os pingos nos is, encaixar, encontrar lugares e saídas. É... e ali eu vou conseguindo entender que a transexualidade é um caminho possível e a travestilidade e transexualidade elas não são categorias, mórbidas, sujas, promíscuas que era o quê né se vendia ali há 10 anos atrás, nos meus 17 anos, como uma imagem da pessoa trans, que é o cara que se veste de mulher e vai para rua buscar sexo né? é uma imagem que por muito tempo predominou e ainda hoje predomina em grande parte da população e eu fui entendendo que não né? A transexualidade ela é uma identidade é uma possibilidade, ela é uma forma de negar essa identidade primária que a gente recebe e construir uma própria.... Então eu entro na universidade e até a terapia ela me ajuda a escolher também de fato a psicologia, porque eu sou psicóloga então eu tive uma influência grande dá... desse processo analítico que me faz de alguma forma me apaixonar pelo campo da psicologia mais ainda, que é um campo que eu já gostava a muito tempo, né? Do comportamento da mente humana, eu sempre fui muito questionadora, do porquê que as pessoas são, como elas são e quais são os caminhos que elas traçam para chegar até onde elas estão atualmente. Isso era sempre uma questão para mim, então, eu vou para universidade e na universidade eu encontro ali, né? Os serviços que a UFU oferece de transexualidade e alguns professores meus vão percebendo nessa minha é... posição ali na androginia e eu vou começando cada vez mais me afeminar e até aqui numa terminada aula específica de um professor meu, ele pergunta para a gente né? Quero saber o nome de vocês então escrevam em papezinhos e deixa em cima da carteira e se apresenta aí para mim como vocês querem ser apresentados e ele fala desse jeito e daí eu decido me posicionar diante da sala, diante desse professor como Sara, como mulher. Isso para minha sala assim na minha turma, foi uma coisa eufórica, assim de eta! Como assim

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

que tá acontecendo? Mas eu tive uma receptividade muito boa na psicologia. E foi então ali né com auxílio desse novo mundo que a universidade me apresenta, mas, também com a base que eu construir para entender isso na terapia, é que o eu de fato decido ser uma mulher, é viver como uma mulher, que é de fato eu já era uma mulher, já estava identificada nesse campo. Mas, entre você conseguir bancar a vida e o que que ser uma mulher demanda né, é preciso de uma certa maturidade e que vai para além do campo da identificação, porque aí você tá no campo de bancar isso que você quer, de bancar o próprio desejo que não é só uma admiração, uma aí poderia ser, mas é quando você assumir isso para você e fala não. Eu sou sabe? e é isso aqui, é isso que eu quero seguir, é esse caminho, é essa pessoa, é assim que eu quero que as pessoas me vejam e que eu mesma me veja. Então a partir daí e eu tinha 19 anos mais ou menos, eu começo a fazer o tratamento no ambulatório da UFU de hormonioterapia, então lá tem um acompanhamento bacana, né com esses médicos clínicos endocrinologistas né que dá todo esse apoio. E a partir de então, eu começo a me interessar cada vez mais pela temática da transexualidade e eu vou me incluindo nos movimentos, ali dá universidade mesmo, vou participando de roda de conversas, debates sobre o tema então é aí que eu vou né entendendo com os meus pares né? O que que se trata isso que, que é do universo TRANS? E o que que é? o que que tem nesse universo trans, né, que é tão específico. Primeiramente é muito difícil a gente bancar esse lugar, muito difícil, é... por isso assim quando eu vejo algumas pessoas que desistem no meio do processo e as vezes encontra nessas saídas mais... encaixadas, tipo /as religião/, ou ai sei lá! Esse conservadorismo besta que de alguma é uma defesa contra a diversidade, por não suportar que a diversidade ela não é uma certeza e ela é uma... um dever e algumas pessoas não suportam esse dever. Então elas precisam se sufocar em caixas, em estereótipos, em rotinas muito né entre aspas solidificadas para conseguir ali conter a angústia, né de lidar ali com a própria identidade, porque de fato né. Isso é uma questão para todo mundo, né? Que que você vai ser homem ou mulher? Será que a outra possibilidade para além de ser homem ou mulher? Como que a gente lida com isso? Então todo mundo passa por essa angústia, não tem como esse processo de se tornar um homem ou mulher de passar de um corpo infantil para um corpo na puberdade daí assumiu uma identidade de fato, não tem como esse processo ser simplesmente... suave né? Esse processo, ele é complicado e deixei de muitas idas e vindas de muitas confusões, de muitas questões. Então ser trans por si, só já é lidar com essa realidade, né? E outras questões, outros cenários, a vida na família é difícil, porque as pessoas não vão entender e muitas famílias não vão respeitar, eu tive apoio, principalmente da minha mãe, embora no começo, né? Ela tenha também surtado que quando eu falo para ela: Olha mãe, eu

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

não sou gay, eu sou trans, eu quero ser uma mulher aí... esse é meu nome agora Sara, ela demora um tempo para assimilar, a gente passa mais ou menos um ano em pé de guerra com isso, só que ela vai entendendo, né? Ela vai reconhecendo... meu processo como Sara e até que chega no momento que ela vai né, ela vai começando ali a entender que de fato era a Sara e que não dava para ser diferente, mas é um momento muito legal que me marcou muito, porque no começo do curso, no começo não, mais ou menos no meio do curso, eu me assumo como mulher e faltando... e ela né, simplesmente não dá conta muito dessa informação e a gente começa ter discussões por conta disso, mas aí ela vai chegando um ponto, né? Que prestes eu a ter a festa de formatura, ela me aparece com o vestido, né? Então ali naquele momento quando ela me entrega esse vestido depois de inúmeros pés guerras, eu entendo que ela me reconhece quando Sara enquanto filha tá. Ali naquele momento foi muito importante para mim, receber esse vestido dela de formatura porque ali eu nasci enquanto Sara, ali eu me senti filha, é porque há uma forma dos pais é resistir a identidade trans dos seus filhos justamente /pelo dificuldade/ de fazer o luto dessa identidade antiga, porque é um luto, né? Não é mais aquele filho fulano que vai ser o mental não. Não vai ser, vai ser uma mulher, vai ser bonita, vai ser uma mulher empoderada, vai ser uma mulher dona de si, que vai fazer o que ela quiser, de quem ela é e bancar isso para os pais também é muito difícil, né? Mas a minha mãe ela consegue fazer essa transição de caminho e isso foi muito importante para mim e hoje assim a minha mãe é uma pessoa excepcional, né, minha melhor amiga com certeza e eu acho que de fato o apoio dela foi o que me estruturou para chegar onde eu cheguei para conseguir formar na faculdade, né? Sou uma psicóloga. Terminei o mestrado, então o apoio familiar ele é fundamental e as pessoas trans que não tem apoio familiar elas são realmente devastadas pela sociedade uma forma muito pior e a gente tem alto índices de saúde mental agravado na população trans a gente tem depressão, ansiedade, suicídio, inclusive ano passado é... uma colega minha que também era da UFU, mas não era psicóloga, mas também era estudante da UFU se matou e o que me chocou muito porque a gente conversava online, tinha algum tempo que a gente não se via por conta da pandemia, mas ela se mata e no Facebook de um tio dela, ele faz uma despedida citando né, essa minha amiga como homem, citando o nome de registro antigo, então assim a gente vê que a família é um ponto muito importante, que vai de fato influenciar se você vai ter uma vida bacana ou não, porque sem essa base por mais que o mundo esteja difícil você tá nessa base, você tem um lugar para onde voltar quando as coisas apertam, né? Seja de fato a casa real, né, a estrutura da casa mesmo de morar, seja o colo, né de ter pessoas que vão te apoiar. Então para as pessoas trans que não têm isso é muito complicado, né? Porque elas lidam com uma rejeição

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

familiar, uma rejeição social. Então elas vivem o não lugar, né? Que é o lugar da margem total, por isso muitas vão se unir e vão se submeter a relações de cafetinagem por tentar buscar esse lugar de proteção e de amparo né. Então, é a família realmente é nossa base e eu tiro essa base né principalmente da minha mãe que foi assim... meus irmãos também me apoiaram muito, então né sem essa base eu não teria tido todas as portas abertas que eu tive, até mesmo para conseguir suportar as dificuldades da vida, né porque eu não sou uma pessoa financeiramente abastados, sou pobre e venho de uma classe pobre então tendo pelo menos dessa base, é... isso te dá uma estrutura para conseguir vencer esses obstáculos né, que já é difícil para quem não é privilegiado socialmente. Então você encara isso de frente, você encara isso com mais esperança, então é isso que a família vai te dar na esperança de conseguir ser e de conseguir conquistar novos voos né, novos lugares. E... porque a gente enfrenta muito preconceito, eu sofri discriminação dentro da própria universidade, sofri discriminação em processos seletivos de emprego, muito complicado, você chegar e conseguir um emprego é muito difícil. A primeira experiência que eu tive de carteira assinada, eu só consegui ficar oito meses no lugar, porque eu /tava/ sendo muito assediada, inclusive pelo gerente do espaço, era um mercado que eu trabalhava e chegou um determinado movimento que ele me convidar para sair com ele e ele era casado, ele me mostrava as imagens das câmeras eles se encontram com as mulheres depois do expediente. E eu ficava assim gente? Que que eu vou fazer com isso, porque eu não posso falar para ninguém, esse cara ele era advogado também, então assim era a minha palavra contra a dele e a gente sente muito sozinha na experiência trans ela é uma experiência muito solitária e é difícil, né? Nas relações de trabalho, é difícil nas relações familiares, para quem não tem essa base, é difícil nas relações amorosas e é um ponto assim... para mim é muito angustiante porque a sensação que fica muita das vezes nas relações de namoro é que você nunca vai ser... de fato reconhecida ali pelo outro sabe? Enquanto parceira de vida, é sempre do lugar do caso ali escondido, daquela coisa meio clandestina, daquela coisa meio vida dupla, por que o cara tem você ali escondido, mas está com outra. Já passei por situações assim que foram muito difíceis também, porque a gente vai sentir inválida né enquanto ser humano, enquanto o corpo, enquanto identidade porque é isso essas relações né onde a gente é abusada e usada vão trazer para gente, essa sensação de ser usada mesmo né, de não ter valor. Então é muito difícil, é uma luta ser, ser trans né? Eu também passei alguns constrangimentos antes de mudar o meu nome. Então sempre quando eu tinha alguma situação social que tinha que usar a identidade, né? Ou as pessoas ouviam o seu nome, né publicamente você tinha que levantar e ir até tal lugar, por exemplo em hospitais ou qualquer outra situação assim. É... foi muito difícil, porque as pessoas

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

zoavam muito, né. Então... quando eu conseguir a retificação dos meus documentos muita coisa mudou, né? E hoje eu vivo muito mais tranquila, com meu corpo, né. Com as relações que eu vou tentando tecer e a gente aprende a se defender também né, dos abusos. Mas é uma característica forte da população trans, a gente aprende na marra a se defender, porque ninguém vai fazer isso pela gente ou quando faz, ainda não faz da forma que a gente precisa. Então a gente tem que lutar a gente, tem que aprender a lutar pelo que a gente precisa da nossa forma e nos preservando. Então as pessoas julgam, as pessoas trans são muito espalhafatosas, agressivas e mandona ou incisivas, mas é porque a gente tem que ser. Senão, a gente não consegue nada, a gente consegue, a gente conseguiu os direitos que a gente tem hoje que não são lá essas coisas, é a curso de muito grito, a curso de muita luta, a curso de sangue literalmente sangue né derramado. Então, a gente realmente aprendeu a ser assim, a gente aprendeu a ser empoderada por que a cultura exige isso da gente, por isso a gente realmente é atropelada e massacrada pelo preconceito. Então para a gente conseguir um lugar é muito, é de um esforço enorme né? Até eu mesmo como psicóloga, eu sinto que para mim conseguir expressar né minha competência enquanto psicóloga eu tenho que me esforçar muito mais, porque a identidade sempre chega primeiro, ah você é trans e... mas como assim psicóloga, tipo. Não eu sou psicóloga amiga, mas eu também sou trans, mas sou... sou uma profissional, sou competente. Então /as pessoas ora olha/ a gente com uma certa pena, ora olha a gente com um certo nojo, com certo receio, então assim é realmente matar um leão por dia, eu acho que eu consegui passar por lugares aí da minha vida e de algumas características de ser TRANS.

**JULIANA (25min 53s)**

Olá, tenho 32 anos e me reconheço com uma mulher trans, transexual, , eu prefiro me definir como mulher trans uma vez que eu não sou cisgênero, vou te falar um pouco da minha história com relação a... pelo que eu passei, até onde eu cheguei atualmente. Eu me vi é... uma criança é... um menino gay até os meus 11 anos, 12 anos e depois dessa idade, eu comecei a vestir, né? Vestimenta feminina de tipicamente feminina e gostava do que eu via né? Eu passei por esse procedimento me envia no momento ali de travesti dos meus 12, 17 anos, depois eu comecei a perceber que ela era diferente, que a... a... o corpo que eu externava ele não era tão... tão satisfatório, não deixava tão feliz igual eu sou hoje. E aí passei por /todos os procedimento/ de transição quando me formei no ensino médio em 2007, deve ter escola pública aqui em Monte Azul, norte de Minas Gerais e de uma família pobre país semianalfabeto, mas que sempre me deram muito apoio e ai em 2008, eu comecei a faculdade de pedagogia, nesse procedimento



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

ainda de travestis, às vezes né, me vestindo e montando como a gente utilizava na época. E aí passei por todo esse procedimento, quando foi em 2011 que eu terminei minha faculdade de pedagogia, aí eu comecei a tomar né? hormônios pelo tão louca da vida, como dizem e realmente aí consegui adquirir o corpo que eu tive, o corpo que eu queria, comecei adquirir mama, curvas, quadril e foi... e foi assim. Aí tomei injeções durante algum tempo né, aí que eu já me via assim, terminei minha faculdade agora sou dona do meu nariz, vou fazer o que eu quiser da minha vida, mas não foi por aí, né já em 2010 antes de terminar a faculdade de pedagogia, eu me emprestei... emprestei na rede estadual de Minas Gerais como professora de geografia, por que o curso de pedagogia ele me autorizava da aula de geografia e aí eu dei aula de geografia 2010 até a presente data eu também trabalho com geografia. E aí foi, passei por todo esse procedimento, quando foi em 2013 a... aí em 2010/2011, terminei pedagogia, né? E já ingressei em 2012, fiz pós-graduação em pedagogia empresarial, hospitalar e carcerária e em 2013, eu comecei a perder aula de geografia para quem, para aquelas pessoas que faziam a disciplina específica. E aí eu me vi que meio que obrigada a ingressar na minha segunda faculdade, aí 2013, eu comecei fazer o curso de geografia, licenciatura em geografia que para me dar suporte, né para tá atuando enquanto professora. Em 2014, eu passei no concurso, concurso público da Prefeitura Municipal de Gameleiras e nesse concurso, passei para o cargo de supervisor escolar mediante a faculdade de pedagogia que eu já tinha né? Aí atuo até então como supervisora escolar, atuei até 2014 até 2017 mais ou menos, 2018, foi quando eu participei, mas a gente criou o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais ao qual hoje eu sou presidente do sindicato. Então meu cargo de origem, supervisão escolar municipal, eu exerço a função de presidente sindical. E aí eu trabalho tanto no sindicato, quanto professora de geografia e aí fico nessa correria, né trabalhando em dois municípios entre Gameleiras e Monte Azul e acaba exercendo um papel, né? Eu consegui exercer um papel de... de... personalidade ou talvez um papel um pouco é... digamos que imponente né? Por esse procedimento de tá atuando enquanto educadora e o próprio papel de presidente sindicato, né? Ela acaba que me dá uma... uma certa postura de posição e de conhecimento, de destaque perante a sociedade tanto Gameleirense, quanto Monte Azulense e trabalho nessa correria, só que aí eu não /tava/ voltando, né para o assunto enquanto pessoa trans, eu não /tava/ me sentindo feliz, né? Eu tinha ainda o meu conflito em Monte Azul, eu tinha um guarda-roupa praticamente com vestes femininas e vivia em Gameleiras, onde eu trabalhava com esse procedimento de guarda-roupa masculino, feminino. E aí, em 2019, eu comecei a... pensei né? E comecei a realizar meu sonho de enquanto vida acadêmica digamos assim, oh, atualmente eu faço o curso

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

de direito, estou indo agora, né, em 2021 a concluir o 6º período, é meu terceiro ano e me vi dentro da academia do direito como uma pessoa extremamente emponderada, coisa que eu já vinha buscando e conquistando o meu espaço, a partir do momento que eu entrei na academia do direito, eu percebi o quanto de direito que eu enquanto mulher trans tenho e os mecanismos que eu utilizo, o que eu tenho disponível para utilização da reafirmação dos meus direitos enquanto indivíduo trans. Em 2019, em agosto ajuizamos uma ação, protocolamos uma ação de retificação de nome e sexo, eu preferir utilizar pelas vias judiciais do que administrativa para tentativa de... de que essa ação seria um pouco menos burocrática, né? E a partir do momento que o juiz sentenciasse não teria muito o que se questionar, coisa que aconteceu mesmo, e mesmo assim quando aconteceu com relação a Superintendência e algumas escolas da rede estadual de Minas Gerais, eu solicitei aí um processo que eu solicitei uma nova retificação de Contagem e aí fizeram só que não me entregaram, porque tinham que estudar o meu caso. Eu gostaria de ressaltar que essa questão do nome para uma pessoa trans, ela é muito... muito... pessoal e importante. Para muitos é só um nome né? O nome não tem tanto significado, mas quando a gente parte pelo pressuposto do... de direitos e garantias da personalidade do ser humano é muito importante, eu até então eu já utilizava o nome social, depois que eu comecei fazer essa minha transição lá em 2011/2012, eu já disse adquiri o nome social, porém somente agora né, no final de 2020 que eu fiz alguns procedimentos cirúrgicos como prótese de silicone, lipoescultura porque querendo ou não, por mais que eu me reconheça como uma mulher trans, mas eu também tenho a consciência que meu físico... meu físico, ele é um físico masculino. Então tinha um corpo meio que quadrado não tinha tantas curvas e aí atualmente eu consegui fazer cirurgia, né? Final 2020 e consegui externar, ou seja, eu falo que a minha cirurgia não é nem uma cirurgia estética, que foram cirurgias necessárias e de reafirmação da mulher que eu sou né? Eu terminei aparência feminina que já existia né e já existia em minha mente e passando por esse processo de cirurgia, quando foi em maio deste ano de 2021, eu fui intimada a comparecer no tribunal do júri, na Comarca de Monte Azul e já tinha feito a minha cirurgia quando foi sorteada lá no plenário e me chamaram pelo meu nome civil masculino, foi quando todos que estavam ali presentes sentiram aquela questão de desconforto, não sei se o termo mais cabível, mas uma sensação de extremo desconforto. Logo o senhor, o magistrado e promotor de justiça viram o quão constrangedor era meu nome civil que ali estava com a aparência que já não tinha mais né? Uma aparência hoje que está totalmente feminina. E aí logo se prontificaram a perguntar meu nome social e aí eu falei, e aí desde então tanto o nome quanto o pronome eram todos no feminino para ela, dela, essas coisas. No momento do intervalo, eu

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

solicitei, agradei na verdade, agradei ao magistrado pela... por ele ter reconhecido, né? Como que é constrangedor a questão de... do nome masculino para uma pessoa que tem uma aparência totalmente feminina como a minha hoje. E aí fiquei, agradei ele, aproveitei a oportunidade e o ensejo ali e já comentei que havia protocolado, né em agosto do ano passado, do ano 2019, eu falei com ele que eu já tinha protocolado em 2019/2020. Não me recordo acho que foi 2020, em 2020 protocolei ação de retificação e que aí já tinha até eu parecer favorável do Ministério Público, mas /tava/ aguardando para que ele sentenciasse, e aí isso aconteceu numa quarta, na quinta, sexta-feira seguinte, ele revisou processo e fez a sentença e foi publicada em maio de 2021, dia 25 de maio foi publicada essa sentença da minha retificação de nome e sexo. E aí desde então eu comecei a loucura de... de alteração de nome, passei por esse processo, peguei a sentença, fui no cartório onde não teve, né, tantos constrangimentos o rapaz, entendeu que era meu direito e fez uma nova certidão de nascimento que foi onde eu realmente nasci como mulher trans. E se o marco do meu nome, da minha operação ela... ele reafirmou a mulher trans que sou e aí passei por esses processos, fui atrás da Receita Federal tentar fazer as alterações do CPF, fui procurar o Registro Civil com relação a identidade, CNH e todo esse processo de alteração que foi um pouco desgastante, mas aí como eu disse, né? Eu como operadora do direito, passei por todo esse processo de... descaso não, esse processo burocrático digamos assim, né. Eu com o pouco de conhecimento jurídico, já passei por isso, passei por esse processo, imagina as meninas trans que não tem né que não tem uma... uma... uma bagagem ou noções de... dos seus direitos. Mas, é bem complicado essa situação quando a gente fala né, nessa questão do meu cotidiano, meu cotidiano, ele se resume em trabalhar e estudar, tá com os dias eu trabalho como professora e outros dias trabalho como supervisora, mas atuando como presidente sindical, tenho dois cargos, trabalho todos os dias de manhã e à tarde e à noite eu faço faculdade, né? Vou para faculdade em Mato Verde que são três, acabo atuando em três municípios, trabalho em dois municípios tudo em um terceiro. Minhas atividades... atividades realmente é essa correria de regência, de militância e de academia tem um bom convívio pessoal. É eu sou muito... muito... segundo as minhas amigadas, eu sou uma pessoa muito extrovertida, é... muito comunicativa. Então eu tenho um relacionamento é... minhas relações pessoais, elas são bem... são bem... bem... bem... bem tranquilas, digamos assim. Com relação a preconceitos eu acredito que eu já amadureci muito essa ideia de ser vítima de preconceito, não que preconceito não exista, ele existe sempre vai existir, infelizmente você lutar contra o que politicamente, que culturalmente foi se cultuado, se criado que é algo que diferente do homem da mulher está errado, como eu já ouvi dizer que qualquer coisa que fuja do

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

convencional Adão e Eva é aberração hoje. Eu vejo isso como... como pessoas sem conhecimentos, sem amor ao próximo, não sei... sou muito... sou muito tranquila com relação a isso, não... não seja que não exista né esse preconceito. Mas, eu sou uma pessoa... eu sou muito munida de conhecimento e de postura, então quando alguém questiona para mim coisas relacionadas a minha identidade de gênero, outrora com relação a confusão que eles fazem em identidade de gênero e orientação sexual, eu tenho que explicar da forma mais didática possível, se a pessoa entender bem se eu não entender não posso fazer nada, né? Cada um tem que buscar é... conhecer e se conhecer ou pelo menos a questão do respeitar ao próximo, isso ai é fundamental. Sobre a questão do corpo eu tenho... hoje estou extremamente feliz com meu corpo, eu precisava, o que faltava em mim era essa readequação de... de curvas, de silicone digamos assim. Eu sou uma pessoa muito tranquila com relação ao que eu sou e, onde estou e onde eu quero chegar, me vejo aí como uma acadêmica do curso de Direito, talvez eu serei a primeira mulher trans do norte de Minas ou de Minas Gerais a exercer advocacia, se tudo der certo pretendo seguir a carreira criminalista. É... me considero uma pessoa diferenciada, meus próprios professores na faculdade, eles falam que... que infelizmente ou felizmente eu sou uma pessoa uma exceção à regra, eu sou uma exceção à regra porque uma pessoa trans travesti, né transexual, que acaba fazendo essa diferenciação ela por consequência ou por é... influência, a vida de uma pessoa trans se resume em três... três destinos ou ela vai para prostituição ou ela vai para área da beleza e acaba que /muita das vezes/ na criminalidade, né e isso é muito triste, infelizmente a, o indivíduo trans que engloba né transexual, , travesti, o indivíduo trans do Brasil, ele é muito marginalizado, ele não tem, não se dão oportunidades a essas pessoas e isso, infelizmente é a realidade, além de ser um dos países... o país que mais mata pessoas LGBTQIA+, ainda tem todo esse processo, esse foco de vulnerabilidade com uma pessoa, como é o público das pessoas trans que acabam não tendo credibilidade e são marginalizados perante a sociedade. Então eu acabo sendo uma... uma exceção à regra, eu consegui estudar, conseguir me formar e hoje eu exerço um papel importante e de respeito na sociedade para que... às vezes eu até gosto de expor, de falar essas situações é... de informar, de relatar de constar meus relatos, para uma tentativa e que eu seja... digamos que um incentivo né uma pessoa que... que talvez mesmo que eu não possa, que eu não tenha propriedade ou que eu seja uma pessoa a ser seguida ou que possa né, servir de fonte de inspiração, mas pelo menos que, que possa ser, que possam ver que é possível a gente escolher um caminho diferente, que é possível a gente escolher o fugir dessa regra, fugir da... da vida noturna, fugir prostituição, talvez é a área da Beleza não seja tão seja necessária, mas não... não me dá um lucro ou algo que possa me dar uma vida

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

confortável digamos assim e que essa marginalidade né, ela seja desmistificada. Então que é possível sim fazer esse processo de correr atrás, não foi fácil, não foi fácil em nenhum, desde o início estudar igual como eu disse no início, né? Faculdade, eu estudei a vida inteira escola pública, minha faculdade de pedagogia eu... conseguir bolsa, fui bolsista, já /tava/ tocando, comecei a geografia, já atuava. E aí a minha faculdade pedagogia de geografia, já... já foi particular integral e hoje eu faço direito, mas como FIES. Sou bolsista do FIES, então assim é muito... vai de cada um, vai de cada ser humano, eu falo que eu tive oportunidades e eu consegui, soube agarrá-las no intuito de me formar e de tentar ser, e fazer diferente, mas é... é isso. Eu espero que eu tenha atendido a pesquisa, espero que eu tenha contribuído no intuito de que realmente essas pesquisas, elas... elas são necessárias para... para... para a formação para mostrar é... a realidade, né do convívio social, de todos esses processos. Fiquei muito feliz pelo convite, agradeço e me coloco à disposição e... e esse tema muito, muito me instiga, muito me motiva, até porque é... essas relações de pessoas trans, elas só vão se tornar é... conhecidas, a partir do momento que a gente realmente pesquisar e tá trazendo, né dados reais com relação desse público. É e justifico também que é um tema muito pertinente e que eu vou estar utilizando, né algo relacionado a LGBTQIA+, até como mulher trans, é uma pauta que eu quero trazer até como linha de pesquisa na minha... no meu trabalho de conclusão de curso de Direito. Então assim, realmente é um trabalho muito... muito importante e esses trabalhos eles devem ser publicados e trazidos em pauta para atualidade para que mais pessoas possam conhecer. Mas é isso, me coloco à disposição com você que a pesquisa ela tem um coro né? Ela... ela necessita de uma, uma situação de Anonimato, isso eu não tenho problema nenhum em falar, mas como praxe, né? Como método da pesquisa, eu não estou me revelando enquanto o nome, meu nome, mas tem os meus dados onde que onde posso ser encontrada e me coloco à disposição, se for o caso de... de... uma roda de conversa ou outro trabalho em que eu posso estar contando um pouco mais para vocês ou para quem necessita de... de... de saber que é possível essas mudanças.

**BRIGITTE (07min38seg)**

Olá bom dia, eu tenho 37 anos, nasci em Santa Vitória, mas moro em São Simão e fui criada pelos meus avós, desde quando nasci. É.... vamos falar um pouco de mim, eu fui descobrir minha sexualidade, já /tava/ com 17 anos, quando eu fui perceber que eu gostava de... da pessoa do mesmo sexo. É.... dos meus avós foi bem natural. Não tive nenhum problema, minha vó sempre me apoiou, meu vô também me apoiou nunca me falou nada, tive... um pouco de

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

resistência do lado da minha mãe, no começo ela não aceitava, tinha muito medo dos outros fazer mal para mim, que eu assumi numa época que o preconceito era muito grande ainda, não que não ainda exista, mas hoje é bem menos, a minha época havia muita agressão, morte. É... então no começo foi bem difícil para ela, mas graças a Deus Logo, logo ela foi me entendendo e viramos melhores amigas e somos até hoje melhores amigas, eu e minha mãe, sou muito apaixonada nela, que sempre me apoiou. Minha transição foi muito rápida, eu em um ano eu já /tava/ bem feminina só meu cabelo que era curto, mas eu... minha transição foi muito rápida mesmo, fiquei feminina muito rápido, comecei me vestir já também, porque uma coisa eu sempre tive na minha cabeça, se eu fosse me assumir eu ia virar mulher. É... no começo sempre tem né? Aquele /preconceitozinho/ em barzinho, lanchonete, mas era uma coisa que eu sabia tirar de letra, né? Porque eu já entrei sabendo que não seria fácil, graças a Deus nunca passei pelo... apanhar na rua isso não, graças a Deus! Sempre foi muito tranquilo nessa questão e... então eu assumi com 17 anos, com 19 anos eu casei a primeira vez, fiquei casada 6 anos com esse rapaz, tivemos um relacionamento bom, né? Até um certo ponto depois não deu certo, mas separou. Nesse intervalo que eu e ele separou eu fiquei mais ou menos um ano e meio solteiro, conheci outro rapaz, fui morar com ele, com esse outro rapaz, eu fiquei oito anos. Também tivemos uma relação boa, perfeita, posso te dizer, né? Só não foi melhor porque acabou, eu imaginava que eu ia viver para o resto da vida, mas... não foi dessa vez e desde então, eu já /tô/ sozinha há sete anos depois desse relacionamento não consigo relacionar com ninguém e nem quero. Por enquanto estou muito bem sozinha, graças a Deus e a cinco anos, eu descobri que eu queria virar mulher trans. Entrei na fila... do SUS, já tem cinco anos que eu faço o acompanhamento por médicos e psicólogo, minha cirurgia já foi liberada era para me ter operado em fevereiro do ano passado, mas devido a pandemia, a minha... foi adiada a minha cirurgia, ainda não tem previsão de quando será, mas eu estou muito ciente do que eu quero, que agora é ser uma mulher trans porque hoje eu me considero transexual. Serviço, meu serviço também, graças a Deus, nunca tive problema nos meus serviços, não passei por constrangimento nada e quando tinha um bolo eu sempre sabia sair, é... só que depois que eu fiz essa mudança de nome e gênero eu considero que ficou melhor, porque o povo parou de me olhar, mais assim, porque me chamava pelo meu nome aí eu masculino, eu chegava bem feminina e seios grandes, né cabelão. Bem feminino, então ficava aquele constrangimento hoje, graças a Deus, depois eu fiz a mudança de nome e gênero já me chama pelo meu nome, eu entro não tem aqueles olhares estranho tudo, todas as empresas que eu trabalhei nunca tive problema com preconceito, o povo sempre me tratou muito meus líderes, encarregado. E... é isso. Eu graças a Deus eu falo que

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

eu sou muito abençoada por eu não, eu não sofri muito, eu não sofri com preconceito, eu não sofri com agressão sempre fui a bem aceita nos lugares, mas a minha avó me ensinou, né a saber entrar e sair, sempre dê o respeito para ser respeitada, vejo muitos amigos meus que sofrem com preconceito, mas é igual eu falo, é... já entra sabendo que não vai ser fácil, então acho que a gente tem que ter um jogo de cintura para saber sair, porque se a gente for viver discutindo e brigando com pessoas preconceituosas a gente não vive. Eu acho que a melhor coisa é ignorar no meu ponto de vista, né? E graças a Deus eu sou feliz comigo mesma, é... aí, eu sou meia, não sei eu também sou meio grossona, {então o povo já fica meio assim}, mas é igual eu falei, sempre dei respeito para mim ser sempre respeitada e eu sou muito respeitada, graças a Deus. Aí é isso... minha trajetória, foi essa né? Igual falei... fiquei feminina muito rápido, só meu cabelo que demorou a crescer, mas hoje meu cabelo é do tamanho que eu quero na bunda e é isso.

**LUPITA GOLD (10min07s)**

Oi boa tarde, é... eu tenho 43 anos, é... eu moro no Estado de Goiás na cidade de São Simão, Goiás e atualmente moro em Paranaiguara, Goiás. Então toda vida eu morei no interior e sempre fui é... travesti. Ah... Então como moro no interior, minha vida foi uma vida muito aberta muito meio de sociedade, cidade pequena, né? Hipócrita, uma sociedade onde aceita mas não aceita. Minha infância foi uma infância muito boa, né? Morei com a minha avó onde minha aprendeu sempre me botou para trabalhar junto com ela e eu fui aprendendo a conviver mais. Mas, aos meus 14 anos, fui vendo que a minha mente, o meu corpo, os meus desejos foi diferenciando para um lado onde que eu tive... observava e ficava com medo, e assim foi aumentando os meus desejos desejo por homens. E aí... foi só desenvolvendo, então do meu 14 até os meus 16 foi /uma frustrações/ de luta para saber sobre o meu... a minha opção mesmo realmente é o que eu queria, nessa... nesse intervalo entre meus 14 16 anos, eu virei uma pessoa evangélica onde eu frequentei até os meus 18 anos, mas nunca perdi o desejo por homens, nunca namorei mulher nenhuma, né? Mas teve alguns fatos que a gente tem aquele ditado, né? Ah... tem que experimentar uma mulher para a gente poder... experimentar a mulher para a gente ver se realmente é o que a gente quer. Nesse intervalo, namorei uma menina em pequenos... é num pequeno intervalo, onde que eu... namorei uma menina durante seis meses e aí fui observar que realmente não era isso que eu queria. E aí realmente terminei, aí eu fui identificar realmente a minha vida de homossexual, né? Sempre tive um desejo mais afeminado e com esse desejo

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

mais afeminado eu me virei um travesti. Mas, eu sou mais um travesti no período da noite, onde que eu saio, aonde que eu vou para uma boate, onde que eu vou para algum lugar onde que eu tenho prazer de me arrumar. Durante o dia eu trabalho, né? Mas, me visto normal, né? não deixo minhas expressões feminina, né? E eu... tenho... muito o lado delicado, né? Essa parte eu gosto muito, se eu pudesse ficaria mais afeminado, só que a minha falta de tempo de trabalho, eu não, não, não tenho muito esse tempo, mas realmente quando eu saio eu gosto de me afeminar bastante. É... eu atualmente trabalho bastante, nisso... terminei o segundo grau completo, onde fiz algumas formações para professor, eu amei a experiência, gostei muito só que nessa experiência eu resolvi não... não seguir carreira. Foi para o outro lado, fiz uma formação em cabeleireiro, onde tenho especialização e eu... trabalhei como cabeleireiro mais ou menos uns dois a três anos. Apesar que eu sou até hoje como... sou cabeleireiro tem várias... várias situações dentro. E trabalho. Mas não, nesse intervalo hoje eu sou cuidador de idoso, estudei, me formei, estou nessa área de cuidador de idoso, onde trabalho, às vezes... de 4, tempo todo só com idoso, a minha formação. Em relação a namorados, ah... isso eu nunca tive muito tempo, para namorar realmente, não tive relacionamentos longos, só relacionamentos curtos, aonde que não gosto de me apegar muitas coisas, eu gosto de coisas que não me afoba, que deixe eu né? É... desafogar a minha vida, que eu preciso é... atender as minhas outras fases, né? Então em termos de homens realmente é muito pouco, não tive relacionamento. Já me prostituir, já trabalhei na noite, né? E... foi um... período aonde que eu trabalhei, me ajudou muito, foi uma das minhas coisas que me ajudou bastante crescer e ver que realmente o lado do trabalho noturno não é um trabalho tão bom como as pessoas pensam, mas, é bom que me ajudou bastante na minha formação de /alguma coisas/. É... e socialmente como se diz sociedade é sociedade, né? Então, não acho que eu tive preconceito, não acho que sou discriminado, sou uma pessoa muito feliz em tudo. Em relação a minha vida foi tudo tão maravilhoso, a sociedade a gente consegue se levantar contra, quando você é bem visto você é bem tratado, mas quando você é mal visto, você é maltratado, só que você vai de acordo com a sua personalidade, com a sua necessidade né? As pessoas elas gostam muito de atingir o lado onde que /elas não vê/, a partir do momento que /elas vê/ o seu lado bom, assim igual falei, eu não... tive preconceito sim, só que assim, eu sou uma pessoa muito zen, muito calma, eu sou uma pessoa muito tranquila, então a vida me ensinou muita coisa, as minhas experiências de vida, eu tive uma família maravilhosa né? Tive problema com minha família? Tive... mas hoje eu tiro de letra, por um período curto desse mesmo problema, eles sempre me aceitaram, sempre me apoiaram, eu acho que também pelo fato que eu comecei a trabalhar muito cedo, eu tive a vida muito



*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

independente e tenho até hoje. E hoje aos 43 anos, eu me sinto uma pessoa muito realizada, profissionalmente, emocionalmente. É... Sim nada me abala, só tenho conquista, a minha vida era uma vida muito... e consegui expandir ela então eu tenho muito muito muito muito bom, me sinto muito feliz e levar a vida, a vida é cheia de altos e baixos, obstáculos a gente sempre vai ter, mas a gente luta sempre contra. Sobre o meu corpo... eu me sinto uma mulher quando eu coloco um salto 15 no meu pé, é... a forma de me vestir, ela me realiza, os meus hormônios e minha prótese. Tá mas o meu corpo quando eu me /maqueio/, põe o meu salto, saio para noite toda afeminada para mim é a melhor coisa. É... sou uma pessoa assim de estrutura magra, né? Seios pequenos, não quis fazer a cirurgia de sexo, porque me sinto bem com meu pênis não me atrapalha em nada, ele é apenas um órgão que às vezes usa, às vezes não. Mas, mas na maioria das vezes não usa, mas não tenho vontade. Amo ter meu pênis o meu corpo, né? Ele é bem definido, é mais para o lado feminino do que para o lado masculino, então a mente, o corpo, a boca tudo. E assim... eu acho que para gente falar certo assim, a gente tem na pele né? o que é ser uma trans, uma travesti e uma transexual, uma tudo, porque a gente só sente bem quando a gente faz e tá realizando. tudo aquilo que a gente faz para se sentir bem, a gente só pode falar realmente que está bem quando você está bem, pois eu me amo do jeito que eu sou, posso estar numa roupa masculina, posso estar numa roupa feminina, eu sou do mesmo jeito mulher! Mulher! Mulher! Mulher, a minha mente, minha delicadeza e a minha educação.

**Apêndice 4: Pré-seleção de representações das participantes**

Participantes	O corpo como manifestação política e como campo de transformação	A educação e a formação profissional como discurso de empoderamento	O espaço público e a relação com o outro como compreensão dos olhares alheios	Formas de se individualizar e de se coletivizar como um propósito a ser alcançado.
Linn	<p>Considero a permissão para aflorar a minha travestilidade ainda muito recente, perto de 16/17 anos como minha pré transformação onde estava me preparando de vez, pra tudo que ia enfrentar enquanto pessoa não cisgênera.</p>	<p>estava e ainda estou à procura de emprego fixo de meio período, pois eu estou cursando ensino médio, afim de me estruturar e de criar novas experiências enquanto travesti</p> <p>Recentemente consegui alterar meu nome dentro do meio escolar e considero isso um marco muito importante</p>	<p>eu tentava me adequar, porém de forma a flexibilizar pelo menos o mínimo dos meus trejeitos</p> <p>logo quanto eu pudesse e com um pouco mais de estrutura começaria a trazer o assunto para dentro de casa e fora dela também, com todas que me rodeavam e tinha contato comigo</p> <p>Amigas, pessoas com as quais resido, colegas e outras que tem contato comigo aos pouquinhos foram sendo introduzidos a mim. E ainda estão sendo, parece um processo que... não tem fim, mas sempre digo a mim mesma para ter paciência e tentar me e tentar levar de... da maneira mais rápida possível, brigas, discussões, constrangimento fizeram e fazem parte, mas sinto que aos pouquinhos vai se exaurindo, bem aos pouquinhos mesmo</p> <p>minha História compreende 18 anos e meio de experiências vivendo numa sociedade hetero-binário</p>	<p>desde pequena, já me compreendi enquanto LGBTQIA+</p> <p>nunca me senti encaixado no gênero imposto a mim pela sociedade</p> <p>sempre digo a mim mesma para ter paciência e tentar me e tentar levar de... da maneira mais rápida possível</p> <p>Linn tem um papel muito importante na minha vida é... por isso essas pessoas transvestidas e artistas, tem um lugar muito mais do que especial em meu ser</p> <p>[...] por muitas que morreram atrás e as que estão morrendo aí até hoje. Estamos e vamos tornar o mundo um lugar possível para nós</p>

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

<p><b>Dandara</b></p>	<p>eu me identifico enquanto uma travesti preta e... eu costumo dizer que eu gosto muito das práticas e desobediências de gênero né? Eu uso, eu uso a identidade de travesti também como uma marcação política</p> <p>tenho feito do meu corpo um espaço de experimentação [...] uma forma de se fazer política</p> <p>na minha cabeça não faz muito sentido usar hormônios assim, porque isso é uma afirmação de que eu quero caber, de que eu quero pertencer a alguma coisa</p> <p>eu sempre, eu me acho um corpo estranho, eu me acho, eu me acho que eu me fiz a partir do erro daquilo que as pessoas veem como um erro daquilo que as pessoas veem como estranho, como um objeto e acho que eu me pensei e me construí a partir disso sabe? Acho que pensar, pensar que eu sou uma falha desse sistema é uma coisa que me empodera</p> <p>através do questionamento acho que as pessoas sempre olham para mim se questionando será que é homem, será que é uma mulher, será que é o que, sabe? Eu gosto disso, eu gosto de que as pessoas me olhem e me vejam que é uma outra possibilidade de corpo, sabe?</p>	<p>a universidade foi um espaço onde eu aprendi muitas coisas</p> <p>entrar na Universidade para mim foi, uma coisa muito, nossa! foi muito bom assim porque eu consegui ver outras perspectivas de mundo para além daquelas que eu já tinha que eram poucas assim. Eu tive acesso a muitas questões que também me ajudaram muito a pensar, né?</p> <p>eu quero muito também ser uma referência dentro do espaço acadêmico, acho que é uma ambição assim que eu tenho sabe? é um desejo que eu tenho, mas quero tá propondo novas ideias sabe? tá propondo novas formas de fazer pesquisa e também novas formas de se pensar né? o que são as epistemologias travestis, né?</p>	<p>eu era uma das, eu acho que a única travesti que eu conhecia do meu curso, e acho que talvez da universidade porque eu realmente não conhecia outras assim, e... eu até me sentia muito sozinha, né? Porque eu ficava me questionando muito, se eu sou a única travesti que /tô/ naquele espaço, onde que estão as outras sabe? Onde que, o que elas estão fazendo? qual que é a perspectiva de vida que elas têm sabe? Então essas questões assim sempre fizeram muito parte da minha vida</p> <p>eu até me sentia muito sozinha nos espaços que eu estava transitando</p> <p>Eu acho que essa necessidade de pertencimento, essa necessidade de caber pra... corpos como meu às vezes é muito, às vezes é tudo isso que a gente quer sabe? eu acho que eu tenho questionado isso, sabe porque eu não quero me sentir pertencida, e eu não quero caber, na minha cabeça não faz muito sentido usar hormônios assim, porque isso é uma afirmação de que eu quero caber, de que eu quero pertencer a alguma coisa</p> <p>eu quero muito também ser uma referência dentro do espaço acadêmico, acho que é uma ambição assim que eu tenho sabe? é um desejo que eu tenho, mas quero tá propondo novas ideias sabe? tá</p>	<p>eu me identifico enquanto uma travesti preta</p> <p>eu me acho um corpo estranho, eu me acho, eu me acho que eu me fiz a partir do erro daquilo que as pessoas veem como um erro daquilo que as pessoas veem como estranho</p> <p>a prostituição não é o... a nossa única opção, a nossa única possibilidade de vida, eu acho que a gente não pode ter medo de invadir esses espaços”</p>
-----------------------	--	---	---	--

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

			propondo novas formas de fazer pesquisa e também novas formas de se pensar né?	
<b>Sara</b>	<p>a gente vem quebrar o estereótipo do que quer ser uma mulher padrão, do que do que que você tinha como uma forma de nascer, mulher e... e transexualidade, ela vem para dizer que não se nasce mulher ou se nasce homem</p> <p>ali com 12, 13 anos que eu fui afetada por essas mudanças físicas, hormonais e clássicas da puberdade, eu comecei a entender que é o feminino, não era só um ponto de admiração de flerte, mas era um ponto de identificação e de território afetivo</p> <p>eu tinha nascido ali na minha imaginação homem, eu ia morrer homem, então não havia possibilidade de ser uma mulher, então entre um conflito muito grande comigo mesmo ali por volta dos meus 16 anos que eu já tinha passado ali por grande parte da puberdade e com isso vem os pelos, vem o engrossamento da voz, a gente começa a ficar com corpo mais largo e aquilo me incomodava muito</p> <p>chega os meus 16 anos, eu entro num quadro de emagrecimento assim e foi quase que um quadro anoréxico que eu emagreci mais ou menos 25 Kg em 3 meses</p> <p>eu vou começando a ficar um pouco</p>	<p>Então eu entro na universidade e até a terapia ela me ajuda a escolher também de fato a psicologia, porque eu sou psicóloga então eu tive uma influência grande dá... desse processo analítico que me faz de alguma forma me apaixonar pelo campo da Psicologia mais ainda</p> <p>começo a me interessar cada vez mais pela temática da transexualidade e eu vou me incluindo nos movimentos, ali dá universidade mesmo, vou participando de roda de conversas, debates sobre o tema então é ai que eu vou né entendendo com os meus pares né?</p>	<p>eu acho que eu tive uma infância muito tranquila em relação a isso, embora as questões de gênero e sexualidade elas já estavam ali sendo impostas de alguma forma, porque quando a gente cresce, a gente se constitui como sujeito essas categorias elas nos... de alguma forma, elas nos são apresentadas e são apresentados de uma forma muito fixa e rígida</p> <p>quando eu me direcionava para as coisas do feminino havia uma certa repressão familiar clássica, né do tipo ah, isso é de menina não pode então eu gostava muito das bonecas da minha irmã, eu gosto de brincar de barbie, mas eu também gostava das coisas de menino</p> <p>prestes eu a ter a festa de formatura, ela me aparece com o vestido, né? Então ali naquele momento quando ela me entrega esse vestido depois de inúmeros pés guerras, eu entendo que ela me reconhece quando Sara enquanto filha tá. Ali naquele momento foi muito importante para mim, receber esse vestido dela de formatura porque ali eu nasci enquanto Sara, ali eu me senti filha, é porque há uma forma dos pais é resistir a identidade trans dos seus filhos</p>	<p>é isso aqui, é isso que eu quero seguir, é esse caminho, é essa pessoa, é assim que eu quero que as pessoas me vejam e que eu mesma me veja</p> <p>de uma certa forma eu fui me distanciando desse lugar do masculino violento, para pensar em uma outra forma de me situar enquanto o menino mas é para além dessa diferença desse incômodo com a questão do masculino. Eu comecei a encontrar no universo feminino uma forma de... consegui expressar e conseguir de fato ou estar ali no... de uma forma que fosse confortável para mim</p> <p>vou conseguindo entender que a transexualidade é um caminho possível e a travestilidade e transexualidade elas não são categorias, mórbidas, sujas, promíscuas que era o quê né se vendia ali há 10 anos atrás, nos meus 17 anos, como uma imagem da pessoa trans, que é o cara que se veste de mulher e vai para rua buscar sexo né?</p>

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

	<p>andrógina, usando uma calça mais apertada, começo a flertar com uma certa maquiagem, de um lápis no olho</p> <p>eu gostava quando as pessoas me confundiam na rua ou em outro lugar com uma menina, né? Então as pessoas me chamavam ei moça aí né? Chegava mais perto e via que eu era um menino, então eu gostava desse... de brincar com isso, né?</p>		<p>justamente /pelo dificuldade/ de fazer o luto dessa identidade antiga, porque é um luto, né?</p>	
<b>Juliana</b>	<p>Eu me vi é... uma criança é... um menino gay até os meus 11 anos, 12 anos e depois dessa idade, eu comecei a vestir, né</p> <p>E aí passei por /todos os procedimento/ de transição quando me formei no ensino médio em 2007,</p> <p>por mais que eu me reconheça como uma mulher trans, mas eu também tenho a consciência que meu físico... meu físico, ele é um físico masculino. Então tinha um corpo meio que quadrado não tinha tantas curvas e aí atualmente eu consegui fazer cirurgia, né? Final 2020 e consegui externar, ou seja, eu falo que a minha cirurgia não é nem uma cirurgia estética, que foram cirurgias necessárias e de reafirmação da mulher que eu sou né?</p>	<p>quando foi em 2011 que eu terminei minha faculdade de pedagogia, aí eu comecei a tomar né? Hormônios</p> <p>[...] terminei minha faculdade agora sou dona do meu nariz, vou fazer o que eu quiser da minha vida, mas não foi por aí</p> <p>ingressei na rede estadual de Minas Gerais como professora de geografia, por que o curso de pedagogia ele me autorizava da aula de geografia</p> <p>E já ingressei em 2012, fiz pós-graduação em pedagogia empresarial, hospitalar e carcerária aí 2013, eu comecei fazer o curso de geografia, licenciatura em geografia que para me dar suporte, né para tá atuando enquanto professora. Em 2014, eu passei no concurso, concurso público da Prefeitura Municipal de Gameleiras e nesse concurso, passei para o cargo de supervisor escolar mediante a faculdade de pedagogia</p>	<p>Eu tinha ainda o meu conflito em Monte Azul, eu tinha um guarda-roupa praticamente com vestes femininas e vivia em Gameleiras, onde eu trabalhava com esse procedimento de guarda-roupa masculino, feminino</p> <p>em maio deste ano de 2021, eu fui intimada a comparecer no tribunal do júri, na Comarca de Monte Azul e já tinha feito a minha cirurgia quando foi sorteada lá no plenário e me chamaram pelo meu nome civil masculino, foi quando todos que estavam ali presentes sentiram aquela questão de desconforto, não sei se o termo mais cabível, mas uma sensação de extremo desconforto</p> <p>peguei a sentença, fui no cartório onde não teve, né, tantos constrangimentos o rapaz, entendeu que era meu direito e fez uma nova certidão de nascimento que foi onde eu realmente nasci como mulher trans</p>	<p>eu prefiro me definir como mulher trans uma vez que eu não sou cisgênero</p> <p>Eu gostaria de ressaltar que essa questão do nome para uma pessoa trans, ela é muito... muito... pessoal e importante</p> <p>eu sou muito munida de conhecimento e de postura, então quando alguém questiona para mim coisas relacionadas a minha identidade de gênero, outrora com relação a confusão que eles fazem em identidade de gênero e orientação sexual, eu tenho que explicar da forma mais didática possível, se a pessoa entender bem se eu não entender não posso fazer nada, né?</p> <p>Eu sou uma pessoa muito tranquila com relação ao que eu sou e, onde estou e onde eu quero chegar, me vejo aí como uma acadêmica do curso de Direito, talvez eu serei a primeira mulher trans do norte de Minas ou de</p>

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

		<p>que eu já tinha né</p> <p>E aí eu trabalho tanto no sindicato, quanto professora de geografia e aí fico nessa correria, né trabalhando em dois municípios entre Gameleiras e Monte Azul</p> <p>atualmente eu faço o curso de direito, estou indo agora, né, em 2021 a concluir o 6º período</p>	<p>Minas Gerais a exercer advocacia, se tudo der certo pretendo seguir a carreira criminalista</p> <p>me considero uma pessoa diferenciada, meus próprios professores na faculdade, eles falam que... que infelizmente ou felizmente eu sou uma pessoa uma exceção à regra, eu sou uma exceção à regra porque uma pessoa trans travesti, né transexual, que acaba fazendo essa diferenciação</p> <p>a vida de uma pessoa trans se resume em três... três destinos ou ela vai para prostituição ou ela vai para área da beleza e acaba que /muita das vezes/ na criminalidade, né e isso é muito triste, infelizmente a, o indivíduo trans que engloba né transexual, , travesti, o indivíduo trans do Brasil, ele é muito marginalizado, ele não tem, não se dão oportunidades a essas pessoas e isso, infelizmente é a realidade</p> <p>eu consegui estudar, consegui me formar e hoje eu exerço um papel importante e de respeito na sociedade gosto de expor, de falar essas situações é... de informar, de relatar de constar meus relatos, para uma tentativa e que eu seja... digamos que um incentivo né</p> <p>é possível a gente escolher o fugir dessa regra, fugir da... da vida</p>
--	--	--	---

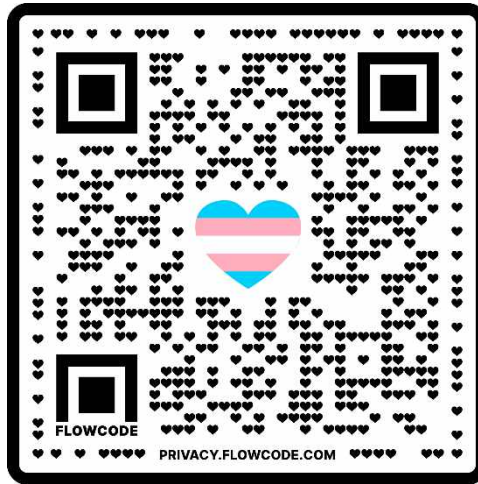
*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

				noturna, fugir prostituição, talvez é a área da Beleza não seja tão seja necessária
<b>Brigitte</b>	<p>Minha transição foi muito rápida, eu em um ano eu já /tava/ bem feminina só meu cabelo que era curto, mas eu... minha transição foi muito rápida mesmo, fiquei feminina muito rápido, comecei me vestir já também, porque uma coisa eu sempre tive na minha cabeça, se eu fosse me assumir eu ia virar mulher</p> <p>há cinco anos, eu descobri que eu queria virar mulher trans. Entrei na fila... do SUS, já tem cinco anos que eu faço o acompanhamento por médicos e psicólogo, minha cirurgia já foi liberada era para me ter operado em fevereiro do ano passado, mas devido a pandemia, a minha... foi adiada a minha cirurgia</p>	<p>Serviço, meu serviço também, graças a Deus, nunca tive problema nos meus serviços, não passei por constrangimento nada e quando tinha um bolo eu sempre sabia sair, é... só que depois que eu fiz essa mudança de nome e gênero eu considero que ficou melhor, porque o povo parou de me olhar, mais assim, porque me chamava pelo meu nome aí eu masculino, eu chegava bem feminina e seios grandes, né cabelão</p> <p>todas as empresas que eu trabalhei nunca tive problema com preconceito, o povo sempre me tratou muito meus líderes, encarregado</p>	<p>dos meus avós foi bem natural. Não tive nenhum problema, minha vó sempre me apoiou, meu vô também me apoiou nunca me falou nada, tive... um pouco de resistência do lado da minha mãe, no começo ela não aceitava, tinha muito medo dos outros fazer mal para mim, que eu assumi numa época que o preconceito era muito grande ainda, não que não ainda exista, mas hoje é bem menos, a minha época havia muita agressão, morte</p> <p>no começo sempre tem né? Aquele /preconceitozinho/ em barzinho, lanchonete, mas era uma coisa que eu sabia tirar de letra, né? Porque eu já entrei sabendo que não seria fácil, graças a Deus nunca passei pelo... apanhar na rua isso não, graças a Deus!</p>	<p>eu falo que eu sou muito abençoada por eu não, eu não sofri muito, eu não sofri com preconceito, eu não sofri com agressão sempre fui a bem aceita nos lugares, mas a minha avó me ensinou, né a saber entrar e sair, sempre dê o respeito para ser respeitada, vejo muitos amigos meus que sofrem com preconceito</p> <p>se a gente for viver discutindo e brigando com pessoas preconceituosas a gente não vive. Eu acho que a melhor coisa é ignorar no meu ponto de vista, né? E graças a Deus eu sou feliz comigo mesma</p>
<b>Lupita Gold</b>	<p>aos meus 14 anos, fui vendo que a minha mente, o meu corpo, os meus desejos foi diferenciando para um lado onde que eu tive... observava e ficava com medo, e assim foi aumentando os meus desejos desejo por homens</p> <p>eu me sinto uma mulher quando eu coloco um salto 15 no meu pé, é... a forma de me vestir, ela</p>	<p>Durante o dia eu trabalho, né? Mas, me visto normal, né? não deixo minhas expressões feminina, né? E eu... tenho... muito o lado delicado, né? Essa parte eu gosto muito, se eu pudesse ficaria mais afeminado, só que a minha falta de tempo de trabalho, eu não, não, não tenho muito esse tempo, mas realmente quando eu saio eu gosto de me</p>	<p>Então como moro no interior, minha vida foi uma vida muito aberta muito meio de sociedade, cidade pequena, né? Hipócrita, uma sociedade onde aceita mas não aceita</p> <p>nesse intervalo entre meus 14 16 anos, eu virei uma pessoa evangélica onde eu frequentei até os meus 18 anos, mas nunca perdi o desejo por</p>	<p>Sempre tive um desejo mais afeminado e com esse desejo mais afeminado eu me virei um travesti. Mas, eu sou mais um travesti no período da noite, onde que eu saio, aonde que eu vou para uma boate, onde que eu vou para algum lugar onde que eu tenho prazer de me arrumar.</p> <p>a gente consegue se levantar contra, quando</p>

*Por uma escuta transgressora: discursividades praticadas por mulheres transexuais, por mulheres transgêneras e por travestis ao falarem sobre si*

	<p>me realiza, os meus hormônios e minha prótese. Tá mas o meu corpo quando eu me /maqueio/, põe o meu salto, saio para noite toda afeminada para mim é a melhor coisa</p>	<p>afeminar bastante</p> <p>terminei o segundo grau completo, onde fiz algumas formações para professor, eu amei a experiência, gostei muito só que nessa experiência eu resolvi não... não seguir carreira. Foi para o outro lado, fiz uma formação em cabeleireiro, onde tenho especialização e eu... trabalhei como cabeleireiro mais ou menos uns dois a três anos. Apesar que eu sou até hoje como... sou cabeleireiro tem várias... várias situações dentro. E trabalho. Mas não, nesse intervalo hoje eu sou cuidador de idoso, estudei, me formei, estou nessa área de cuidador de idoso, onde trabalho, às vezes</p> <p>Já me prostituir, já trabalhei na noite, né? E... foi um... período aonde que eu trabalhei, me ajudou muito, foi uma das minhas coisas que me ajudou bastante crescer e ver que realmente o lado do trabalho noturno não é um trabalho tão bom como as pessoas pensam, mas, é bom que me ajudou bastante na minha formação de /alguma coisas</p>	<p>homens, nunca namorei mulher nenhuma, né?</p> <p>Então, não acho que eu tive preconceito, não acho que sou discriminado, sou uma pessoa muito feliz em tudo. Em relação a minha vida foi tudo tão maravilhoso</p>	<p>você é bem visto você é bem tratado, mas quando você é mal visto, você é maltratado, só que você vai de acordo com a sua personalidade, com a sua necessidade né?</p> <p>eu sou uma pessoa muito zen, muito calma, eu sou uma pessoa muito tranquila, então a vida me ensinou muita coisa, as minhas experiências de vida, eu tive uma família maravilhosa</p> <p>eu tiro de letra, por um período curto desse mesmo problema, eles sempre me aceitaram, sempre me apoiaram, eu acho que também pelo fato que eu comecei a trabalhar muito cedo, eu tive a vida muito independente e tenho até hoje. E hoje aos 43 anos, eu me sinto uma pessoa muito realizada, profissionalmente, emocionalmente. É... Sim nada me abala, só tenho conquista</p> <p>o que é ser uma trans, uma travesti e uma transexual, uma tudo, porque a gente só sente bem quando a gente faz e tá realizando. tudo aquilo que a gente faz para se sentir bem, a gente só pode falar realmente que está bem quando você está bem, pois eu me amo do jeito que eu sou, posso estar numa roupa masculina, posso estar numa roupa feminina, eu sou do mesmo jeito mulher!</p>
--	--	---	--	--





## Unstoppable

I'll smile, I know what it takes to fool this town  
I'll do it till the Sun goes down and all through the night time  
Oh, yeah, oh, yeah, I'll tell you what you wanna hear  
Leave my sunglasses on while I shed a tear  
It's never the right time, yeah, yeah  
I put my armor on, show you how strong I am  
I put my armor on, I'll show you that I am  
I'm unstoppable  
I'm a Porsche with no brakes  
I'm invincible  
Yeah, I win every single game  
I'm so powerful  
I don't need batteries to play  
I'm so confident, yeah, I'm unstoppable today  
Unstoppable today, unstoppable today  
Unstoppable today, I'm unstoppable today  
Break down, only alone I will cry out now  
You'll never see what's hiding out  
Hiding out deep down, yeah, yeah  
I know, I've heard that to let your feelings show  
Is the only way to make friendships grow  
But I'm too afraid now, yeah, yeah  
I put my armor on, show you how strong I am  
I put my armor on, I'll show you that I am  
I'm unstoppable  
I'm a Porsche with no brakes

I'm invincible  
Yeah, I win every single game  
I'm so powerful  
I don't need batteries to play  
I'm so confident, yeah, I'm unstoppable today  
Unstoppable today, unstoppable today  
Unstoppable today, I'm unstoppable today  
Unstoppable today, unstoppable today  
Unstoppable today, I'm unstoppable today  
I put my armor on, show you how strong I am  
I put my armor on, I'll show you that I am  
I'm unstoppable  
I'm a Porsche with no brakes  
I'm invincible  
Yeah, I win every single game  
I'm so powerful  
I don't need batteries to play  
I'm so confident, yeah, I'm unstoppable today  
Unstoppable today, unstoppable today  
Unstoppable today, I'm unstoppable today  
Unstoppable today, unstoppable today  
Unstoppable today, I'm unstoppable today

### **Imparável**

Vou sorrir, eu sei como enganar esta cidade  
Eu farei isto até o Sol se pôr, e através da noite toda  
Oh, sim, oh, sim, eu te direi o que quer ouvir  
Uso meus óculos de Sol enquanto deixo uma lágrima cair  
Nunca é a hora certa, sim, sim  
Eu coloco minha armadura, te mostro o quão forte sou  
Eu coloco minha armadura, vou te mostrar que eu sou  
Sou imparável  
Sou um Porsche sem freios  
Sou invencível  
Sim, eu ganho todos os jogos  
Sou tão poderosa  
Não preciso de baterias para funcionar  
Estou tão confiante, sim, hoje eu sou imparável  
Imparável hoje, imparável hoje  
Imparável hoje, hoje eu sou imparável

Derrotada, apenas chorarei agora quando estiver sozinha  
Você nunca verá o que está escondido  
Escondido lá no fundo, sim, sim  
Eu sei, já ouvi que mostrar os sentimentos  
É a única maneira de fazer as amizades crescerem  
Mas eu estou com muito medo agora, sim, sim  
Eu coloco minha armadura, te mostro o quão forte sou  
Eu coloco minha armadura, vou te mostrar que eu sou  
Sou imparável  
Sou um Porsche sem freios  
Sou invencível  
Sim, eu ganho todos os jogos  
Sou tão poderosa  
Não preciso de baterias para funcionar  
Estou tão confiante, sim, hoje eu sou imparável  
Imparável hoje, imparável hoje  
Imparável hoje, hoje eu sou imparável  
Imparável hoje, imparável hoje  
Imparável hoje, hoje eu sou imparável  
Eu coloco minha armadura, te mostro o quão forte sou  
Eu coloco minha armadura, vou te mostrar que eu sou  
Sou imparável  
Sou um Porsche sem freios  
Sou invencível  
Sim, eu ganho todos os jogos  
Sou tão poderosa  
Não preciso de baterias para jogar  
Estou tão confiante, sim, hoje eu sou imparável  
Imparável hoje, imparável hoje  
Imparável hoje, hoje eu sou imparável  
Imparável hoje, imparável hoje  
Imparável hoje, hoje eu sou imparável